



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**LIGIAN ALMEIDA OSHIMA**

**A PROFISSIONALIZAÇÃO DO OFÍCIO DAS LETRAS:**  
a institucionalização do curso de Letras Clássicas e Português na  
FFCL/USP (1934 – 1950)

Paranaíba/MS

2024

**LIGIAN ALMEIDA OSHIMA**

**A PROFISSIONALIZAÇÃO DO OFÍCIO DAS LETRAS:  
a institucionalização do curso de Letras Clássicas e Português na  
FFCL/USP (1934 – 1950)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração em Educação, Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba como exigência parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: História Sociedade e Educação.

Orientador: Prof. Dr. Diogo da Silva Roiz.

Paranaíba/MS

2024

---

O91p Oshima, Ligian Almeida

A profissionalização do ofício das letras: a institucionalização do curso de letras clássicas e português na FFCL/USP, 1934-1950 / Ligian Almeida Oshima. – Paranaíba, MS: UEMS, 2024.

108 p.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2024

Orientador: Prof. Dr. Diogo da Silva Roiz

1. Educação superior - História. 2. Curso de Letras Clássicas e Português (FFCL/USP) - História (1934-1950). 3. Institucionalização. 4. Formação universitária. I. Roiz, Diogo da Silva. II. Título.

CDD 23 ed.378.00981

**LIGIAN ALMEIDA OSHIMA**

**A PROFISSIONALIZAÇÃO DO OFÍCIO DAS LETRAS:  
a institucionalização do curso de Letras Clássicas e  
Português na FFCL/USP (1934-1950)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação, Linguagem e Sociedade.

Aprovada em 13/12/2024

**BANCA EXAMINADORA**

Participação por videoconferência

---

Prof. Dr. Diogo da Silva Roiz  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Participação por videoconferência

---

Profa. Dra. Estela Natalina Mantovani Bertoletti  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Participação por videoconferência

---

Profa. Dra. Andréia Cristiane Silva Wiezzel  
Universidade Estadual Paulista

Dedico este trabalho ao mestre dos mestres, Jesus Cristo, que me capacita todos os dias para a realização deste trabalho e de outros mais. A Ti Senhor, a honra, a glória e o louvor para todo o sempre!

A minha adorada família, que sempre esteve comigo, vivendo os meus sonhos.

## AGRADECIMENTOS

Chegou a hora de expressar minha gratidão. É fundamental fazer uma pausa e refletir sobre todas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente com esta jornada repleta de muito trabalho, que culmina agora na elaboração desta dissertação de mestrado.

Inicialmente, agradeço a Deus, autor e consumidor da vida, por saber que os sonhos que o Senhor tem para mim são maiores e melhores do que eu posso imaginar, por me conduzir ao mestrado, e por me capacitar para a escrita. O período e o processo rumo à conclusão foram marcados por um profundo autoconhecimento e aprendizado, mesmo diante das adversidades que surgiram ao longo do caminho. Sem ti, Senhor, nada sou!

Agradeço ao meu querido pai, Jaime, por ser um exemplo de força e coragem, e pelo amor e proteção com nossa família. À minha estimada mãe, Aurora, pelo seu amor, cuidado e carinho. Recordo-me de que, quando fui cursar a pré-escola, naquele ano, quase não estudei, pois os recursos financeiros eram poucos; mas minha mãe, sempre positiva e determinada, matriculou-me. Nesse mesmo ano, os alunos ganharam todos os materiais escolares. Muito obrigada, mãe; peço a Deus que eu possa ser uma mulher forte e perseverante como a senhora.

Agradeço a meu irmão Lincoln, por me incentivar a prosseguir, e ao meu irmão Issamo, que me acompanhou até a cidade de São Paulo em minha pesquisa na USP; seu apoio e companhia foram essenciais. À minha cunhada, Viviane, por me encorajar, e à minha sobrinha e afilhada, Maria Clara, que, mesmo com seus dois anos e onze meses de idade, quando eu lhe dizia que era difícil, ela respondia “difícil nada”. Levo comigo essa frase.

Agradeço ao Fernando, meu amor e companheiro em todos os momentos, por acreditar em mim, por segurar a minha mão e por estar ao meu lado neste desafio, que mesmo antes de nos conhecermos ele já me incentivava. Agradeço por entender e aceitar minhas ausências para estudar.

Agradeço a meu grande orientador, professor Diogo da Silva Roiz, que me acolheu como sua orientanda, com leveza e bom humor, tornando-se um amigo. Sua orientação sábia, apoio incansável, paciência e *feedbacks* construtivos foram fundamentais para o desenvolvimento deste estudo. Muito obrigada, professor, por acreditar em mim.

Agradeço à minha amiga mestra Adriana Ribeiro, que, desde o início, incentivou-me a ingressar no mestrado; à amiga Kelly, pelo apoio e incentivo para comparecer às aulas. Às minhas coordenadoras escolares; Francis Laura e Vanuza, e às diretoras Oneide Carrasco e

Vera Lúcia, pelo apoio, por sempre se preocuparem comigo e me dispensarem para comparecer às aulas do mestrado.

Agradeço a todos os professores e professoras do programa de Mestrado em Educação da UEMS-Paranaíba, com os quais tive oportunidade de aprender e compartilhar experiências ao longo da jornada.

À universidade de São Paulo, USP, em nome de todos os funcionários, por me receberem e disponibilizarem materiais para a minha pesquisa, agradeço.

Agradeço aos amigos que a universidade me presenteou: Simone, Luciana, Michele, Kênia, Adma, Manoel, Tatiele, Kátia, Felipe, Ueliton, pelos momentos de choro, risos e trocas ao longo desse processo.

Agradeço à amiga Rosangela Ribeiro, doutora pela PUC-Goiás, pela parceria constante, por toda a disponibilidade, generosidade e ensinamentos.

Aos demais colegas da pós-graduação da UEMS-Paranaíba, pelas trocas, experiências, eventos e compromissos acadêmicos, agradeço.

A vitória da conclusão da minha jornada pertence a todos vocês.

Gratidão sempre...

“Palavra puxa palavra, uma ideia traz outra, e assim se faz um livro, um governo, ou uma revolução.”

Machado de Assis



OSHIMA, Ligian Almeida. *A profissionalização do ofício das Letras: a institucionalização do curso de Letras Clássicas e Português na FFCL/USP (1934 – 1950)*. 2024. Dissertação (Mestrado em Educação) – Unidade Universitária de Paranaíba, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Paranaíba, 2024.

## RESUMO

Este estudo está inserido na linha História, Sociedade e Educação do programa de pós-graduação em Educação da UEMS – Paranaíba (Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba) e tem como título: “A profissionalização do ofício das Letras: a institucionalização do curso de Letras Clássicas e Português na FFCL/USP (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo), 1934-1950”. A questão norteadora é: por que os cursos de Letras foram tão pouco estudados durante seu processo formativo, principalmente sobre a institucionalização do curso de Letras Clássicas e Português na FFCL/USP, entre os anos 1934-1950? Apresenta como objetivo geral, estudar a constituição do campo disciplinar e a institucionalização do curso de Letras Clássicas e Português na FFCL/USP, 1934-1950, e com os objetivos específicos: a) rastrear a distribuição geográfica do curso de Letras no país, mostrar a especificidade do curso de Letras Clássicas e Português na FFCL/USP, e o público de alunos que frequentaram o curso de acordo com o sexo; b) estudar a distribuição curricular do curso de Letras Clássicas e Português entre os anos 1934 e início dos anos 50; c) analisar a distribuição das cadeiras do curso, como era desenvolvido o ensino e a pesquisa na época pelos catedráticos, assistentes e auxiliares. Trata-se de uma pesquisa histórica documental, do tipo qualitativa, as principais fontes foram os anuários da FFCL/USP e os anuários estatísticos do Brasil, e, para embasar a análise, foi utilizado como principal autor Pierre Bourdieu, que contribuiu para este estudo com seus conceitos de campo, *habitus*, bens e capital. No que diz respeito à metodologia, a pesquisa foi realizada mediante análise dos anuários e mapeamento de produções acadêmicas da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), com recorte temporal de 1934 a 1950, e obras de autores que estudaram a história de cursos universitários. Entre os resultados encontrados, identificou-se como se deu a instituição do curso de Letras Clássicas e Português na FFCL/USP, foi possível rastrear quais cidades, estados e instituições universitárias que possuíam o curso, como se encontrava o país na época, quais leis e decretos foram instituídos para que o curso de Letras fosse se transformando ao longo do período proposto de estudo. Por último, destacaram-se lacunas deixadas nas produções, como a ausência de estudo sobre o processo formativo do curso de Letras, sobretudo a institucionalização do curso de Letras na FFCL/USP.

**Palavras-chave:** História. Curso. Letras. Institucionalização.

OSHIMA, Ligian Almeida. The professionalization of the profession of Philology: the institutionalization of the course of Classical and Portuguese Philology at FFCL/USP (1934 – 1950). 2024. Dissertation (Master's in Education) – University Unit of Paranaíba, State University of Mato Grosso do Sul, Paranaíba, 2024.

### **ABSTRACT**

This study is part of the History, Society and Education line of the postgraduate program in Education at UEMS – Paranaíba (State University of Mato Grosso do Sul, University Unit of Paranaíba) and is entitled: “The professionalization of the profession of Letters: the institutionalization of the course of Classics and Portuguese at FFCL/USP (School of Philosophy, Sciences and Letters of the University of São Paulo), 1934-1950”. The guiding question is: why were the Letters courses so little studied during their formative process, especially regarding the institutionalization of the course of Classics and Portuguese at FFCL/USP, between the years 1934-1950? Its general objective is to study the constitution of the disciplinary field and the institutionalization of the Classics and Portuguese Language course at FFCL/USP, 1934-1950, and with the following specific objectives: a) to track the geographic distribution of the Language course in the country, to show the specificity of the Classics and Portuguese Language course at FFCL/USP, and the audience of students who attended the course according to gender; b) to study the curricular distribution of the Classics and Portuguese Language course between 1934 and the beginning of the 1950s; c) to analyze the distribution of the course's chairs, how teaching and research were developed at the time by professors, assistants and auxiliaries. This is a qualitative historical documentary research, the main sources being the FFCL/USP yearbooks and the statistical yearbooks of Brazil. Pierre Bourdieu, who contributed to this study with his concepts of field, habitus, goods and capital, was used as the main author to support the analysis. Regarding the methodology, the research was carried out through an analysis of the yearbooks and mapping of academic productions from the Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD), with a time frame from 1934 to 1950, and works by authors who studied the history of university courses. Among the results found, it was identified how the Classical Literature and Portuguese courses were established at FFCL/USP, it was possible to track which cities, states and university institutions offered the course, what the country was like at the time, and which laws and decrees were instituted so that the Literature course could be transformed throughout the proposed study period. Finally, gaps left in the productions were highlighted, such as the absence of studies on the formative process of the Literature course, especially the institutionalization of the Literature course at FFCL/USP.

**Keywords:** History. Course. Philology. Institutionalization.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Distribuição dos cursos de Letras nas FFCL, 1934-1950.....	26
Quadro 2: Ensino Superior no Brasil nas décadas 1930-1950.....	27
Quadro 3: Números de estabelecimentos referentes aos seguintes anos, número total e número de municípios das capitais.....	30
Quadro 4: Distribuição dos alunos matriculados por Unidade de Federação em 1954 I.....	30
Quadro 5: Distribuição dos alunos matriculados por Unidade de Federação em 1954 II.....	30
Quadro 6: Matrículas dos alunos no ano letivo de 1954, segundo as universidades.....	30
Quadro 7: Conclusões de curso no ano de 1954, segundo a modalidade de ensino, por Unidade de Federação I.....	31
Quadro 8: Conclusões de curso no ano de 1954, segundo a modalidade de ensino, por Unidade de Federação II.....	31
Quadro 9: Conclusões de curso no ano de 1954, segundo a modalidade de ensino, por Unidade de Federação III.....	31
Quadro 10: Distribuição dos alunos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, segundo o sexo, o ano e o curso I.....	50
Quadro 11: Distribuição dos alunos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, segundo o sexo, os anos e o curso II.....	50
Quadro 12: Distribuição dos alunos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, segundo o sexo, os anos e o curso I.....	51
Quadro 13: Distribuição dos alunos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, segundo o sexo, os anos e o curso II.....	51
Quadro 14: Distribuição dos alunos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, segundo o sexo, os anos e o curso I.....	52
Quadro 15: Distribuição dos alunos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, segundo o sexo, os anos e o curso II.....	52
Quadro 16: Distribuição dos alunos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, segundo o sexo, os anos e o curso II.....	52
Quadro 17: Distribuição dos alunos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, segundo o sexo, os anos e o curso II.....	52
Quadro 18: Distribuição dos formandos entre os cursos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras....	53
Quadro 19: Distribuição dos formandos entre os cursos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras....	54
Quadro 20: Distribuição das disciplinas do curso de Letras Clássicas e Português em 1934-1935, segundo os anos.....	58
Quadro 21: Distribuição das disciplinas do curso de Letras Clássicas e Português em 1938, segundo os anos.....	62
Quadro 22: Distribuição das disciplinas do curso de Letras Clássicas, a partir da reforma curricular de 1942.....	65
Quadro 23: Distribuição das disciplinas do curso de Letras Neolatinas, em 1942.....	67
Quadro 24: Distribuição das disciplinas do curso de Letras Anglo-Germânicas, em 1942.....	67
Quadro 25: Distribuição das disciplinas do curso de Letras Clássicas a partir da reforma curricular de 1946.....	68
Quadro 26: Distribuição das disciplinas do curso de Letras Neolatinas, a partir da reforma de 1946...	69
Quadro 27: Distribuição das disciplinas do curso de Letras Anglo-Germânicas, a partir da reforma de	

1946.....	70
Quadro 28: Distribuição das disciplinas do curso de Letras Clássicas, em 1952 segundo as séries.....	72
Quadro 29: Distribuição das disciplinas do curso de Letras Neolatinas, em 1952 segundo as séries....	72
Quadro 30: Distribuição das disciplinas do curso de Letras Anglo-Germânicas, em 1952 segundo as séries.....	73
Quadro 31: Referente às Cadeiras, catedráticos, assistentes e auxiliares e seus respectivos anos, do Curso de Letras Clássicas e Português da FFCL/USP entre os anos de 1930 até início de 1950.....	75

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>1 OS NÚMEROS E AS PALAVRAS: A FORMAÇÃO DOS CURSOS DE LETRAS NO BRASIL DOS ANOS 1934 A 1950.....</b>	<b>24</b>
1.1 O peso dos números.....	25
1.2 Os contrastes institucionais.....	33
1.3 Consolidando saberes: o curso de Letras Clássicas e Português na FFCL/USP.....	39
1.4 A paixão despertada pelas palavras.....	49
<b>2. O CURRÍCULO NA UNIVERSIDADE: EXPERIÊNCIAS CURRICULARES E PROCESSOS FORMATIVOS NO CURSO DE LETRAS CLÁSSICAS E PORTUGUÊS</b>	<b>55</b>
2.1 As mudanças na estrutura curricular dos cursos da seção de Letras nas décadas de 1930, 1940 e 1950.....	57
<b>3 AS PALAVRAS QUE PREPARAM NOVOS DOCENTES-ESCRITORES: ENSINO E PESQUISA NAS CADEIRAS DO CURSO DE LETRAS CLÁSSICAS E PORTUGUÊS.</b>	<b>75</b>
3.1 A cadeira de Filologia Portuguesa.....	77
3.2 A Cadeira de Língua e Literatura Grega e Língua e Literatura Latina.....	80
3.2.1 Desdobramentos do ensino das cadeiras das Literaturas e Filologias Greco-Latinas.....	83
3.2.2 A Cadeira de Língua e Literatura Latina.....	84
3.2.3 A Cadeira de Língua e Literatura Grega.....	86
3.3 A Cadeira de Literatura Luso-Brasileira.....	90
3.3.1 Desdobramento na Cadeira de Literatura Luso-Brasileira.....	91
3.4 A Cadeira de Literatura Brasileira.....	94
3.5 A Cadeira de Literatura Portuguesa.....	96
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>99</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>103</b>

## INTRODUÇÃO

*“Conheço as letras, e as letras me levam às palavras,  
que me levam a um mundo de possibilidades”.*

Ligian Almeida Oshima

Estudar um curso de Letras traz todo o fascínio pelas palavras. Leva o leitor a despertar um sublime encanto, por meio da subjetividade que ela nos traz. Têm como objeto as palavras, que, por meio dos gestos e movimentos produzidos pelo escritor, leva toda a sua leveza, produzindo emoções em quem lê. Portanto, não se poderia começar esta dissertação de outra forma, que não apresentando a autora.

Iniciei os estudos desde a educação infantil até o colegial no ensino público, cursei o CEFAM - “Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento de Professores”, uma escola de formação de professores que funcionou no estado de São Paulo, substituindo o antigo magistério, em que o aluno, ao findar o curso, recebia um diploma de Curso Normal em Nível de Ensino Médio. Após isso, cursei Letras no UNIFUNEC (Centro Universitário de Santa Fé do Sul), Pedagogia e pós-graduação (*lato sensu*) na FIU (Faculdades Integradas Urubupungá), na cidade de Pereira Barreto – SP.

Em maio do ano de 2017, ingressei na prefeitura municipal de Aparecida do Taboado – MS, por meio de concurso público, como professora efetiva do município. Sempre tive o desejo de me qualificar cada vez mais e, para isso, continuar os estudos na área da educação. Foi quando conheci a professora Adriana Ribeiro (que se tornou uma amiga), na ocasião estava cursando o mestrado na UEMS – Paranaíba (Universidade do Estado do Mato Grosso do Sul), que me incentivou a fazer inscrição como aluno especial, e participar de uma disciplina, para conhecer um pouco deste mundo, pelo qual sempre tive muita curiosidade. Então me inscrevi como aluno especial, assisti às aulas da disciplina “Tópicos Especiais em História, Sociedade e Educação: Pesquisa em História da Educação, Arquivos e Fontes”; os professores que ministraram a disciplina foram a professora Dra. Estela Natalina M. Bertoletti e o professor Dr. Diogo da Silva Roiz. Especialmente, as aulas da disciplina despertaram ainda mais em mim a vontade pelo saber, e em continuar minha trajetória escolar, no caso, acadêmica. Foi então que elaborei um projeto de pesquisa sobre o curso de Letras, escolhi esse objeto porque cursei a faculdade de Letras, e o mundo das Letras e o da Literatura sempre me fizeram brilhar os olhos, e também observei, nas aulas que frequentei como aluno especial, que havia alunos estudando cursos, sob a orientação do professor Diogo. Tive o

projeto aprovado, fui entrevistada pela professora Estela, juntamente com meu futuro orientador, professor Diogo. Então, ingressei na Universidade, agora como aluna regular do mestrado em Educação, um começo de um sonho que eu trilharia pela frente, sabia que iria enfrentar dificuldades, assim como enfrentei, mas o desejo pelo saber, e a vontade em ser uma professora melhor, que oferecesse um ensino de qualidade aos alunos, sempre foram maiores que todas as dificuldades.

E hoje me encontro aqui, apresentando minha dissertação de mestrado, que é o fruto de um sonho, vindo de uma vontade imensa de prosseguir meus estudos e pela influência de duas pessoas, que me incentivaram a nunca parar de estudar. O primeiro é meu pai, que, na época em que minha mãe foi fazer a minha matrícula na pré-escola, disse para ela que não poderia ir fazer a matrícula, pois as condições financeiras estavam escassas e não teriam como comprar os materiais escolares, mas, sem olhar para trás, minha mãe foi, e neste ano todos os alunos da rede municipal receberam gratuitamente os materiais. A segunda foi a professora do CEFAM, Neusa Molina (*in memoriam*) que sempre dizia em suas aulas que, principalmente nós mulheres, tínhamos que estudar, casar com nosso diploma, pois o estudo ninguém jamais tiraria de nós. Portanto, acredito que somos uma semente no mundo da educação. Nesse contexto de educador e de educação, a linguagem é um traço marcante de nossa herança imaterial com os nossos antepassados. A escrita codifica a linguagem, dando perenidade às nossas ideias. Todas as culturas construíram seus próprios códigos linguísticos. Como tal, tanto a linguagem quanto a escrita alteram-se no tempo e no espaço. Pensar em estudar um curso de Letras vai além do que as palavras e seus significados representam. Quando o curso de Letras foi criado no Brasil nos anos 1930, outras áreas do saber foram criadas concomitantemente, reunindo-se na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL/USP). Para se firmar na instituição, o curso de Letras teve de criar suas próprias regras para definir o perfil do ofício a ser ensinado aos discentes. No entanto, a ideia de ciência necessária para a área se fundamentar sempre esteve em contraste com a arte de expressar por meio de palavras os sentimentos humanos. A ciência, dura e objetiva, sempre entrava em choque com a arte de escrever bem<sup>1</sup>, vista como emotiva e subjetiva. Nesses termos, como ocorreu o processo de institucionalização do curso de Letras Clássicas e Português na FFCL/USP?

---

<sup>1</sup>Esse fato se dá, pois era um conflito interno entre os professores da Faculdade de Filosofia, onde havia professores do curso de Ciências Sociais que se colocavam como cientistas e criticavam as áreas de Letras, informando que no curso de Letras não haviam cientistas, que não se formavam cientistas, somente escritores. E haviam professores da área de Letras que respondiam a tal questionamento de maneira muito fragmentada, assim como podemos observar em alguns relatórios dos anuários da FFCL/USP.

Ao que tudo indica, a tensão entre arte e ciência presente no curso de Letras desde seu início também se acentuava entre os professores da universidade em sua arte de ensinar e pesquisar. O traço objetivo da linguagem científica presente nos textos de Florestan Fernandes contrastava-se diretamente com a retórica sofisticada contida nos textos de Antonio Candido, ambos professores do curso de Ciência Sociais e Políticas na instituição, como se tratassem de duas oposições irremediáveis na “arte de fazer ciência” (Gay, 1990). Para além desses dois exemplos, ficou marcante, desde os anos 1930, que fazer ciência e ser pesquisador era diferente de escrever bem e ser escritor. Nota-se tal contraste ao se comparar, por exemplo, textos de Maria da Conceição Tavares e Gilda de Mello e Souza, de Maria Isaura Pereira de Queiroz e Emília Viotti da Costa, de Alfredo Ellis Júnior e Sérgio Buarque de Holanda (Roiz, 2020; Roiz; Gontijo; Zimmermann, 2020a; 2020b).

Em suma, o intuito de analisar a institucionalização de um curso universitário está articulado a um projeto maior, sob a orientação do professor Diogo da Silva Roiz. Tudo começou quando em seu mestrado o professor Diogo se debruçou a estudar o curso de História, e produziu sua dissertação de mestrado com o título: “A institucionalização do ensino universitário de História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo entre 1934 e 1956”. Assim tem construído a tempos uma trajetória significativa nessa direção. Dando continuidade neste trabalho pioneiro, tem orientado seus alunos às pesquisas sobre institucionalização de cursos universitários, onde se procura localizar e historicizar um conjunto de cursos que, de alguma forma, fundaram uma tradição nos estudos daquelas áreas a partir de então, dada a força da instituição na qual estão inseridos.

Portanto, nossa proposta de analisar um curso de Letras está articulada ao projeto institucional “A história dos cursos de licenciaturas nas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras entre os anos 1930 e 1950”, coordenado pelo professor Diogo Roiz, em conexão com a linha História, Sociedade e Educação do programa de pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, UEMS-Paranaíba. Já foram concluídas as seguintes pesquisas sobre a institucionalização dos cursos da FFCL/USP: o curso de Direito, e o curso de Matemática. Quanto às pesquisas em andamento, estão os seguintes cursos: Filosofia, Letras, Pedagogia, Ciências Sociais e História Natural.

Nessa linha, o principal objetivo desta dissertação é estudar a constituição do campo disciplinar do curso de Letras Clássicas e Português da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo entre os anos de 1934 e 1950. A pesquisa se detém a essa periodização, pois, em 1934, foi o ano de fundação da FFCL/USP e no mesmo ano foi criado o curso de Letras Clássicas e Português, a pesquisa se conclui em 1950, pois nas



décadas de 30, 40 e 50, foi o período que o curso de Letras mais se desenvolveu na área. Assim, este estudo oferece contribuições importantes para a sociedade, promovendo a valorização e a preservação cultural. Além de recuperar aspectos históricos, este estudo incentiva a realização de novas pesquisas sobre a evolução dos cursos universitários no Brasil, estimulando uma reflexão aprofundada sobre o impacto dos fatores sociais e culturais na formação acadêmica e na valorização do docente. Com tudo, compreender como o curso de Letras se estruturou institucionalmente ajuda a valorizar o papel da língua, da literatura e da cultura na sociedade. Sobretudo promove uma maior valorização da diversidade linguística e literária, contribuindo para a preservação das identidades culturais.

Ao longo dos anos 1930, são criados cursos de Letras nas capitais de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e Minas Gerais, nas respectivas cidades de São Paulo, do Rio de Janeiro, Curitiba e Belo Horizonte. Em linhas gerais, estudar um curso de Letras em São Paulo se justifica por algumas razões: foi o primeiro a ser criado no período; formou-se em um momento de transição entre a crítica diletante praticada pelos autodidatas e a formação do crítico profissional nas universidades; e permite observar o processo de canonização do modernismo paulista na universidade. Para alcançar essas metas, teremos como principal fonte os anuários da FFCL/USP produzidos entre os anos de 1934 e 1950. Para embasar a análise, temos como principal autor Pierre Bourdieu e seus conceitos de campo, *habitus*, bens e capital.

Ademais, a história de cursos universitários ainda é um tema pouco pesquisado na historiografia educacional, como indica Demerval Saviani (2008) em *A pedagogia no Brasil*, ao mostrar as especificidades na formação do campo educacional e do curso de pedagogia no final dos anos 1930. Segundo Fialho e Fideles (2008), os primeiros cursos superiores no Brasil foram instalados na área da medicina, com a formação de médicos militares do Rio de Janeiro-RJ, instituídos pela Carta Régia de 1808. Para Edmundo Campos Coelho (1999), em *As profissões imperiais*, além da área de medicina, o direito e a engenharia faziam parte das profissões liberais que deram base à formação do Estado brasileiro no século XIX.

As licenciaturas foram criadas tardiamente, assim como a preocupação de estudar o surgimento e o desenvolvimento de seus cursos universitários. Tema relevante, pois, durante muito tempo, acreditou-se que historiando a criação das universidades e faculdades, logo se chegava aos cursos, como indica Maria de Lourdes Fávero (2010), em *A universidade no Brasil: das origens à construção*. Avaliações semelhantes se encontram em muitos outros autores, como Marieta de Moraes Ferreira (2013), que, questionando tal limitação nos estudos até então elaborados, destaca a importância de estudar cursos universitários, como os de

História e de Geografia, que se formaram no Rio de Janeiro a partir dos anos 1930. Nota-se a mesma preocupação em Diogo Roiz (2021), ao analisar a formação do curso de Geografia e História em São Paulo no mesmo período, o que também vale para a área de Química (Mesquita; Soares, 2011; Machado, 2011). Mas, se o quadro começa a mudar para o estudo pontual de alguns cursos, por que os cursos de Letras foram tão pouco estudados até agora durante seu processo formativo entre os anos 1934 e 1950?

Para contextualizar, Fiorin (2006) explica que os cursos iniciais de Letras surgiram na década de 1930 na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo; no ano de 1935, surgiu o Curso de Letras na Universidade do Distrito Federal (UDF) no Rio de Janeiro, e, no ano de 1939, surgiram os da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, da Universidade do Estado de Minas Gerais e da Universidade do Paraná. O autor restringiu-se apenas ao estudo da pesquisa linguística no curso de Letras da Universidade de São Paulo, no período de 1934 a 1962 (Fiorin, 2006).

Por sua vez, Eduardo Tuffani (2021) mostra a importância de estudar os cursos de Letras no Brasil nos anos 1930, destacando a criação de cursos em várias partes do país, mas carece de verificar tal processo depois dos anos 1940. Melhor dizendo, ressalta a necessidade deste tipo de estudo, mas não faz análise conjuntural da questão, focando especialmente os anos 1930.

Ao verificarem a formação pedagógica no curso de Letras, Clara Costa e Helenice Gonçalves (2020) revelam porque o curso deve ser estudado, mas igualmente carecem de formular um estudo sistemático para o período dos anos 1930 aos anos 1950, que foi o momento inicial de criação e desenvolvimento da área. Elas preferiram abordar com maior detalhamento o período posterior aos anos 1960, especialmente fundamentando seu estudo com a análise da legislação federal. No mais, as autoras compreendem a relevância da temática e do estudo do processo de institucionalização da área, embora não tenham precisado as nuances do curso até os anos 1950. Além disso, mostram as dificuldades formativas do curso ao primar por uma dupla formação, congregando muitas vezes mais de um campo linguístico, como o que ocorreu a partir dos anos 1940, quando os cursos de Letras se desdobraram em Letras Clássicas e Português, Letras Anglo-Germânicas e Letras Neolatinas (Costa; Gonçalves, 2020).

Por continuidade, compreendendo a necessidade de estudar a organização do currículo de Letras, para analisarem o processo formativo dos alunos, Fernanda Gehring e Greice Castela (2015) carecem de fornecer ao estudioso dados relativos ao período inicial de

formação da área e mudanças curriculares entre os anos 1930 e 1950, focando a análise para o período posterior aos anos de 1970.

Então, em nosso estudo preliminar não foi encontrado pesquisa dessa natureza, que tratasse da institucionalização do Curso de Letras Clássicas e Português na FFCL/USP entre 1934 e 1950. Com base em tais apontamentos, nota-se a relevância do tema e do estudo da questão, especialmente porque o conjunto dos textos dão maior atenção à segunda metade do século XX, ou então, prendem-se fundamentalmente nos anos de 1930. A par de tais limitações, nosso objetivo é estudar a constituição do campo disciplinar do curso de Letras Clássicas e Português, entre os anos 1934 e 1950, quando a área começa a se desenvolver no país e formar seus primeiros profissionais para atuarem no ensino público e privado. Contribuindo também para que o leitor verifique o percurso de transformações que o curso passou, tanto no aspecto administrativo, pedagógico, e suas influências, ajudando a observar as áreas que precisavam de melhorias como: currículo, ensino, e recursos adequados. Assim, compreendem-se as necessidades do mercado de trabalho e a evolução das exigências sociais e econômicas do período proposto do estudo.

Apesar dos trabalhos pioneiros de Antonio Candido, Gilda de Mello e Souza, José Aderaldo Castelo e Alfredo Bosi destacarem a importância da história da literatura e da crítica literária para o desenvolvimento do campo disciplinar de Letras no Brasil, pouca atenção deram à história dos próprios cursos de Letras. Essa situação persistiu com o desenvolvimento dos programas de pós-graduação a partir da década de 1970. Mesmo nos trabalhos de Leyla Pierre Moisés, Walnice Nogueira Galvão, Marisa Lajolo e Regina Zilbermann, observa-se muito mais a introdução de memórias a respeito da formação do campo, do que propriamente estudos sistemáticos sobre a fundação e desenvolvimento dos cursos de Letras no país. A obra de João Cezar de Castro Rocha, que envereda para a disputa entre a cátedra e o rodapé dos jornais entre os anos de 1930 e 1940, mostra a propriedade de estudar os cursos de Letras e como passaram a se desenvolver no país, formando um novo tipo de profissional, o crítico literário, cujo ofício a partir daí passava a ser ensinado nas universidades.

Com base no objeto de pesquisa deste estudo, que se baseia no surgimento do Curso de Letras no Brasil, a partir da fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo em 1934, busca-se, então, pensar como ocorreu a formação deste campo disciplinar e sua institucionalização entre os anos 1934 e 1950. A partir do estudo desse surgimento, vem à tona a perspectiva de análises desses anuários, que se constituem evidências importantes para se entender o processo de formação do curso de Letras e todo o contexto histórico que o cerca, como aponta Roiz (2021):

[...] Conhecer a história das principais instituições que formavam esses profissionais é um bom caminho [...] Portanto, o estudo do surgimento das universidades no Brasil, reveste-se de grande relevância para compreender os desafios que se colocam para nosso país na atualidade. (Roiz, 2021, p. 9).

Para estudar o curso de Letras, tivemos como objetivos específicos: 1) rastrear a formação dos cursos de Letras no país e mostrar a especificidade do curso de Letras Clássicas e Português na FFCL/USP, em relação ao curso de Letras Estrangeiras, entre os anos de 1934 e 1950; 2) estudar a distribuição curricular do curso de Letras Clássicas e Português dos anos de 1934 ao início dos anos 50; 3) e analisar quais as experiências que foram feitas no ensino e na pesquisa em cada uma das cadeiras, pelos catedráticos, assistentes e auxiliares.

Para alcançar os objetivos propostos neste trabalho, tivemos como principais fontes os anuários estatísticos do Brasil, obtidos através do site do IBGE <https://anuario.ibge.gov.br/anteriores.html>, bem como os anuários da FFCL/USP, parte dos quais estava disponível em material xerografado, e outra parte foi encontrada diretamente na biblioteca do arquivo geral da USP, em São Paulo, durante uma visita para pesquisa.

Os anuários estatísticos do Brasil trazem dados estatísticos a respeito da educação brasileira em todos os níveis da formação educacional, do primário ao secundário, até o superior.

Os anuários da FFCL/USP foram produzidos durante os anos de 1934 até os anos 50. Na década de 30, foram produzidos três números; na década de 40, dois números; e na década de 50, outros três números. Nesses anuários constam: 1) legislação oficial aprovada no período e parte das atas da congregação; 2) relatório das cadeiras de cada curso; 3) distribuição dos docentes por título e cadeira; 4) alterações na grade curricular dos cursos; e 5) listas de ingressantes e formandos por curso da Faculdade de Filosofia.

A respeito de nossos embasamentos teóricos, a obra de Pierre Bourdieu tem sido muito utilizada para se estudar a constituição de um campo disciplinar (Roiz, 2021). Com seus conceitos de campo, *habitus*, bens e capital, permite que se observem as lutas concorrenciais e as disputas pelo poder no período em que a área de Letras se tornou também um campo formativo de novos profissionais na universidade. Ao analisar seus conceitos dentro do campo (disciplinar), podemos caracterizar como campo um espaço social onde ocorrem relações de poder e luta por diferentes formas de capital; *habitus*, refere-se ao pensamento e à ação que os indivíduos desenvolvem, com base em suas experiências e socializações prévias, com a internalização das práticas e valores; bens são os recursos adquiridos ou acumulados dentro do campo – eles são diversos e têm influência significativa

(no caso do nosso estudo, as trajetórias educacionais e profissionais que os catedráticos, assistentes e auxiliares, desenvolveram na época, reforçando assim as estruturas de poder e prestígio dentro do campo, são exemplos de bens). Quanto ao conceito capital, podemos dividi-lo em: *capital econômico*, que diz respeito aos recursos financeiros que privilegiam o acesso a instituições de alta qualidade, bem como a aquisição de materiais de estudo; *capital cultural*, que se refere ao conhecimento e às habilidades que o indivíduo adquire; *capital social*, é a rede de conexões e relações entre os pares; e *capital simbólico*, que trata do prestígio e do reconhecimento que podem ser acumulados e valorizados dentro do campo, desenvolvendo um papel crucial na definição das posições e nas relações de poder. Eles se manifestam de forma complexa. Neste sentido, como podemos caracterizar o papel do campo disciplinar neste trabalho? Vejamos a palavras de Roiz (2021):

Um “campo disciplinar” é definido pela demarcação de regras e condições específicas de pesquisa e análise de um dado saber. Sua função é tanto a de produção de conhecimento, como a de preparar novos profissionais para o exercício do ofício. É o produto da história, assim, como produtor de novas regras no estudo da história e de outros setores da sociedade, da cultura, da política, ou da economia.  
[...] O desenvolvimento de um campo pode, inclusive, gerar desdobramentos internos, e produzir campos ainda mais especializados. Por isso mesmo, o desenvolvimento de um campo depende intimamente do movimento de certas teorias, metodologias e práticas discursivas, que lhe dão base e lhe asseguram certa autonomia em relação aos outros campos disciplinares (Roiz, 2021, p. 32).

E é na perspectiva do conceito de campo disciplinar que vamos reunir informações e construir a análise a respeito da formação do campo disciplinar do curso de Letras da FFCL/USP, sobretudo sua institucionalização, por meio da análise da instituição e do meio social que ela constituiu, observando a distribuição geográfica nos anos 1934 e 1950 que o curso de Letras atingiu no país, o lugar que o curso de Letras ocupou na FFCL/USP, a distribuição curricular, as cadeiras do curso e seus desdobramentos, o perfil de alunos que frequentaram o curso nas décadas 30, 40 e 50 de acordo com o sexo. Posteriormente, destacamos os catedráticos, assistentes e auxiliares e o trabalho de ensino e pesquisa praticados na época. Nessa concepção, quando tratamos do campo disciplinar, gera-se uma abertura para consolidar o método desse trabalho com base nos conceitos de Bourdieu. De acordo com Guimarães (2018, p. 2):

Implica em considerar uma análise da sociedade e das estruturas de dominação que a constitui, dando um olhar praxiológico, sistêmico e relacional para com as realidades postas na modernidade e entendendo que o cotidiano é construído socialmente e historicamente. Nesse processo de formação de determinados *habitus* é que se propõe analisar as bases das relações sociais, o papel dos agentes sociais no

estabelecimento dos valores legítimos em uma determinada cultura e os elementos de violência simbólica utilizados para exercer poder em um determinado campo.

Para Pierre Bourdieu, o campo é o espaço de disposição e de diferenciação dos grupos sociais. Para ele, o campo científico:

Enquanto sistema de relações objetivas adquiridas (em lutas anteriores), é o lugar, o espaço de jogo de uma luta concorrencial, especificamente nessa luta é o monopólio da *autoridade científica* definida, de maneira inseparável, como capacidade técnica e poder social; ou se quisermos, o monopólio da *competência científica* compreendida enquanto capacidade de falar e agir legitimamente (isto é, de maneira autorizada e com autoridade), que é socialmente outorgada a um agente determinado (Bourdieu, 1983 *apud* Roiz, 2021, p. 43).

Bourdieu mostra que campo é o lugar em que ocorrem disputas entre os grupos sociais, com o intuito de adquirir a dominação sobre o espaço concorrencial de disputa pelo poder. Mas os agentes de um campo específico não são conduzidos de maneira inerte pelas suas estruturas. Eles possuem características próprias que concedem disposições para *modificarem* ou resistirem às forças do campo. É o que Bourdieu chama de *habitus*, isto é, as disposições adquiridas e duráveis que podem levar os agentes a resistirem e a se oporem às forças do campo (Scartezini, 2011, p. 35). Nesse sentido, o *habitus* é um conjunto de conhecimentos adquiridos, são disposições incorporadas ao longo do tempo. Por meio desse conceito, Bourdieu deseja evidenciar as capacidades criadoras, ativas, inventivas do *habitus* e do agente, que não seriam contempladas pela noção comum de “hábito”.

Esse poder criador não é o de um espírito universal ou de uma natureza, mas sim o de um agente em movimento, em ação. Assim, o *habitus* diz respeito à construção da objetividade e da subjetividade (Bourdieu, 2002 *apud* Scartezini, 2011, p. 35-36). Diante disso, portanto, a FFCL/USP seria o local de pesquisa, onde é analisado o *habitus* de domínio dos agentes, sejam eles acadêmicos, de produção, de direção da unidade ou das cátedras. Dentro desse campo, tais agentes competem por recursos, prestígio e poder por meio de disputa, produção de conhecimento e demarcação de regras específicas de um dado saber, entre os anos de 1934 e 1950.

No que diz respeito à revisão bibliográfica selecionada, essa foi essencial para fundamentar questões inerentes à institucionalização do curso de Letras na FFCL/USP entre os anos 1934 até meados de 1950. Com base nesse percurso, foi possível desencadear o processo de interpretação e análise com o objetivo de evidenciar o processo de transformações que o curso passou nas décadas de 1930, 1940 e 1950, baseadas nas fontes consultadas.

Ademais, de acordo com Magalhães (2004), os estudos de epistemologia das instituições educacionais devem compreender os seguintes passos: materialidade, representação, apropriação, quadros memorialísticos e modelizações. Conforme o autor indicado, a instituição educativa, a dinâmica entre o instituído, a institucionalização e a própria instituição devem ser articuladas com aspectos de materialidade processualidade (como tempo, espaços, estruturas, organização, regulamentos, currículo e pedagogia). Essa dinâmica também envolve a representação (memória, arquivo histórico, estatutos normativos e agentes) e a apropriação (modelo pedagógico, ideologia, identidade, assuntos, e dimensões materializadas em aprendizagens, biografias e expectativas). Dessa forma, ocorre a construção historiográfica do modelo e da identidade. O autor também destaca a importância da realidade ou materialidade institucional, observando que ela abrange duas variáveis principais: a primeira relacionada à produção, e a segunda à execução e desempenho de funções e papéis. Para compreender a realidade institucional, as características dos alunos e os papéis desempenhados por professores e outros agentes são insuficientes, é essencial articulá-los com variáveis referentes ao contexto, às condições materiais e financeiras, aos recursos e acessos, bem como aos produtos materiais e simbólicos. Em resumo, o autor sugere que a história do sistema institucional está intrinsecamente ligada a um conjunto mais amplo de representações e apropriações, em que os processos normativos das instituições educacionais são apropriados. Ou seja, o estudo da história institucional demanda a focalização das relações das instituições com o meio sociocultural, associando a descrição e caracterização do público ao questionamento e à (re)construção das representações simbólicas das práticas e dos ideários educativos que marcam e constituem a identidade histórica da instituição educacional investigada.

No que diz respeito à organização desta dissertação, está organizada em três capítulos, com a estrutura a seguir: no primeiro capítulo, apresenta-se a distribuição geográfica dos cursos de Letras no Brasil, o espaço que o curso ocupou na FFCL/USP e o público de alunos que frequentaram os cursos nos anos 1930, 1940 e 1950 de acordo com o sexo. No segundo, busca-se avançar nessas questões, tratando da organização e da distribuição curricular do curso ao longo dos anos 1934 a 1950. O terceiro e último capítulo é construído com base na observação da distribuição das cadeiras do curso de Letras, destacando catedráticos, assistentes e auxiliares, e o trabalho com o ensino e pesquisa praticados no período.

E, por fim, relatamos nas considerações finais o que foi apresentado no estudo, por meio de todo trabalho interpretativo e argumentativo com base nas fontes estudadas e analisadas.

## **1 OS NÚMEROS E AS PALAVRAS: A FORMAÇÃO DOS CURSOS DE LETRAS NO BRASIL DOS ANOS 1934 A 1950**

Os números sempre estiveram relacionados com a racionalidade. Sinal de certeza, de exatidão e afirmações lógicas, os números também estiveram ligados aos símbolos masculinos. Todas as revoluções científicas do período moderno se amparam na certeza trazidas pelos números. Nada mais contrastante, a princípio, do que a incerteza e a subjetividade que vem com as palavras. Quanto maior a intensidade das palavras, maior é a pluralidade de possíveis interpretações que elas carregam, ou melhor, deixam nos seus leitores. Não é por acaso que as palavras sempre estiveram ligadas à figura feminina. Traços de incertezas, as palavras nunca são objetivas como os números. O encantamento de uma poesia não está na certeza que ela traz, mas no fluxo de emoções que ela provoca.

Nesse ideário, desde seu surgimento nos anos 1930, o curso de Letras esteve entre arte e ciência. Como seu núcleo formativo são as palavras, e a interpretação do sentido das palavras, o curso manteve certa ambiguidade entre objetividade e a subjetividade, entre razão e a emoção, entre a lógica e a incerteza. Ao longo dos anos 30, o país passou por um rápido processo de industrialização e urbanização. Maria da Conceição Tavares (1972) definiu esse momento como um processo de substituição de importações para a constituição de um capitalismo financeiro no Brasil. Para essa autora, foi o momento em que o país começou a redistribuir seus investimentos para outros setores da sociedade, o que contribuiu diretamente para o processo de urbanização e industrialização de várias regiões do Centro-Sul.

Foi um momento em que as profissões como medicina, direito, engenharias e outras ganharam maior evidência na sociedade brasileira e foram fundamentais no processo de modernização da sociedade. Em contraste com essas áreas, o curso de Letras foi pensado para suprir as necessidades do ensino primário e secundário, por causa da falta de professores (Roiz, 2021). Portanto, formou-se um estigma desde a sua origem nos anos 1930, de que a única função do curso era suprir as necessidades do mercado de trabalho com a formação de professores de língua portuguesa.

No entanto, o curso de Letras só foi instituído a partir da década de 1930, quando surgiram as primeiras Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, possibilitando que o curso de Letras mostrasse seu valor, pois, por meio dele, procurava-se formar professores capacitados para o trabalho do ensino secundário. O curso criado também pretendia formar um novo tipo de profissional, isto é, o pesquisador na área: o crítico literário profissional, o ensaísta acadêmico e o cientista social. Nessas circunstâncias, como os cursos de Letras foram



formados e distribuídos geograficamente no país? Qual o lugar ocupado pelo curso na FFCL/USP? Qual o público de alunos que se inscreveram no curso?

### 1.1 O peso dos números

Neste item pretende-se mostrar a distribuição geográfica dos cursos de Letras e suas respectivas Universidades e Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras que estavam inseridos, os números de matrículas de alunos, números do corpo docente, números de cursos por unidade da federação, e quais as seções que o curso de Letras se dividia, entre as décadas de 1930 e início de 1950. Para compreender esta análise foram utilizados os *Anuários Estatísticos do Brasil, Os cursos de Letras no Brasil: passado, presente e perspectivas. Opiniões, Portal de revistas da USP.*

As décadas de 1920, 30, e 40, foram períodos de grandes transformações para o ensino superior, visto que, esse entremeio de tempo foi notado por mudanças políticas, econômicas e sociais no Brasil, que influenciaram diretamente a estrutura e o desenvolvimento das universidades e dos cursos oferecidos. Segundo Cano, muitas mudanças estavam relacionadas pela desvalorização do café, que gerou a crise de 1929, renovando a economia nacional, levando o país a criação de novos setores na sociedade, causando grande impacto no setor do trabalho, influenciando a formação de profissionais qualificados para assumirem a área do saber. Diogo Roiz em seu livro *O curso de Geografia e História da FFCL/USP e a constituição de um campo disciplinar em São Paulo (1934-1968)* após analisar as obras de Nadai, Cunha, nos deixa saber que as universidades inauguradas a partir de 1920 e 1930 carregavam um papel importante no país, pois conceberiam as bases para a formação de pessoal qualificado nos mais variados setores do mercado de trabalho (Nadai, 1987; Cunha, 1992; Cunha, 1989, 1986). Schwartzman, Bomeny e Costa (2000), em seu estudo também, concluíram que os anos de 1930 e 1940, foram um período de transformações em toda a sociedade brasileira, causando inevitáveis repercussões na área educacional, com o aumento da população, o crescimento dos centros urbanos, e o desenvolvimento da indústria e de serviços, conduzindo a um aumento pela demanda da educação.

Com a criação das primeiras universidades do país, a partir dos anos 1920, e das primeiras Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, a partir dos anos 1930, o palco da educação no Brasil toma novos rumos, e há um cuidado com a institucionalização dos cursos e da profissionalização do ofício, sendo também um momento em que as ciências humanas e

sociais estiveram organizando sua estrutura teórica e metodológica, bem como conceituais, através da criação dos cursos nas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras. Para Schwartzman (1979), além da Faculdade ser uma instituição de ciência pura, necessita ser primeiramente um instituto educacional, onde possa ser encontrado elementos que treinem nossos mestres, principalmente os de nível primário e secundário, devendo ser na verdade uma escola de formação de professores.

O quadro a seguir traz a distribuição do curso de Letras nas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras do Brasil, 1934 a 1950:

**Quadro 1:** Distribuição dos cursos de Letras nas FFCL, 1934-1950.

Faculdade/Universidade	Ano
Universidade de São Paulo	1934
Universidade do Distrito Federal (RJ)	1935
Universidade do Paraná	1939
Universidade de Minas Gerais	1939
Universidade do Brasil	1939
Faculdades Católica do Rio de Janeiro	1940
Universidade de Porto Alegre	1942
Universidade Católica de São Paulo	1946
Universidade do Distrito Federal RJ (2)	1950

Fonte: Os cursos de Letras no Brasil: passado presente e perspectiva. Opiniões. Portal de revistas da USP.

O quadro acima nos mostra como o curso de Letras foi distribuído no Brasil no início dos anos 1930 e 1950, a partir do *Portal de revistas da USP “Os cursos de Letras no Brasil: passado presente e perspectiva”*. Em 1934, foi fundada a Universidade de São Paulo, e, desde sua fundação, já contava com o curso de Letras em sua Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (Faculdade que estamos analisando o curso de Letras). Além disso, a Universidade do Distrito Federal fundada em 1935 e extinta no ano 1939, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro, passa a ter a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras instalada a partir de 1939 pela incorporação da Escola de Filosofia e Letras da Universidade do Distrito Federal. Ainda, a Universidade do Paraná, hoje Universidade Federal do Paraná, fundada em 1912, não possuía inicialmente a área de humanidades, e teve sua Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras funcionando em 1939. Já a Universidade de Minas Gerais, hoje Universidade Federal de Minas Gerais, fundada em 1927, passa a dispor do curso de Letras com a incorporação da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais, criada em 1939. Por seu turno, a Universidade do Brasil, recebeu primeiro o nome de Universidade do Distrito Federal, foi fundada em 1935 e extinta em 1939; sua escola de Filosofia e Letras foi então absorvida pela Universidade do

Brasil, que hoje é a Universidade Federal do Rio de Janeiro<sup>2</sup>, tornando-se assim o núcleo da Faculdade Nacional de Filosofia, Ciências e Letras desta instituição, unidade que passa a funcionar a partir de 1939. Para além disso, as Faculdades Católicas do Rio de Janeiro, hoje Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, fundada em 1940, contava desde o início com uma Faculdade de Filosofia, que possuía curso de Letras. A Universidade de Porto Alegre, hoje Universidade Federal do Rio Grande do Sul, fundada em 1934, não possuía área de humanidades no início, passando a contar com uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras a partir de 1942, cujos cursos de Letras se iniciaram em 1943. Ademais, a Universidade Católica de São Paulo, hoje Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, fundada em 1946, pela agregação de alguns cursos superiores isolados de instituições antigas, entre as quais a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento, a Faculdade Livre de Letras de São Paulo, bem como o Instituto Sedes Sapientiae, que fora criado em 1933 e contava com um curso de Letras. E, por fim, a Universidade do Distrito Federal<sup>3</sup> (2), hoje Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com sua criação em 1950.

O quadro a seguir apresenta a divisão do ensino superior no Brasil, considerando os anos, o número de matrícula geral, número de matrícula efetiva, e número de corpo docente.

**Quadro 2:** Ensino Superior no Brasil nas décadas 1930-1950.

Modalidade de ensino/categoria de ensino	Anos	Matrícula geral	Matrícula efetiva	Corpo docente
Ensino superior	1934	25.207	23.484	3.657
	1935	25.996	23.760	3.898
	1936	26.187	23.353	3.760
	1937	24.922	21.996	3.506
	1938	22.300	19.824	3.454
	1939	21.235	20.057	3.989
	1940	20.017	18.895	3.922
	1941	19.872	18.974	4.107
	1942	21.425	20.330	4.355
	1943	23.786	-	4.856
	1944	26.004	-	5.023

<sup>2</sup> Considera-se: a UFRJ foi criada em 1920, com o nome de Universidade do Rio de Janeiro, sendo reformulada em 1937, quando passou a chamar-se Universidade do Brasil; sua designação atual Universidade do Distrito Federal do Rio de Janeiro, foi adotada em 1965. Sua Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, prevista desde 1931 e nominalmente instituída em 1937, instala-se de fato em 1939, mediante a absorção da Escola de Filosofia e Letras da Universidade do Distrito Federal, instituição criada pela municipalidade carioca em 1935 e extinta pelo governo federal em 1939. *Os cursos de Letras no Brasil: passado presente e perspectiva. Opiniões. Portal de revistas da USP.*

<sup>3</sup> Não confundir com a instituição homônima referida anteriormente. A Universidade do Distrito Federal (destacada como número 2 do quadro 1), foi posteriormente transformada em Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

	1945	28.293	-	5.172
	1946	28.464	-	5.123
	1947	30.715	-	5.117
	1948	34.544	-	5.451
	1949	37.589	-	5.610
	1950	43.958	-	6.804

Fontes: anos 1934-1938 anuário estatístico do Brasil-1939-1940; p.714, anos 1939-1942; anuário estatístico do Brasil-1946; p.409, ano 1946; anuário estatístico do Brasil-1953, anos 1947-1949; anuário estatístico do Brasil-1951; p. 399; ano 1950; anuário estatístico do Brasil-1952; corpo docente; anuário estatístico do Brasil-1953.

Este quadro foi construído por meio da coleta de dados dos anuários estatísticos do Brasil 1939/40 a 1953. Por meio dele, pode-se ter um panorama de parte do ensino superior no Brasil do início da década de 1930 até início da década de 1950. A análise foi produzida segundo a modalidade de ensino/categoria de ensino, cujo ensino é o ensino superior, os anos apresentados referem-se aos anos que estamos estudando em nossa pesquisa, a matrícula geral compete ao número total de alunos que realizaram a matrícula inicial, assim dizendo, todos os alunos que se inscreveram e foram admitidos no curso, independentemente de sua continuidade nos estudos, já a matrícula efetiva, indica o número de alunos que continuaram frequentando o curso, este número leva em consideração, alunos que permaneceram no curso após eventuais desistências ou transferências, e o corpo docente apresentado corresponde ao número de professores que lecionavam nesse período no ensino superior.

Verifica-se nessa análise sucinta que, nos anos de 1934 a 1936, na matrícula geral, há um número crescente, acompanhando também a matrícula efetiva, mas com exceção no ano de 1936 em que há uma pequena queda, de igual modo também acontece com o corpo docente referente aos anos de 1936 até 1938, cujos números aumentam no ano de 1939, tendo outra queda em 1940, aumentando no próximo ano, e, até o início de 1950, esses números seguem expandindo. Examinando a matrícula geral dos anos de 1937 até 1941, os números sofreram uma queda significativa, podendo ser atribuída a uma combinação de fatores políticos, econômicos e sociais que marcaram esse período. Dentre tais, podemos citar algumas razões como o governo Getúlio Vargas, com a implantação do Estado Novo, que marcou por ser um regime que centralizou o poder e reprimiu liberdade civis, causando um clima de incerteza e repressão, sobretudo afetando também o ambiente acadêmico e educacional. E, também, o mundo encontrava-se em meio à Segunda Guerra Mundial, que teve um grande impacto global. Momento também em que houve reformas educacionais, como a Reforma Capanema, que aconteceu durante o Estado Novo (ministro da educação no período era Gustavo Capanema); com o objetivo de modernizar a educação, tais mudanças deixaram o ensino superior restrito. Contudo, esse período foi marcado por incertezas e desafios, que, como

podemos ver em nossa análise do quadro 2, uma queda significativa no ensino superior, principalmente na matrícula geral (Schwartzman; Bomeny; Costa, 2000).

Para além disso, pode-se observar que o ensino superior volta a crescer a partir de 1942, quando houve um aumento significativo na criação de universidades, tanto públicas quanto privadas em várias regiões do país, tendo como objetivo descentralizar o ensino superior, tornando-o acessível.

Especificamente, em análise do *anuário estatístico do Brasil de 1937*, o curso de Letras e Línguas Estrangeiras<sup>4</sup> é citado pela primeira vez, e traz as seguintes informações sobre resultados gerais em nível Brasil do ano de 1934. O curso de Letras contava com corpo docente no total de 11 professores, 38 matrículas gerais e igualmente o número de matrículas efetivas, já o curso de Línguas Estrangeiras, no mesmo ano, contava com um corpo docente de 87 professores, 3.203 matrículas gerais e 3.036 de matrículas efetivas. É importante aqui ressaltar que esses números oferecidos sobre o curso de Línguas Estrangeiras foram informados pelo anuário na modalidade do ensino secundário e médio, não trazendo os números no ensino superior.

Em linhas gerais, o curso de Letras era a principal via para os estudos de línguas estrangeiras, oferecendo a oportunidade ao estudante de se especializar em línguas e literaturas específicas, com forte influência europeia, preparando seus acadêmicos para elevar o estudo secundário ao nível que lhe compete. Precisamente, o *anuário da FFCL/USP do ano de 1936*, traz as seguintes informações:

Art.16 do Regulamento da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras:  
 Para a obtenção da licença em qualquer das línguas estrangeiras, que compreendem a 2ª subseção da 3ª seção, o aluno é obrigado a um curso básico ministrado na Faculdade, de Português (Filologia Portuguesa e Literatura Luso-Brasileira) e Letras Clássicas (Língua e Literatura Latina ou Língua e Literatura Grega).  
 §único- O aluno poderá matricular-se, preenchidas as formalidades regulamentares, no curso de uma ou mais línguas estrangeiras (Anuário da FFCL/USP-1936).

Na década de 1930, funcionavam o curso de Letras Clássicas e Português, junto com o de Línguas Estrangeiras. Faziam parte da seção de Línguas Estrangeiras, as cadeiras de Filologia e Literatura Latina, a cadeira de Filologia Portuguesa, a cadeira de Literatura Luso-Brasileira, a cadeira de Língua e Literatura Francesa, e a cadeira de Italiano. Devido a um grande número de cadeiras, o curso de Línguas Estrangeiras desdobra-se no início dos anos 1940, dando base à fundação dos cursos de Letras Neolatinas e Letras

---

<sup>4</sup> Fazia parte da subseção do curso de Letras.

Anglo-Germânicas (Anuário da FFCL/USP, 19337-1938, p. 377, 1939-1949), como detalhamos nos quadros abaixo:

**Quadro 3:** Números de estabelecimentos referentes aos seguintes anos, número total e número de municípios das capitais.

Modalidade de ensino	1940 n° total	1940 n° nos municípios das capitais	1941 n° total	1941 n° nos municípios das capitais	1944 n° total	1944 n° nos municípios das capitais
Letras Clássicas	9	9	12	10	14	12
Letras Neolatinas	6	6	9	9	15	14
Letras Anglo-germânicas	6	6	8	8	13	12

Fonte: Anuário Estatístico do Brasil, 1941/1945,1946,1949.

**Quadro 4:** Distribuição dos alunos matriculados por Unidade de Federação em 1954 I.

Modalidade de ensino	Amazonas	Pará	Maranhão	Piauí	Ceará	Rio Grande do Norte	Paraíba	Pernambuco	Alagoas	Sergipe
Letras anglo-germânicas	-	-	-	-	58	-	-	55	25	9
Letras Clássicas	-	-	-	-	18	-	-	4	26	-
Letras Neolatinas	-	-	30	-	39	-	27	206	28	31

Fonte: Anuário Estatístico do Brasil, 1954.

**Quadro 5:** Distribuição dos alunos matriculados por Unidade de Federação em 1954 II.

Modalidade de ensino	Bahia	Minas Gerais	Espírito Santo	Rio de Janeiro	Distrito Federal	São Paulo	Paraná	Santa Catarina	Rio Grande do Sul	Mato Grosso	Goiás
Letras Anglo-germânicas	66	18	15	20	204	240	33	-	68	11	-
Letras Clássicas	32	56	-	28	251	202	18	-	88	-	-
Letras Neolatinas	96	85	19	33	379	379	100	-	99	31	-

Fonte: Anuário Estatístico do Brasil, 1954.

**Quadro 6:** Matrículas dos alunos no ano letivo de 1954, segundo as universidades.

Modalidade de ensino	do Recife	Rural de Pernambuco	Católica de Pernambuco	da Bahia	de Minas Gerais	Rural de Minas Gerais	Católica de Minas Gerais	Rural do Rio de Janeiro	do Brasil
Letras Anglo-germânicas	29	-	26	47	9	-	4	-	78
Letras Clássicas	4	-	-	8	30	-	8	-	97
Letras Neolatinas	108	-	98	64	55	-	7	-	128

Fonte: Anuário Estatístico do Brasil, 1954.

**Quadro 7:** Conclusões de curso no ano de 1954, segundo a modalidade de ensino, por Unidade de Federação I.

<b>Modalidade de ensino e da Federação (Bacharel)</b>	<b>Número de alunos que concluíram o curso</b>
Letras Anglo-Germânicas	
Ceará	6
Pernambuco	5
Bahia	6
Minas Gerais	5
Rio de Janeiro	2
Distrito Federal	101
São Paulo	24 (1)
Paraná	11
Rio Grande do Sul	22
Goiás	5
Total	187 (1)

Fonte: Anuário Estatístico do Brasil, 1954.

**Quadro 8:** Conclusões de curso no ano de 1954, segundo a modalidade de ensino, por Unidade de Federação II.

<b>Modalidade de ensino e unidade de Federação (Bacharel)</b>	<b>Número de alunos que concluíram o curso</b>
Letras Clássicas	
Ceará	18
Bahia	2
Minas Gerais	15
Rio de Janeiro	1
Distrito Federal	51
São Paulo	12 (1)
Paraná	6
Rio Grande do Sul	12
Total	117 (1)

Fonte: Anuário Estatístico do Brasil, 1954.

**Quadro 9:** Conclusões de curso no ano de 1954, segundo a modalidade de ensino, por Unidade de Federação III.

<b>Modalidade de ensino e unidade de Federação (Bacharel)</b>	<b>Número de alunos que concluíram o curso</b>
Letras Neolatinas	
Ceará	18
Pernambuco	41
Bahia	7
Minas Gerais	9
Rio de Janeiro	4
Distrito Federal	118
São Paulo	29 (1)
Paraná	27
Rio Grande do Sul	26
Goiás	5
Total	284 (1)

Fonte: Anuário Estatístico do Brasil, 1954.

Analisando o quadro 3, o Brasil nos anos 1940, 1941 e 1944, segundo os cursos de Letras Clássicas, Letras Neolatinas, Letras Anglo-Germânicas, de acordo com o número de estabelecimentos totais e nos municípios das capitais, pode-se observar que, em todos os anos, os números de estabelecimentos cresceram.

Ainda, foi analisado, nos quadros 4 e 5, a distribuição de alunos matriculados por unidade de federação, mas como os *anúários estatísticos do Brasil* que foram produzidos entre 1930 e 1950 (período de análise deste estudo) não trazem essas informações, tais foram encontradas no *anúário estatístico do Brasil* do ano de 1954, em que é informado quais os estados que possuíam os cursos de Letras Clássicas, Letras Neolatinas e Letras Anglo-Germânicas.

Por sua vez, o quadro 6, traz o número de matrículas dos alunos do ano letivo de 1954, segundo as universidades do Recife, Rural de Pernambuco, Católica de Pernambuco, da Bahia, de Minas Gerais, Rural de Minas Gerais, Católica de Minas Gerais, Rural do Rio de Janeiro e do Brasil, porém estão faltando algumas universidades de outros estados, pois a página seguinte do anuário foi extinta, não foi digitalizada, e o motivo não foi informado, sendo assim, não temos a continuação dos dados estatísticos das outras universidades, principalmente a Universidade de São Paulo, sobre a qual o nosso estudo se debruça.

Já nos quadros 7, 8 e 9, destacamos o número de alunos que concluíram os cursos de Letras Clássicas, Letras Neolatinas e Letras Anglo-Germânicas no ano de 1954, por unidade da federação. Pode-se notar que, ao lado dos números que estão informando sobre os alunos que concluíram o curso em São Paulo, aparece o número 1 entre parênteses (1), que nos deixa saber que, dentro deles, fazem parte os números da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Em suma, neste item, observou-se de forma sucinta que as décadas de 1920, 1930, 1940 e 1950 foram períodos de grandes transformações para o ensino superior no Brasil, destacando a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. A análise do curso de Letras Clássicas e Português, que é o nosso objeto de estudo, permite averiguar a distribuição geográfica dos Cursos de Letras nos anos 1930 e início de 1950, quais as Unidades de Federação (estados) que faziam parte, assim como números de estabelecimentos nos municípios das capitais, a quantidade de matrícula do ensino superior no Brasil, quantidade do corpo docente e conclusões de curso por Unidade de Federação. Também observou-se o desdobramento do curso de Línguas Estrangeiras no início dos anos de 1940, tornando-se Letras Neolatinas e Letras Anglo-Germânicas.



Adiante, no item a seguir vamos explorar quais as licenciaturas que faziam parte da FFCL/USP entre as décadas de 30,40 e 50, e, sobretudo, a especificidade do curso de Letras Clássicas e Português na Faculdade.

## 1.2 Os contrastes institucionais

No item anterior, vimos como estava a distribuição geográfica dos cursos de Letras e quais Universidades e Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras que faziam parte, assim como o número do corpo docente, número de cursos por unidade da federação e as seções que o curso de Letras se dividia entre as décadas 1930 e 50. Essa investigação nos permite agora adentrar o lugar que o curso de Letras ocupou na FFCL/USP e quais as licenciaturas que faziam parte da faculdade no período, e um breve comentário sintético sobre essas licenciaturas. Nosso foco será principalmente no curso de Letras, o que era atribuído ao curso, sobre a ótica de atas, discussões legislativas, discursos, boletins e aulas inaugurais, publicadas nos anuários da FFCL/USP entre 1934 e início de 1950.

No ano de 1934, ano de inauguração da FFCL/USP, faziam parte das licenciaturas os seguintes cursos: Filosofia, Ciências Matemáticas, Ciências Físicas, Ciências Químicas, Ciências Naturais, Geografia e História, Ciências Sociais e Políticas, Letras Clássicas e Português, e Línguas Estrangeiras.

Em uma breve discussão, vamos entender como cada licenciatura se encontrava em nosso período de estudo, a começar pelo curso de Filosofia.

Precisamente, o curso de Filosofia surge na FFCL/USP a partir da sua criação em 1934, sob a supervisão do Prof. Etiene Borne, em seguida, em 1935, substituído pelo Prof. Jean Mangué. Em 1939, foi indicado o Prof. João Cruz Costa, que era assistente do Prof. Jean Mangué. Em seguida, a cadeira de filosofia no período de 1939 e 1949 contou como assistentes os licenciados Décio de Almeida Prado, Laerte Ramos de Carvalho, Cícero Cristiano de Souza, Lineu de Camargo Schitzer e Romulo Fonseca, a contar de 1947, a cadeira passa a ter a contribuição do Prof. Gilles Gaston Granger.

A respeito do contexto dessa implementação do curso, Helena Sampaio ([s.d.]) salienta que a década de 1930 foi marcada por questões políticas, em que havia uma tentativa de institucionalização e organização dos cursos universitários. Havia cursos universitários, mas não eram tão organizados, sendo dado importância a cursos que tinham certo status social.

Ainda, o professor Jean Maugué, escreve um artigo (*Anuário da FFCL/USP 1934-1935*) em que diz que o objetivo desse artigo é procurar fixar as condições do ensino filosófico na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e complementa que “A filosofia não se ensina. Ensina-se a filosofar”. (*Anuário da FFCL/USP 1934-1935* p. 25). Já no de 1936, o professor Jean Maugué participou de conferências públicas “O ensino da Filosofia na escola secundária” (*Anuário da FFCL/USP -1936, p. 95*). Na ata da primeira reunião dos professores da FFCL/USP, ocorrida no dia 28 de setembro de 1936, foram convocados pelo Prof. Dr. Almeida Prado, diretor da FFCL/USP, alguns professores e, dentre eles estava, o Prof. Jean Maugué (professor do curso de Filosofia). A reunião tinha como objetivo comunicar que o governo do Estado (Sr. Governador Dr. Armando de Sales Oliveira) solicitava um plano de reforma do Regulamento da Faculdade de Filosofia, com a finalidade de se estudar um plano amplo de reforma, de maneira a reorganizá-la nos moldes mais úteis ao ensino.

Em 1936, formava a primeira turma de licenciados da FFCL/USP, e era de costume que, ao findar do curso, um aluno fosse convidado para proferir algumas palavras em nome de seus companheiros, e o escolhido foi João Cruz Costa (aluno do curso de Filosofia), como veremos a seguir:

A nossa missão, quais que sejam os caminhos que agora tenhamos de trilhar, está intimamente ligada aos destinos da Universidade...É mister, pois, definir a nossa posição e o nosso pensamento acerca da renovação que a Universidade veio operar em nosso meio.

A nossa vida de estudo não termina aqui. Ela é a razão de ser de nossa existência, pois há, para aqueles que elegem o professorado ou outras formas de vida intelectual para sua atividade, algo que se assemelha à vocação do sacerdote. Professores, homens de letras, cientistas – intelectuais em suma – é para o serviço do espírito que todas as nossas energias se voltam e convergem (*Anuário da FFCL/USP -1936, p. 190,191*).

Em um relatório de exposição geral do primeiro semestre de 1938, apresentado pelo Prof. Dr. Ernesto de Souza Campos ao Exmo. Sr. Reitor da Universidade de São Paulo (Sr. Prof. Lucio Martins Rodrigues), deixa-se clara a necessidade do desdobramento da cadeira de Filosofia, pois a seção compunha-se de quatro cadeiras: Filosofia Geral, Filosofia da Ciência, História da Filosofia e Psicologia, sendo lecionadas nos três anos de curso e ministradas por um único professor e auxiliado por um assistente. Para além disso, deixou-se saber que foram incluídos no orçamento para o ano de 1938 diversos desdobramentos de cadeiras, inclusive na seção de Filosofia, mas, nos cortes de orçamento, foram suprimidas as verbas determinadas

para tal fim. Sendo assim, não valeram os argumentos apresentados e a consignação da verba para mais um professor foi rejeitada (Anuário da FFCL/USP-1938, p. 189).

Quanto à análise do curso de Ciências Matemáticas, analisando o anuário da FFCL/USP do ano de 1936, faz-se saber sobre a contratação de novos professores, nacionais e estrangeiros, para ocupar as cátedras criadas para o funcionamento dos cursos relativos ao 3º ano da Faculdade. O Prof. Giacomo Albanese, da Faculdade de Matemática da Universidade de Pisa, para a cátedra de Geometria e Histórias das Matemáticas, e Luigi Galvani, da Faculdade de Economia e Comércio da Universidade de Nápoles, para a de Estatística, ambos professores oriundos da Itália. Especificamente, o Prof. Luigi Galvani, participou da primeira reunião de professores da Faculdade, sobre a reforma do ensino a pedido do governador, onde na ocasião a reunião resultou em ata.

Já, no ano de 1936, a faculdade contou com um parecer, que deu ao Conselho Universitário a decisão dos termos do ofício nº 178 da reitoria da Universidade de São Paulo – 17-03-1936, com referência ao ofício que acompanhou um plano de reforma de ofício nº 433, de 10 de dezembro de 1935, que contribuiu com a aprovação das modificações propostas nos seguintes itens: I subseção de Ciências Naturais, com a criação de um ano pré-universitário, de caráter facultativo, para os candidatos que apresentassem certificados de curso ginasial anterior a 1935, compreendendo as matérias de Física, Química e Matemática, cuja a organização poderia efetuar-se no Colégio Universitário, dentro dos seus cursos regulares (Anuário da FFCL/USP, 1936, p. 160, 161).

No ano de 1937, foram publicados três boletins no segundo semestre, em que estava inserido “*O Jornal da Matemática Pura e Aplicada*”, sendo organizado pelas subseções de Ciências Matemáticas e Ciências Físicas. (Anuário da FFCL/USP-1937-1938, p. 137, 138). Adiante, no ano de 1945, quem discursou na aula inaugural do curso de matemática, foi o Prof. Omar Catunda, valendo destacar suas seguintes falas, como apresentamos a seguir:

... a matemática se divide em três ramos distintos: Aritmética, Álgebra e Geometria, que, embora com frequência se auxiliem e se entrem mutuamente, têm profundas diferenças nos tipos de raciocínio empregado. De um modo geral, pode se dizer que a aritmética é a ciência dos números, a Álgebra é o estudo das relações e dos algoritmos, e a Geometria é a ciência da forma e do espaço ... Assim, esquematicamente, o ensino de matemática no curso secundário tem por função primordial fazer passar o aluno do estado rudimentar do conhecimento de regras e nomenclatura aprendidas de cor, no curso primário, para o estado mais desenvolvido de uma capacidade de raciocínio puro sobre fatores abstratos e de uma intuição geométrica espacial bastante adiantada... (Anuário da FFCL/USP-1939-1949, vol. I, p. 126, 127).

Os cursos de Ciências Naturais, Ciências Químicas e Ciências Físicas iniciaram-se em 1934, juntamente com a fundação da Faculdade. Ciências Naturais e Ciências Químicas, funcionavam em salas cedidas pela Faculdade de Medicina, e Ciências Físicas, na Escola Politécnica.

Em virtude do início do funcionamento das cadeiras, foram contratados em 1935, mais professores, assim como Heinrich Hauptmann, assistente científico da seção de Química, que foi encarregado do curso de Química correspondente à subseção de Ciências Naturais. Por conseguinte, o Dr. Luis Cintra do Prado foi contratado para substituí-lo na Cadeira de Física e na de Geometria, que era correspondente da subseção de Ciências Naturais e Ciências Químicas, o Prof. Gleb Wataghim, que mais tarde foi substituído pelo Prof. Antonio Soares Romêo.

Em uma proposta de reforma do regulamento da Faculdade (anuário da FFCL/USP -1934-1935), o diretor da Faculdade propôs ao Conselho Universitário que fosse modificado o regulamento da subseção de Ciências Naturais, mas deixou claro que tal proposta só seria incluída no anuário referente ao ano de 1936.

Nota-se que, com o passar dos anos, os anuários vão sendo mais elaborados e pensados de maneira prática para análise, ou mesmo para leitura dos estudiosos. A exemplo, o anuário de 1936 traz com bastante detalhamento a seção de Ciências acompanhadas de suas subseções: ***Ciências Matemáticas*** (1º cadeira: Geometria, História das Matemáticas, 2º cadeira: Análise Matemática, 3º cadeira: Mecânica Racional, precedida de cálculo vetorial). ***Ciências Físicas*** (1º cadeira: Física Geral e experimental, 2º cadeira: Teorias Físicas, História da Física). ***Ciências Químicas*** (1º cadeira: Química, 2º cadeira: Química, História da Química). ***Ciências Naturais*** (1º cadeira: Mineralogia e Geologia, 2º cadeira: Botânica Geral, 3º cadeira: Fisiologia Geral, 4º cadeira: Zoologia Geral, 5º cadeira: Fisiologia Geral e Animal, 6º cadeira: Biologia Geral). ***Geografia e História*** (1º cadeira: Geografia Física e Humana, 2º cadeira: História da Civilização, 3º cadeira: História da Civilização Americana, 4º cadeira: História da civilização Brasileira, 5º cadeira: Etnografia Brasileira e Língua Tupi-Guarani. E, por último, a subseção de ***Ciências Sociais e Políticas*** (1º cadeira: Sociologia, 2º cadeira: Sociologia, 3º cadeira: Economia Política, Finanças e História das Doutrinas Econômicas, 4º cadeira: Direito Político, 5º cadeira: Estatística).

Ainda referente a este ano, a aula inaugural dos cursos universitários de 1936, proferido pelo Prof. Antonio de Sampaio Doria, catedrático de Direito Político, teve como título: “*O Método nas Ciências Sociais*”, em que o autor destacou sua missão de servir à pátria por meio do ensino na faculdade, ao aceitar a regência da cadeira de Direito Político.

Enfatizou também a importância dos métodos de estudo dos fenômenos sociais e mencionou que, mesmo na época, os sociólogos não concordavam sobre o que era um fato social, sobre sua natureza e seus elementos fundamentais. Ele apontava para a confusão existente no campo das Ciências Sociais, particularmente em relação à definição e compreensão das características estudadas. Finalmente, ele observou que o método de investigação das Ciências Sociais não é muito diferente de outras ciências, exceto em dois aspectos: a visão dos fins e a classificação dos fatos como normais ou patológicos, com base em sua conformidade ou oposição às leis que regem a conservação da sociedade. Isso implica que a análise das características sociais envolve um julgamento sobre a sua adequação aos padrões de manutenção da ordem social (Anuário da FFCL/USP- 1936, p. 12, 26).

Ainda sobre o ano de 1936, houve um plano de reforma de ensino que, após várias reuniões, a Comissão apresentou ao diretor uma declaração em que cada um apresentasse seu parecer. Trecho do projeto de reforma dos estatutos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, aprovados pelo decreto nº 39 de 3 de setembro de 1934 do governo federal, é apresentado abaixo:

Da faculdade de Letras e Ciências

Art. 1º - A Faculdade de Letras e Ciências dividir-se á em 2 seções:

- a) *Letras* (Letras Clássicas, Letras modernas, filosofia, disciplinas sociais, matérias históricas, geográficas e antropológicas)
- b) *Ciências* (*Ciências Matemáticas e Naturais*)

Art. 2º - A seção de Letras abrangerá as seguintes subseções:

- 1- Letras Clássicas
- 2- Letras modernas
- 3- Filosofia
- 4- Disciplinas Sociais
- 5- História
- 6- Geografia
- 7- Antropologia

Art. 3º - A seção de Ciências abrangerá as seguintes subseções:

- 1- Matemática
- 2- Física
- 3- Química
- 4- Botânica
- 5- Zoologia
- 6- Mineralogia
- 7- Geologia

Art. 4º - O funcionamento didático -científico da Faculdade será da competência exclusiva dos seguintes órgãos:

- a) Congregação, composta de todos os professores catedráticos da Faculdade e presidida pelo diretor.
- b) Conselhos das seções, compostos, de cada um, de todos os professores catedráticos da respectiva seção;
- c) Conselhos das subseções, compostos cada um, de todos os professores catedráticos da respectiva subseção; (Anuário da FFCL/USP-1936, p. 125, 126).

... *As seções de Filosofia, Ciências e Letras foi acrescentada a de Pedagogia. As seções de Ciências e Letras passaram a dividir-se nos seguintes cursos: Matemática, Física, Química, História Natural, Geografia e História, Ciências*

*Sociais, Letras Clássicas, Letras Neolatinas, Letras Anglo-Germânicas* (Anuário da FFCL/USP-1939-1949, vol. I, p. 15).

Quanto ao curso de História e Geografia, analisando o anuário de 1934-1935, em um discurso de abertura dos cursos da Faculdade, pronunciado pelo Prof. A. de Almeida Prado, diretor da Faculdade, o professor referiu-se ao ensino de História e Geografia afirmando que o curso não era mais um calendário de datas, de nomes e de números, com intermináveis citações de acidentes e de dados relativos à terra e seus habitantes, enfim, despida de atrativos. A História e a Geografia, como são ensinadas hoje, dão vida à interpretação social e humana dos fatos que lhes constituem. A praticabilidade desses fatos, permite acesso a um ensino vivo, sugestivo, em que aos poucos se chega à consciência da nacionalidade (Anuário da FFCL/USP-1934-1935, p. 21).

Somasse a isso a contribuição do Prof. Fernand Paul Braudel (Anuário da FFCL-1934-1935), que, em um relatório da cátedra de História da Civilização, “*O Ensino da História e suas diretrizes*”, argumentou que a função da cadeira é formar professores para o ensino secundário e pesquisadores históricos, mas que, para isso, o ensino deve ter sido feito em profundidade, e, disse mais, que a cultura da história se adquire no domínio da história, nas pesquisas, e que se deve encaminhar o estudante ao labor desse campo avançado da pesquisa. devendo ensinar-lhes as disciplinas auxiliares da história, como a arqueologia, a epigrafia, a paleografia, e orientá-los e ligá-los a pesquisas dignas da erudição brasileira.

Ademais, em uma aula inaugural do Prof. Aroldo de Azevedo, no dia 15 de março de 1946, quando foram proferidas considerações em torno da Geografia e seu ensino, o professor expressou-se da seguinte forma:

O moderno geógrafo procura dar uma interpretação viva da paisagem. Preocupa com o estudo do relevo e da estrutura, procurando explicar-lhe as formas e reconstituindo sua evolução. Tenta distinguir as paisagens botânicas, correlacionando-as com as características do clima e com a natureza do solo. Examina os fatores climáticos, para tentar fixar o tipo de clima da região. Estuda a hidrografia; sem esquecer suas relações com o relevo, a estrutura, o clima e a própria vegetação. Refere-se à fauna, quando tiver algo de característico... Ao passar ao estudo do homem, observa com cuidado como se distribui a população, com suas áreas de maior ou menor densidade, procurando explicar os contrastes; verifica as diferenças étnicas, ... tipos de habitação, gêneros de vida. Observa os aglomerados urbanos, sua localização, sua evolução... Estuda a vida econômica, através da multiplicidade de suas manifestações e de seus problemas... Assim é o geógrafo moderno. Sua tarefa, sua grande tarefa, não se confunde com a de nenhum outro (Anuário da FFCL/USP-1939-1949, Vol. I, p. 137, 138).

Assim como era de costume na FFCL/USP ser convidado para ministrar a aula inaugural dos cursos o professor catedrático mais novo, agora era vez do Prof. Eurípedes

Simões de Paula, em 11 de março de 1949, quando discursou sobre “*A História e o seu ensino na Faculdade*”, teve cuidado de ministrar uma aula que pudesse interessar a todos do auditório, pois, no mesmo, encontravam-se professores e alunos das diversas disciplinas da Faculdade. Especificamente, o professor começou perguntando como se deveria comportar um historiador perante a História. E disse que, antes de mais nada, o historiador deveria formular um problema, pois, se não houvesse problema, não haveria história. E, após o problema formulado, deve-se elaborar hipóteses. O professor ainda enfatizou que era por isso que, em nossa definição de História, não falamos em Ciência, mas, sim, em estudo cientificamente organizado (Anuário da FFCL/USP-1939-1949, Vol. I, p. 157, 158).

Após termos acompanhado alguns fatos marcantes das licenciaturas que faziam parte da Faculdade no período que estamos estudando, agora é a vez de analisarmos de perto o curso de Letras Clássicas e Português, sobretudo, observando sua peculiaridade, o lugar que o curso ocupou na Faculdade e a identidade que foi sendo construída ao longo das décadas de 1930 até início de 1950. Para compreendermos como o curso de Letras Clássicas e Português se instituiu na FFCL/USP, firmando-se e tornando-se um curso sólido, e entendermos como isso se dá, contamos com Pierre Bourdieu, com seus conceitos de campo, *habitus*, bens e capital, sendo que, neste momento, verificamos o conceito campo, para contemplar o dinamismo que o curso teve para se firmar.

Em linhas gerais, conforme Bourdieu, pode-se caracterizar campo como um espaço de disposição e diferenciação dos grupos sociais, avaliando-se nele as formas de disputa pelo poder. Apesar de sua autonomia relativa, o campo depende das disposições de lucro, preço, venda, determinações políticas, no espaço social. Já o campo científico é o lugar, o espaço de jogo de uma luta concorrencial, sendo que o que está em jogo é o monopólio da autoridade científica. E no campo intelectual, tudo o que o cerca constituiria ritos de consagração (Bourdieu, 1983, p. 122-23). Adiante, exploramos como esse conceito nos ajuda a compreender a identidade do curso de Letras.

### 1.3 Consolidando saberes: o curso de Letras Clássicas e Português na FFCL/USP

O curso de Letras Clássicas e Português funcionava juntamente com o curso de Línguas Estrangeiras, (só no início de 1940 que o Curso de Línguas Estrangeiras se desdobra, em Letras Neolatinas e Letras Anglo-Germânicas, tornando-se cursos independentes), faziam parte da Faculdade desde do início de sua criação (1934). Num período em que as regras do

"campo intelectual" ainda não estavam plenamente estabelecidas, nem sustentadas por um nível de especialização que garantisse certa autonomia em relação a outros campos, ao mesmo tempo em que moldasse a natureza das disputas por poder (Bourdieu, 1999; 2007).

Nesse cenário, em um discurso de abertura dos cursos em 11 de março de 1935, pronunciado pelo Prof. A. de Almeida Prado, diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, deixou saber sobre a criação da Faculdade: "O que ontem era apenas a semente lançada ao solo, hoje é a árvore que começa a despontar. Ontem era o anseio, a promessa; hoje a realidade em marcha, a ideia fecundada e desabrochada em frutos". (Anuário da FFCL/USP-1934-1935, p. 7). Ressaltou ainda o papel que a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras teria na formação do corpo docente, dela sairiam os humanistas, habilitados por longos cursos de aperfeiçoamento didático e científico, de Letras Clássicas e de Línguas, incumbidos de elevar o estudo ao nível que lhe compete na seriação do ensino (Anuário da FFCL/USP-1934-1935, p. 18).

Ainda, o Prof. Michel Berveiller, sob a orientação da cátedra de Filologia Grega e Latina escreveu "*Relatório acerca do ensino das Literaturas e Filologias Greco-Latinas*", em que explica a necessidade de estudos clássicos em relação a outras disciplinas, devendo também ter seus valores, e suas funções próprias sendo criticados, avaliados, postos em paralelo como os de quaisquer outros ramos de cultura.

Reconhecida a validade e a necessidade de estudos greco-latinos, foi a hora de se dar um título à cadeira de Letras Clássicas e Português, para o qual o professor Berveiller teve a seguinte contribuição:

Quando se tratou de dar um título à cadeira de Letras Clássicas, da qual estou presentemente encarregado, hesitou-se longamente. "Letras Clássicas" era um pouco vago; "Línguas Clássicas", seria dizer demais... Finalmente, chegou-se à acordo... "Literatura e Filologia Greco-Latina", que apresentava a vantagem de mostrar nitidamente os dois objetivos, literário e estético de um lado, linguístico e gramatical de outro, nitidamente distintos, ainda que necessariamente ligados um ao outro (Anuário da FFCL/USP-1934-1935, p. 186).

O professor ainda afirmava que o ensino dito como superior destinava-se a dois principais fins: *o ensino e a pesquisa*, no qual os dois estão entrelaçados. E quanto à organização da matéria, pode-se observar o cuidado que o professor teve quando ressaltou que, na distribuição das matérias e na orientação dos programas, e na escolha dos exercícios, empenhou-se ao máximo, pois se tratava primeiro e sobretudo da formação de professores de humanidades para o ensino secundário (Anuário de FFCL/USP-1934-1935, p. 188). Dizia também que, quando o nível de estudos fosse elevado, haveria a necessidade de uma



especialização do ensino universitário. Declarou a necessidade de distinguir o Grego do Latim, e a Literatura da Filologia. O ensino dessas matérias seria repartido entre um professor de Literatura e Filologias Latinas, de um lado, e um professor de Literatura e Filologias Gregas de outro. E, por fim, um terceiro professor para o ensino da Filologia Greco-Latina, que iria aliviar os dois professores da parte Filológica e extraliterária de seu ensino. Era desse modo que o professor pensou e tal divisão realmente aconteceu, como veremos no terceiro capítulo quando analisarmos a grade curricular.

Percebe-se o cuidado que os professores do curso de Letras Clássicas e Português tinham na elaboração e organização do curso, não que os outros cursos não possuíam, mas haja vista era um diferencial desses professores.

Já o Prof. Rebêlo Gonçalves pertencente à cátedra de Filologia Portuguesa, também faz um relatório sobre “O ensino da Língua Portuguesa perante as necessidades universitárias do Brasil”. Rebêlo Gonçalves (Anuário de 1934-1935) concluía que o ensino superior de português no Brasil teria de ser fundamentado numa série de trabalhos novos e de métodos novos, cada um com o seu valor peculiar. Com tal trabalho, empregar cada vez mais professores brasileiros, sejam eles de letras ou ciências, ensinem eles o português, ou a mais técnica das disciplinas para servirem a língua que falam ou escrevem.

No noticiário do Anuário de 1934-1935, foi informado alguns acontecimentos referentes a esses anos. Enquanto estava sendo preparada a abertura dos cursos da FFCL/USP, o Prof. Teodoro Augusto Ramos foi para a Europa contratar professores, entre eles, estava Michel Berveiller, *agrège* da Universidade de Paris, professor de Literatura Greco-latina. E, em 1935, novos professores foram contratados: fazia parte Francisco Rebêlo Gonçalves, catedrático da Universidade de Lisboa, contratado para a cadeira de Filologia Portuguesa.

Como feito, em 1934, também foram feitas, em 1935, conferências públicas, tendo participado como conferencistas os professores Michel Berveiller e Rebêlo Gonçalves.

No ano de 1936, de acordo com a necessidade do ensino são instaladas novas cadeiras, entre elas estava a de Literatura Luso-Brasileira. Houve, no mesmo ano, “*Regimentação para a concessão de bolsas de estudos e para comissionamento de professores na FFCL/USP, proposta pelo seu diretor e aprovada pelo conselho universitário*”, em que o Conselho Universitário, no intuito de acudir, os primeiros anos da Faculdade, com número de alunos suficientes para que seus cursos vigorem com eficiência, propôs a criação de bolsas de estudos. Era um prêmio em que o governo destinaria as vocações reais:

É preferível que a Faculdade tenha um número restrito de alunos, mas de comprovada aptidão, de pendor científico pronunciado, a ter uma população escolar excessiva, mas sem capacidade específica para os cursos que nela se professam” (Anuário da FFCL/USP-1934-1935).

Sobre os fundamentos da regimentação exposta, fica claro:

...Assim também a seção de Letras Clássicas e Português e a de Línguas Estrangeira constarão de um só curso para os alunos nestas condições, obrigando-se o candidato à escolha de uma língua estrangeira, pelo menos, além do curso básico de Letras Clássicas e Português”. (Anuário da FFCL/USP-1934-1935, p. 238).

Art. 5 ° O estudo das Letras Clássicas e Línguas Estrangeiras impõe a frequência ao curso completo de Letras Clássicas e Português e ao de uma língua estrangeira, pelo menos, à escolha do candidato (Anuário da FFCL/USP-1934-1935, p. 239).

O Prof. Otoniel Mota, da cátedra de Literatura Luso-Brasileira, em seu discurso feito no relatório “Considerações e reflexões acerca do ensino da Literatura”, mostra-nos a importância do estudo dessa literatura, como destacamos abaixo:

É preciso que o digamos, alto e bom som, a nossa gente moça, que, deslumbrada pelo brilho incontestável de outras literaturas, bem pode vir a esquecer ou menoscar os valores nossos, os valores luso-brasileiros. Nenhuma literatura moderna possui uma linha ancestral mais fidalga do que a nossa. Cumpre-nos honrá-la, fixá-la, ampliá-la com a segurança do futuro.” (Anuário da FFCL/USP-1936, p. 79).

Em todos os anuários, encontra-se noticiários que informam os acontecimentos ocorridos. No ano de 1936, foram contratados professores para ocuparem as cátedras referentes aos cursos dos 3º anos da Faculdade, entre esses novos contratados estava o Prof. Otoniel Mota, para a regência da cadeira de Literatura Luso-Brasileira. Nesse mesmo ano, em um *Boletim* da Faculdade, é informado que houve conferências públicas e, dentre os conferencistas, estavam os professores Otoniel Mota e Rebêlo Gonçalves, o primeiro sobre: “As origens da poesia lírica portuguesa” e o segundo “O lirismo horaciano” e “O sonho na poesia clássica”. Na reforma do ensino em 1936<sup>5</sup>, em ata, fica registrado a participação dos professores da seção do curso de Letras, entre eles estavam Michel Berveiller, Rebêlo Gonçalves, Otoniel Mota,

Em suma, após reuniões da comissão sobre a reforma, o curso de Letras Clássicas ficou da seguinte maneira:

---

<sup>5</sup>A reforma do ensino da FFCL/USP de 1936 aconteceu a pedido do governador do Estado, Dr. Armando de Sales Oliveira, autorizando a Faculdade a estudar um plano amplo de reforma, de maneira a reorganizá-la em moldes mais úteis ao ensino. Foi criada, então, uma comissão para recolher a sugestão dos professores. A reforma trouxe novidades ao curso, entre elas o desdobramento da cadeira de Literatura Luso-Brasileira.

*Art. 10º Ficarão a cargo da subseção de Letras Clássicas os seguintes cursos:*

- 1- *Filologia Latina;*
- 2- *Literatura Latina;*
- 3- *Filologia Grega;*
- 4- *Literatura Grega;*
- 5- *Gramática comparativa do Grego e do Latim;*
- 6- *Filologia Portuguesa;*
- 7- *Literatura Portuguesa;*
- 8- *Literatura Brasileira;*
- 9- *História do Humanismo e do Renascentismo. (Anuário da FFCL/USP-1936, p. 127).*

No plano de modificações propostas ao regulamento da Faculdade de Filosofia e submetidas à aprovação do conselho universitário, autoriza-se o desdobramento da cátedra de Literatura Luso-Brasileira, pois a cadeira transmitia o conhecimento profundo da literatura de dois povos, afins pela origem, pela tradição histórica e língua comum, mas afastados pela singularidade de seu desenvolvimento mental e literário, precisando então ser desdobrada em cadeiras de Literatura Portuguesa e Literatura Brasileira. Para confirmar tal esforço, o Conselho Universitário emitiu ofício<sup>6</sup>.

Em 1937, o Prof. Fidelino de Figueiredo, estava à frente da cadeira de Literatura Luso-Brasileira (Seção de Letras, 3º ano) e fez uma exposição de como seria seu ofício junto à cadeira. O professor informou que iria delinear um programa ideal, com um elenco de conhecimentos fundamentais sobre a história das duas literaturas e que, no primeiro semestre, seria exposta a matéria, fazendo uma longa demonstração crítica de ideias gerais sobre literatura medieval quinhentista, e também sempre para que haja ensejo sobre temas de literatura comparada hispano portuguesa, e, para o segundo semestre, o professor adotou método diverso para iniciar os estudantes no mundo da filosofia da literatura. Fez exemplificação de crítica fundada sobre leitura dos textos, na aula e em comum com os estudantes. Para tornar um ensino atrativo, o professor escolhia as obras de acordo com a curiosidade dos alunos, escolhia uma obra romântica portuguesa como centro do estudo do romantismo em Portugal, um poema brasileiro que pudesse tornar-se o centro de estudo do romantismo brasileiro, e uma obra de autor realista português e outra de autor brasileiro da mesma época com propósito análogo (Anuário da FFCL/USP-1937-1938, p. 22, 23).

---

<sup>6</sup> Of. nº 178 da Reitoria da Universidade de São Paulo-17-03-1936; Senhor Diretor. Com referência ao ofício que acompanhou um plano de reforma nº 433, de 10 de dezembro de 1935, do Regulamento dessa Faculdade, tenho a honra de comunicar a V. Excia. Que, submetido esse plano à deliberação do Conselho em sessão de 12 de fevereiro p.p, com o respectivo parecer da Comissão de Legislação e Recursos, foi este parecer aprovado, com um aditivo do professor Fonseca Teles. – Para a orientação de V. Excia. envio cópia desse parecer, que conclui pela aprovação das modificações propostas, nos seguintes itens: ...

III- Desdobramento da cátedra de Literatura Luso-Brasileira. Foi aprovado o desdobramento proposto (Anuário da FFCL/USP-1936, p. 160, 161).

A partir do relatório do professor, observa-se o comprometimento que o catedrático teve com o ensino ao descrever como iria trabalhar a disciplina, com o intuito de conquistar a atenção dos alunos, fortalecendo laços entre professor e aluno, sendo muito válido, principalmente em ambientes que possuem interação social. O professor ainda acrescentou que, com o objetivo de oferecer informações indispensáveis a candidatos ao futuro posto de assistente-docente, solicitou-se permissão para reger no segundo semestre um curso, o qual chamou de extraordinário, para licenciados sobre o tema: *Bibliografia geral, histórica e literária; Metodologia da crítica literária*.

Adiante, em 1937, no mesmo ano, foi publicado boletim da seção de Literatura, que informava que o Prof. Rebêlo Gonçalves publicou dois livros, editados pela Companhia Editora Nacional, um com o título: “Filologia e Literatura” e outro de “Dissertações Camoneanas”.

Além do mais, no relatório do primeiro semestre de 1938, apresentado pelo Prof. Dr. Ernesto de Souza Campos ao EXMO. SR. Lucio Martins Rodrigues, Reitor da Universidade de São Paulo, comentam-se as dificuldades que foram observadas em relação ao ensino de Língua e Literatura Grega e Língua e Literatura Latina, pois essas disciplinas eram professoradas por um único professor, e para este caso foi possível ser resolvido com a acomodação das verbas do orçamento em vigor, passando então a ter para cada disciplina um professor. Houve algumas alterações no corpo docente, em virtude da terminação de alguns contratos dos professores, dentre eles, Rebêlo Gonçalves, sendo designado para substituí-lo o professor Georges Raeders para a Cadeira de Língua e Literatura Latina, e Attilio Venturi para a Cadeira de Língua e Literatura Grega. Observa-se que a disciplina ficou dividida assim como o professor Michel Berveiller havia dito em seu discurso<sup>7</sup>.

Conforme Diogo Roiz (2021), na década de 1940, a produção dos anuários foi suspensa em função dos problemas orçamentários. Sendo nos anos iniciais de 1950, com a administração de Eurípedes Simões de Paula (1910-1977), diretor da Faculdade de Filosofia, que os anuários voltaram a ser produzidos.

O anuário de 1939-1949, foi dividido em dois volumes, e, no primeiro volume, expõe-se sobre o curso de Letras Estrangeiras o seguinte:

Já ao iniciar-se o ano letivo de 1935, todos os cursos previstos pelo decreto 7.069 começaram a funcionar regularmente, com exceção do de Línguas Estrangeiras que,

---

<sup>7</sup>Michel Berveiller (Anuário 1934-1935), falou da necessidade de distinguir o Grego do Latim, e a Literatura da Filologia. Onde o ensino dessas matérias seria repartido entre um professor de Literatura e Filologias Latinas, de um lado, e um professor de Literatura e Filologia Gregas de outro.

prevendo a existência das Cadeiras de Línguas e Literatura Francesa, Italiana, Espanhola, Inglesa e Alemã, teve em funcionamento apenas as duas primeiras, iniciando as outras as suas atividades somente em 1940 (Anuário da FFCL-1939-1949. Vol. I, p. 11).

Portanto, o curso de Letras Clássicas e Português funcionava junto com o de Línguas Estrangeiras, e o segundo desdobra-se no início dos anos 1940, para dar base a fundação dos cursos de Letras Neolatinas e Letras Anglo-Germânicas, tornando-se cursos independentes. Num período em que as regras do "campo intelectual" ainda não estavam plenamente estabelecidas, nem sustentadas por um nível de especialização que garantisse certa autonomia em relação a outros campos, ao mesmo tempo em que moldasse a natureza das disputas por poder. Abaixo segue o regulamento da faculdade em que são dissertadas parte dessas alterações:

Do regulamento da Faculdade

Art. 16 Para a obtenção de licença em qualquer das línguas estrangeiras, que compreendem a 2ª subseção da 3ª seção, o aluno é obrigado a um curso básico, ministrado na Faculdade, de Português (Filologia Portuguesa e Literatura Luso-Brasileira) e Letras Clássicas (Língua e Literatura Latina ou Língua e Literatura Grega).

§ único- O aluno poderá matricular-se, preenchidas as formalidades regulamentares, no curso de uma ou mais línguas estrangeiras. (Anuário de 1934-1935, p. 293).

A grade curricular do curso de Línguas Estrangeiras era distribuída da seguinte forma:

1º, 2º e 3º anos

Filologia Portuguesa

(O programa figura entre as cadeiras da subseção de Letras Clássicas e Português)

Gramática e Filologia Latina e Gramática e Filologia Grega

(Os programas figuram entre as cadeiras da subseção de Letras Clássicas e Português)

Latim

(Os programas figuram entre as cadeiras da subseção de Letras Clássicas e Português)

Grego

(Os programas figuram entre as cadeiras da subseção de Letras Clássicas e Português) (Anuário da FFCL/USP-1934-1935, p. 293).

Visando a uma organização mais ampla da Faculdade de Filosofia, instituiu-se o decreto 12.511 de 21 de janeiro de 1942; esse último decreto proporcionou à Faculdade uma nova estruturação, bem mais ampla que a estabelecida pelo decreto anterior. O curso de Letras Clássicas ficou melhor distribuído em suas disciplinas, sendo:

1º ano

- 1- Língua Latina
- 2- Língua Grega
- 3- Filologia e Língua Portuguesa
- 4- Literatura Portuguesa
- 5- Literatura Brasileira

6- História da Antiguidade Grego Romana

2º ano

- 1- Língua Latina
- 2- Língua Grega
- 3- Filologia e Língua Portuguesa
- 4- Literatura Latina
- 5- Literatura Grega

3º ano

- 1- Língua Latina
- 2- Língua Grega
- 3- Filologia e Língua Portuguesa
- 4- Literatura Grega
- 5- Filologia Românica

(Anuário da FFCL/USP-1939-1949, Vol. I, p. 19, 20).

Com o desdobramento do curso de Línguas Estrangeiras, no início dos anos 1940, foram criados os cursos de Letras Neolatinas e Letras Anglo-Germânicas.

Letras Neolatinas

1º ano

- 1- Língua Latina
- 2- Língua e Literatura Francesa
- 3- Língua e Literatura Italiana
- 4- Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-Americana
- 5- Filologia e Língua Portuguesa

2º ano

- 1- Língua Latina
- 2- Filologia e Língua Portuguesa
- 3- Língua e Literatura Francesa
- 4- Língua e Literatura Italiana
- 5- Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-Americana

3º ano

- 1- Filologia Românica
- 2- Filologia e Língua Portuguesa
- 3- Literatura Portuguesa e Brasileira
- 4- Língua e Literatura Francesa
- 5- Língua e Literatura Italiana
- 6- Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-Americana

Letras Anglo-Germânicas

1º ano

- 1- Língua Latina
- 2- Filologia e Língua Portuguesa
- 3- Língua Inglesa e Literatura Inglesa e Anglo-Americana
- 4- Língua e Literatura Alemã

2º ano

- 1- Língua Latina
- 2- Filologia e Língua Portuguesa
- 3- Língua Inglesa e Literatura Inglesa e Anglo-Americana
- 4- Língua e Literatura Alemã

3º ano

- 1- Língua Portuguesa
- 2- Língua Inglesa e Literatura Inglesa e Anglo-Americana
- 3- Língua e Literatura Alemã (Anuário da FFCL/USP-1939-1949. Vol. I, p. 25, 26).

No quarto ano, os alunos poderiam optar, livremente, por duas ou três Cadeiras ou Cursos, dentre os ministrados pela Faculdade, e quando aprovados, teriam direito ao diploma de Bacharel.

Além disso, poderiam cursar as Cadeiras de Psicologia Educacional, Didática Geral e Didática Especial; neste caso, teriam direito ao diploma de Licenciado.<sup>8</sup>

Conforme Castro (1974), licenciados são indivíduos que obtêm diplomas que assim os qualificam. Esses cursos e diplomas surgiram com a criação das primeiras Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, no início da década de 1930. De acordo com o decreto de 1931, o licenciado seria os professores dos cursos do ensino secundário, nas Ciências, nas Letras e na Educação. A FFCL/USP, que começou a funcionar em 1934, com algumas seções, veio a ter seus primeiros licenciados em 1936, considerando que era consentido obter a formação pedagógica juntamente com o 3º e último ano daquele Instituto<sup>9</sup>. Observa-se que em 1938, a FFCL/USP, cria a seção de Educação após o desligamento do Instituto de Educação daquela Universidade. Sendo assim, novo Decreto Lei que deu origem à Faculdade Nacional de Filosofia, onde encontra-se pela primeira vez, uma diferenciação do conceito “licenciado”. Onde este não abrange mais todos os formandos em seus cursos, e cada seção da Faculdade compreenderia um ou mais “cursos ordinários”, incluída uma seção especial, que era encarregada de ministrar o “Curso de Didática”. Estes cursos compostos por seis disciplinas<sup>10</sup>, substitui a antiga formação pedagógica<sup>11</sup> que conferia direito ao magistério. Sendo assim, a

<sup>8</sup>Segundo o decreto lei nº 12.511 de 21 de janeiro de 1942: aos alunos que concluíssem os três primeiros anos dos cursos das seções de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo lhes era conferido o diploma de bacharel. Segundo o decreto lei nº 12.511 de 21 de janeiro de 1942: aos candidatos ao curso de Didática era exigido o diploma de bacharel obtido nas três séries dos diversos cursos da Faculdade. Aos que terminassem o Curso de Didática era fornecido o diploma de Licenciado no curso em que o candidato se bacharelara. Segundo o decreto nº 9092 de 26 de março de 1946: na quarta série os alunos optarão livremente por duas ou três cadeiras ou Cursos dentre os ministrados pela Faculdade de Filosofia; quando aprovados teriam direito ao diploma de Bacharel. Além disso, poderiam cursar Cadeiras de Psicologia Educacional, Didática Geral e Didática Especial; neste caso teriam direito ao diploma de Licenciado. (Anuário da Faculdade Filosofia, Ciências e Letras, 1939-1949, 1953).

<sup>9</sup>Instituto Caetano Campos, é desligado da FFCL/USP, quando é criada a seção de Educação em 1938. (Castro, 1974, p. 633).

<sup>10</sup>Art. 20 do Decreto Lei nº 1190/39: “O curso de Didática será de um ano e constituir-se à das seguintes disciplinas: 1. Didática Geral, 2. Didática Especial; 3. Psicologia Educacional; 4. Administração Escolar; 5. Fundamentos Biológicos da Educação; 6. Fundamentos Sociológicos da Educação”.

<sup>11</sup>A antiga formação pedagógica se constituía em: na década dos anos 1930, quando foram criadas as primeiras Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, concomitantemente foi criado também o termo licenciado, considerando que era consentido obter a formação pedagógica juntamente com o 3º e último ano do Instituto “Caetano Campos” da cidade de São Paulo, com o título de Instituto de Educação. Onde era proporcionado aos candidatos ao magistério secundário, a formação pedagógica, admitindo-se ainda que fosse realizada

intitulação dos diplomas se modificam. Aos concluintes dos cursos das várias seções eram conferidos o diploma de “bacharel”, e ao bacharel que concluísse o “Curso de Didática” é que seria conferido então o diploma de licenciado, embora o segundo supusesse o primeiro.

Na aula inaugural do Prof. Francisco da Silveira Bueno, em 1940, (Anuário da FFCL/USP, 1939-1949, Vol. I), ele expôs o objetivo e método da Filologia ao iniciar seu discurso, chamando a atenção dos alunos para o título da Faculdade, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, salientando que não foi o acaso que relacionou no conjunto universitário as letras às ciências e por fim a filosofia. E que a Filologia Portuguesa havia de ser o estudo da civilização, do espírito, da inteira vida intelectual do povo lusitano através dos monumentos que nos legaram as suas gerações passadas. Através de suas obras de razão, de sentimento e de fantasia. Conforme Augusto Bockh<sup>12</sup> havia dito “*a Filologia é ciência e é ciência pura.*”

No ano de 1950, realizaram-se várias reuniões do Conselho, em todas elas sempre haviam professores que representavam a seção de Letras. No mesmo ano, foi aprovado o Regime dos Cursos Noturnos, previstos para o ano letivo de 1951, criados pela lei n. 622 de 4 de janeiro de 1950. Com a criação do Curso Noturno, os estudantes que almejam cursar algum curso da seção de Letras, tinham maior facilidade para ingressar na Faculdade, pois os cursos noturnos tinham início às 19 horas, sendo assim, os alunos trabalhadores poderiam ter acesso ao ensino superior.

Nota-se então, que o curso de Letras entre os anos do nosso estudo, passou por várias mudanças, e veio conquistando seu lugar, assim como analisamos nos parágrafos anteriores, no qual, as disciplinas eram oferecidas e pensadas para despertarem a curiosidade e o interesse do aluno, bem como a elaboração do currículo, nomes das disciplinas, desdobramentos das cadeiras, decretos que reformularam o ensino, e oficializaram a introdução de medidas que contribuem para melhor especialização da área, sobretudo a renovação da grade curricular que aconteceu diversas vezes, entre as décadas de 1930 e 1950, assim como veremos no capítulo seguinte. E tudo isso só pode ser conquistado, através de olhares criteriosos, assim como, do governador do Estado (que em 1936, pediu um novo regulamento do ensino, a fim de torná-lo em moldes mais úteis a educação superior), e dos olhos dos professores, que procuravam oferecer um ensino superior de qualidade, pois o curso se tratava principalmente e sobretudo da formação de professores.

---

paralelamente ao 3º ano do curso. Essa legislação inicial possuiu uma concepção ampla do título licenciado concedendo-o a todos os formandos, independentemente de terem ou não formação pedagógica (Castro 1974).

<sup>12</sup>Filólogo e historiador alemão, nascido em 24 de novembro de 1785, em Karlsruhe, Alemanha, faleceu em 3 de agosto de 1867, em Berlim, Alemanha. [https://pt.wikipedia.org/wiki/August\\_Boeckh](https://pt.wikipedia.org/wiki/August_Boeckh).



No item a seguir, pretende-se apresentar o perfil de alunos que frequentaram o curso nos anos 1934 e início de 1950, de acordo com o sexo. As principais fontes consultadas serão as listas de matrículas de alunos e as listas de formandos do curso, da FFCL/USP.

#### 1.4 A paixão despertada pelas palavras

Neste item, analisamos a movimentação dos estudantes dos cursos da seção de Letras<sup>13</sup>, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, entre os anos 1934 e início de 1950, com base no número de alunos matriculados e formandos, evidenciando os cursos mais escolhidos por homens e mulheres.

A relevância desta análise reside em demonstrar que, embora a partir da década de 1930 tenha existido uma diversificação no mercado de trabalho no Brasil, possibilitando o ingresso de mulheres em novos setores (além do ambiente familiar), quando estas buscavam ascender socialmente e alcançar posições mais elevadas na hierarquia profissional, essas enfrentavam barreiras que visavam preservar e manter o papel predominante dos homens. Além do mais, tudo indicava que, nas universidades brasileiras, prevalecia o que Bourdieu chamava de "dominação masculina", (principalmente nos cursos de Física, Matemática, Química, Ciências Naturais, nos quais era maior a demanda do sexo masculino por cursos da área de exatas), o que se mostrava especialmente eficaz, em grande parte, porque os "dominados adotam as categorias criadas a partir da perspectiva dos dominantes para interpretar as relações de dominação, fazendo com que essas relações sejam percebidas como naturais" (Bourdieu, 2009, p. 46). Nesse panorama, segundo Fernando Limongi (1988), as mulheres representavam quase 70% da demanda de alunos recrutados sob comissionamento, e, observado o perfil dos comissionados, a maior demanda feminina aparecia para as áreas das Humanidades (Filosofia, Geografia e História, Letras, Ciências Sociais). Mas contudo, ao observar os quadros a seguir, observa-se que os números de matrículas de mulheres vão aumentando progressivamente. Pressupõe-se que a escolha dos cursos pelos alunos esteve relacionada às características do mercado de trabalho da época e às oportunidades de inserção das mulheres em áreas da FFCL/USP (Blay; Lang, 2004). Observa-se, também, que as transformações nos diversos setores da sociedade, impulsionadas também pelo crescimento

---

<sup>13</sup> Na década de 1930, a seção do curso de Letras era dividida em: Letras Clássicas e Português e Línguas Estrangeiras, e no início do ano 1940, o segundo curso se desdobra em: Letras Neolatinas e Letras Anglo-Germânicas. E também no início dos anos 40 o curso se torna apenas Letras Clássicas.

demográfico da população brasileira, suscitaram questionamentos acerca do papel das mulheres no contexto social (Tupy, 2002; Blay; Lang, 2004).

Ao examinar o perfil dos alunos dos cursos da seção de Letras, verifica-se que a procura por mulheres é superior à de homens, com base nas listas de matrículas e listas de formandos dos cursos.

Para embasar esta análise, foram utilizadas as listas de matrículas de alunos e as listas de formandos no período, publicadas nos Anuários da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, como apresentamos a seguir:

**Quadro 10:** Distribuição dos alunos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, segundo o sexo, o ano e o curso I.<sup>14</sup>

Cursos/Anos	1934			1935			1936			1937			1938			1939		
	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T
<b>Letras Clássicas e Português</b>																		
<b>1º Ano</b>	5	0	5	5	8	13	3	2	5	-	-	17	7	5	12	12	13	25
<b>2º Ano</b>	-	-	-	3	0	3	0	5	5	-	-	5	7	3	10	4	5	9
<b>3º Ano</b>	-	-	-	-	-	-	3	0	3	0	5	5	2	1	3	4	3	7

Fonte: Lista de matrículas de alunos. In: Anuário da FFCL/USP, 1934-1935, 1936, 1937-1938, -1949, Vol. I.

**Quadro 11:** Distribuição dos alunos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, segundo o sexo, os anos e o curso II.<sup>15</sup>

Cursos/Anos	1934			1935			1936			1937			1938			1939		
	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T
<b>Línguas Estrangeiras</b>																		
<b>1º Ano</b>	6	3	9	3	20	23	0	4	4	-	-	7	1	1	2	8	23	31
<b>2º Ano</b>	-	-	-	0	3	3	3	12	15	-	-	5	2	3	5	1	1	2
<b>3º Ano</b>	-	-	-	-	-	-	0	2	2	3	13	16	1	4	5	3	2	5

Fonte: Lista de matrícula de alunos. In: Anuário da FFCL/USP, 1934-1935, 1936, 1937-1938, 1939-1949, Vol. I.

Com base nos quadros 10 e 11, ao analisar os cursos de Letras Clássicas e Português e Línguas Estrangeiras, entre os anos de 1934 a 1939, observamos que, no curso de Letras Clássicas e Português no ano de 1934, houve matrículas somente de homens; no ano de 1935,

<sup>14</sup>Usou-se a letra M para indicar o sexo masculino, F para o sexo feminino e T para representar o total. \* Para o ano de 1937 apenas aparece a lista de formandos sem com isso, vir impressa a lista de matrículas de alunos, o que impossibilitou o levantamento do sexo para o 1º e 2º ano.

<sup>15</sup>Usou-se a letra M para indicar o sexo masculino, F para o sexo feminino e T para representar o total.

1936, 1939, o número de mulheres superou o número de homens. Igualmente no curso de Línguas Estrangeiras, no ano de 1934, o número de matrículas de homens foi maior que de mulheres, mas, nos anos seguintes, o número de matrículas do sexo feminino expandiu. Devido ao número elevado de mulheres nos cursos, indica-se uma preferência por elas. De acordo com Cleide Cerdeira (2001), nos cursos de humanidades, a presença feminina era mais bem aceita pelos homens e pela sociedade, principalmente porque a figura da “professora” se destacava. Os dados podem ser observados nos quadros a seguir:

**Quadro 12:** Distribuição dos alunos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, segundo o sexo, os anos e o curso I.

Cursos/Anos	1940			1941			1942			1943			1944			1945		
	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T
1º Ano	7	17	24	4	7	11	8	15	23	6	4	10	7	14	21	3	4	7
2º Ano	14	13	27	7	15	22	4	8	12	6	14	20	7	9	16	6	11	17
3º Ano	3	5	8	11	16	27	7	15	22	4	8	12	7	12	19	6	8	14
4º Ano	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: Lista de matrícula de alunos. In: Anuário da FFCL/USP, 1939-1949, Vol. I, 1950.

**Quadro 13:** Distribuição dos alunos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, segundo o sexo, os anos e o curso II.

Cursos/Anos	1946			1947			1948			1949			1950		
	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T
1º Ano	6	7	13	4	6	10	15	6	21	11	6	17	-	-	-
2º Ano	2	5	7	5	4	9	5	6	11	10	6	16	13	7	20
3º Ano	6	11	17	2	4	6	6	4	10	8	5	13	5	5	10
4º Ano	-	-	-	6	11	17	5	8	13	4	7	11	9	7	16

Fonte: Lista de matrícula de alunos. In: Anuário da FFCL/USP, 1939-1949, Vol. I, 1950.

Nas décadas de 1940 e início de 1950, ao analisar os cursos de Letras Clássicas, Letras Neolatinas e Letras Anglo-Germânicas, observa-se que o curso de Letras Clássicas, o número de mulheres foi sempre maior comparado ao número de matrículas de homens, exceto nos anos de 1948 no 1º ano e no 3º ano, e em 1949 no 1º, 2º e 3º ano.



<b>1º Ano</b>	3	14	17	6	14	20	5	13	18	6	26	32	-	-	-
<b>2º Ano</b>	1	9	10	1	14	15	5	14	19	2	15	17	4	27	31
<b>3º Ano</b>	1	14	15	1	8	9	0	11	11	4	13	17	3	13	16
<b>4º Ano</b>	-	-	-	0	12	12	1	13	14	1	11	12	3	15	18

Fonte: Lista de matrícula de alunos. In: Anuário da FFCL/USP, 1939-1949, Vol. I, 1950.

Ao observarmos os cursos de Letras Neolatinas e Letras Anglo-Germânicas, em todos os anos, o número de matrículas de mulheres, como se pode observar, é superior ao número de homens. Segundo Diogo Roiz (2021), a partir da reforma de 1946, que introduziu a categoria de especialista nas áreas oferecidas nas seções e subseções, houve um aumento no número de matriculados. Em primeiro lugar, porque o tempo de conclusão do curso foi ampliado em um ano (ou, em alguns casos, dois), o que, apesar das elevadas taxas de transferências, desistências e reprovações, pode ter levado os alunos a perceberem melhores condições de formação profissional. Além disso, observou-se um aumento na repetição de alunos entre as séries. Em segundo lugar, os números de mulheres matriculadas nos cursos cresceram significativamente nesse período, o que foi parcialmente impulsionado pela incorporação do comissionamento para alguns alunos, especialmente mulheres, que apresentaram uma taxa de desistência consideravelmente menor.

Além disso, por meio da análise dos anuários da FFCL/USP, também é permitido observar que era representativa a participação de italianos, portugueses, espanhóis “natos ou descendentes” em alguns cursos como: Letras Neolatinas, Letras Clássicas e Português, Filosofia, Ciências Sociais. Abaixo seguem os dados sobre o número de formandos nos cursos analisados:

**Quadro 18:** Distribuição dos formandos entre os cursos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

<b>Cursos/Anos</b>	<b>1936</b>	<b>1937</b>	<b>1938</b>	<b>1939</b>	<b>1940</b>	<b>1941</b>	<b>1942</b>	<b>1943</b>
<b>Letras Clássicas</b>	1	6	4	9	11	28	22	24
<b>Letras Neolatinas</b>	2	15	7	5	3	28	24	25
<b>Letras Anglo-Germânicas</b>	-	-	-	-	-	1	4	7

Fonte: Lista de formandos. In: Anuários da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

**Quadro 19:** Distribuição dos formandos entre os cursos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

<b>Cursos/Anos</b>	<b>1944</b>	<b>1945</b>	<b>1946</b>	<b>1947</b>	<b>1948</b>	<b>1949</b>	<b>1950</b>
<b>Letras Clássicas</b>	35	23	18	15	7	7	15
<b>Letras Neolatinas</b>	34	29	20	21	7	17	17
<b>Letras Anglo-Germânicas</b>	25	22	14	16	8	9	15

Fonte: Lista de formandos. In: Anuários da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Sobre as listas de formandos dos cursos na FFCL/USP, analisa-se que, na década de 1940 início da década de 1950, a variação do número de alunos matriculados e o número de formandos permaneceram altas, mas, quando comparadas às listas de alunos matriculados com a de formandos, em alguns casos, ocorriam disparidades significativas. Podendo ser por conta das recorrentes falhas na contagem de alunos, mas, se por acaso houve, foi comum em todos os cursos.

Portanto, o panorama que foi descrito até aqui nesse item revela algumas características dos cursos de Letras Clássicas, Letras Neolatinas e Letras Anglo-Germânicas. Especificamente, a importância desta análise esteve em demonstrar o perfil de alunos que frequentaram a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, destacando sobretudo o sexo, com base nas listas de matrículas dos alunos e listas de formandos. Para além disso, observou-se que a procura por esses cursos eram, em sua maioria, por parte de mulheres, pois pretendiam ascender no mercado de trabalho, visto que, a partir da década de 1930, houve uma diversificação no mercado de trabalho no Brasil, que veio a proporcionar às mulheres o ingresso em novos setores do mercado de trabalho (que não fosse o familiar).

## **2. O CURRÍCULO NA UNIVERSIDADE: EXPERIÊNCIAS CURRICULARES E PROCESSOS FORMATIVOS NO CURSO DE LETRAS CLÁSSICAS E PORTUGUÊS**

Depois de apreciarmos a distribuição geográfica dos cursos de Letras e as respectivas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras que estavam inseridos, os números de matrículas de alunos, números do corpo docente, números de cursos por unidade de federação, quais as seções que o curso de Letras se dividia, o lugar que o curso de Letras ocupou na FFCL/USP, e o perfil de alunos que frequentaram o curso nos anos 1934 e início de 1950, quanto ao sexo, é possível a partir de agora investigar de que maneira começou a se constituir o campo disciplinar do Curso de Letras Clássicas e Português na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Ao decorrer dos anos 1930, são criados cursos de Letras nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e Minas Gerais. A universidade do Distrito Federal fundada em 1935 e extinta em 1939, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro, passa a ter a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras instalada a partir de 1939 pela incorporação da Escola de Filosofia e Letras da Universidade do Distrito Federal. A Universidade do Paraná, hoje Universidade Federal do Paraná, fundada em 1912, não possuía, no princípio, a área de humanidades, e teve sua Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras funcionando em 1939. A Universidade de Minas Gerais, hoje Universidade Federal de Minas Gerais, fundada em 1927, passa a dispor do curso de Letras com a incorporação da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais, criada em 1939. A Universidade do Brasil, recebeu primeiro o nome de Universidade do Distrito Federal, que foi fundada em 1935 e extinta em 1939; sua escola de Filosofia e Letras é então absorvida pela Universidade do Brasil, que hoje é a Universidade Federal do Rio de Janeiro, tornando-se assim o núcleo da Faculdade Nacional de Filosofia, Ciências e Letras desta instituição, unidade que passa a funcionar a partir de 1939. E, por fim, a Universidade do Distrito Federal, hoje Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com sua criação em 1950 (Souza, 2014).

Observa-se, portanto, a especificidade de estudar o campo disciplinar do curso de Letras na FFCL/USP, pois foi o primeiro a ser criado no período, juntamente com a fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, em 1934. Conforme Diogo Roiz (2021), após a criação da Faculdade Nacional de Filosofia, Ciências e Letras na Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, em 1939, que defendia um projeto de centralização e padronização dos currículos das Faculdades de Filosofia, São Paulo, mostra-se

com mais precisão como preservaram-se suas especificidades locais, tendo certa autonomia, no que diz respeito tanto ao currículo dos seus cursos quanto ao funcionamento da instituição.

Sendo assim, verifica-se nesse período que estava em formação um "campo intelectual" na área, com suas regras específicas ainda em desenvolvimento, suas disputas pelo poder em construção e seus mecanismos de ação em processo. Consequentemente, não se tratava de um ambiente onde o *habitus* já estivesse estabelecido para os agentes sociais, mas sim de um contexto em que praticamente tudo estava sendo moldado para configurar esse "campo" (Bourdieu, 1983; 1999; 2009).

Neste sentido, nossa meta neste capítulo será de observar e analisar quais as mudanças que ocorreram na grade curricular dos cursos da seção de Letras, (Letras Neolatinas, Letras Anglo-Germânicas e, principalmente, Letras Clássicas e Português, em que nosso foco será maior, pois trata-se do nosso objeto de estudo) nas décadas de 1930 e início de 1950.

Nota-se que as mudanças na grade curricular dos cursos ocorreram durante o período do regime de cátedras, que permaneceu em vigor nas Faculdades de Filosofia entre 1934 e 1969. No curso de Letras Clássicas e Português, da FFCL/USP, essas transformações ocorriam por meio do olhar dos docentes, que notavam a necessidade de uma mudança curricular. Significava que o professor catedrático detinha ampla autoridade administrativa e acadêmica sobre os assuntos de sua cadeira, sendo possível ele contratar e demitir assistentes e definir as linhas de pesquisa, orientações temáticas e teóricas das disciplinas (cf. <https://memoria.fflch.usp.br/linha-do-tempo-0>). Literalmente "cátedra" quer dizer "assento", ou mais precisamente "cadeira". É o local onde o indivíduo se apresenta perante os "pares". Inicialmente, o termo era usado apenas para o corpo religioso, mas, com o desenvolvimento da monarquia absolutista, passou a fazer parte do corpo político. Em função de transformações sociais e culturais (decorrentes de mudanças econômicas e políticas no século XVIII), utilizou-se a representação da cátedra ou cadeira para diferenciar funções sociais e administrativas de um conjunto de indivíduos de uma instituição de ensino e pesquisa (Roiz, 2021).

À vista disso, percebe-se a importância de estudar as mudanças que ocorreram na grade curricular durante o funcionamento do regime de cátedras, e da nacionalização dos programas curriculares da Faculdades de Filosofia no país, por meio das ações da Faculdade Nacional de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Brasil. Desse modo, podem-se mostrar os debates e transformações no processo de institucionalização do ensino universitário (Ferreira, 2013). Assim, observamos quais condições foram incorporadas às medidas federais e estaduais que determinavam novo formato ao currículo do curso de Letras



Clássicas e Português, já que, entre os anos do período demarcado, idealizava-se, na esfera política, nacionalizar o funcionamento dos cursos universitários brasileiros (Roiz, 2004; Ferreira, 2006).

Conforme Roiz (2021, p. 107): “Descrever como era a organização do regime de cátedras envolve inicialmente uma análise do seu funcionamento institucional, para em seguida se debruçar em torno das nuances organizacionais”.

Os objetivos aqui propostos serão alcançados mediante a utilização dos anuários da FFCL/USP, que foram produzidos entre 1934 e início 1950.

## 2.1 As mudanças na estrutura curricular dos cursos da seção de Letras nas décadas de 1930, 1940 e 1950.

O processo de mudança na estrutura curricular dos cursos de Letras que compõem nosso *corpus* ocorreu no momento de nacionalização de novos cursos de graduação inaugurados a partir dos anos 1930, com a finalidade de suprir a falta de profissionais qualificados para o ensino “primário” e “secundário” e, após a década de 30, para oferecer oportunidade para a habilitação de profissionais qualificados para o ensino superior de qualidade (Roiz, 2021).

Observa-se que foi no governo de Getúlio Vargas (1930-1945) que se implantaram medidas reguladoras para o ensino público e privado brasileiro, em todos os níveis de aprendizado escolar (Freitas, 1998). Ao analisar a estrutura curricular dos cursos da seção de Letras na década de 30, encontra-se o curso de Letras Clássicas e Português funcionando juntamente com o curso de Línguas Estrangeiras (o curso de Línguas Estrangeiras começou a funcionar no primeiro semestre de 1935) que só se desdobrou no início da década de 1940, tornando-se Letras Neolatinas e Letras Anglo-germânicas (assim como já citado no capítulo anterior).

Para obter-se a estrutura curricular do curso de Letras, houve vários debates entre professores e membros do conselho (depois congregação) da FFCL/USP entre as décadas do período demarcado. Especialmente no ano de 1936, onde houve uma reformulação nos cursos a pedido do governador do estado, a qual apresentamos com maiores detalhes nos parágrafos vindouros.

**Quadro 20:** Distribuição das disciplinas do curso de Letras Clássicas e Português em 1934-1935, segundo os anos.

Ano	Nº	Primeiro	Segundo	Terceiro
Disciplinas	1	Filologia Portuguesa	Língua e Literatura Grega	Língua e Literatura Grega
	2	Língua e Literatura Grega	Língua e Literatura Latina	Língua e Literatura Latina
	3	Língua e Literatura Latina	Filologia Portuguesa	Literatura Luso-Brasileira

Fonte: Anuário da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, 1934-1935.

Ao analisar o quadro, observamos que as disciplinas do curso de Letras Clássicas e Português constituíam-se no primeiro ano em: Filologia Portuguesa, Língua e Literatura Grega (primeira parte), Língua e Literatura Latina (primeira parte). No segundo ano, tínhamos novamente Língua e Literatura Grega e Língua e Literatura Latina; ambas traziam a segunda parte para o curso; e novamente Filologia Portuguesa. O terceiro ano apresentava a terceira parte de Língua e Literatura Grega e Língua e Literatura Latina; e Literatura Luso-Brasileira, que começou a fazer parte da grade curricular em 1936, no terceiro ano de funcionamento do curso de Letras Clássicas e Português. De modo específico, o programa da cadeira de Filologia Portuguesa era ministrado pelo professor Rebêlo Gonçalves no primeiro e segundo ano do curso. Para contextualizarmos, entende-se, por filologia, o estudo científico do desenvolvimento de uma língua, baseado em documentos escritos nela.

[...] livro é um texto. Podemos entendê-lo ou não. Encerrará talvez passagens “difíceis”. Para explicá-las é mister uma técnica – a filologia. Como a ciência da Literatura lida em textos, sem filologia ela fica desamparada (Curtius, 1979, p. 15).

A disciplina estava dividida em duas partes: A) teórica e B) prática. Na parte A, a disciplina começava com a Lição Inaugural, que se caracterizava por ser a aula que inaugurou o curso trazendo a exposição e comentário do programa de trabalho. Ela era dividida em: seção I) História da Filologia Portuguesa, que se subdividia em: 1) estudo dos primeiros trabalhos de disciplina gramatical da língua; 2) os gramáticos portugueses dos séculos XVII e XVIII; 3) a introdução dos modernos métodos filológicos em Portugal; e 4) a filologia portuguesa contemporânea e os seus maiores cultores portugueses e brasileiros.

A seção II) História da Língua, contava com vários tópicos: 1) a formação do português; 2) a vida literária do português (aspectos formais e estéticos); 3) a influência do latim na língua literária; 4) Camões, mestre da língua; 5) a língua de Vieira e de Bernardes; 6)

o neoclassicismo dos árcades e a sua contribuição para o aumento do vocabulário poético; 7) as modernas influências francesa e inglesa e a reação dos puristas; 8) os caracteres locais do português da metrópole; seu estudo e a aplicação dos métodos da Geografia Linguística; 9) a expansão da língua; e 10) o português do Brasil.

Na seção III) Gramática Histórica, estudava-se: a) fonética histórica; b) morfologia histórica; c) sintaxe histórica; d) sematologia histórica. Em a) fonética histórica, via-se história das alterações dos fonemas latinos em português; fonética sintática; algumas noções de história da pronúncia portuguesa e história da ortografia portuguesa. Em b) morfologia histórica, via-se: a representação dos “casos” latinos em português; observações históricas sobre o gênero e o número; as inovações portuguesas na flexão pronominal; a flexão verbal latina e as modificações operadas pelo português; tipos da composição e da derivação e a influência da analogia na morfologia histórica portuguesa. Em c) sintaxe histórica, via-se: considerações gerais sobre a sintaxe de concordância e a sua evolução; a função oracional dos modos e dos tempos verbais; história de algumas preposições portuguesas e a apreciação histórica do estilo nas suas relações com a sintaxe. E, por último, d) sematologia histórica, que se caracterizava por estudar: a vista geral das ciências das significações e da sua aplicação do português; as sinonímias; a metáfora; a metonímia; a restrição e o alargamento de sentidos; caracteres da optimologia popular no aspecto semântico e relações da semântica e do estilo.

Na seção IV da parte A e última da cadeira de Filologia Portuguesa, tínhamos a lexicologia (parte da linguística que estuda o vocábulo quanto ao seu significado). Nela, estudava-se: discriminação sistematizada dos elementos ou origens da língua; o elemento latino; o elemento grego; o elemento árabe, o elemento germânico e as origens do onomástico, especialmente da antroponímia e da toponímia. Já a parte A era encerrada com a Lição Final, na qual se viam horizontes novos da Filologia Portuguesa.

Tratemos agora da parte B, a parte prática. Com base na análise do anuário de 1934 da FFCL/USP, acredita-se que essa parte foi ministrada no segundo ano do curso, porque o documento não mostra a divisão por anos, mas por parte A e parte B. Percebe-se, que a parte A é teórica, a parte B trabalha com a prática, com leituras especiais de filólogos portugueses, comentadas nas aulas, comentários de textos para a elucidação das fases da língua. Insiste-se particularmente em textos arcaicos; exercícios de fonética histórica aplicada; análise na redução dos sistemas morfológicos latinos, mediante a leitura de textos latinos-vulgares; comparações da sintaxe portuguesa com a latina; exemplificação com textos cultos e populares, dos trabalhos mentais que intervêm na evolução semântica; demonstrações práticas de como se elabora um dicionário; exercícios etimológicos; investigações sobre lendas e

cantigas populares para a prova da sua utilidade filológica; exercícios de composição literária para comentário sintático e estilístico; crítica de pequenos ensaios filológicos elaborados por alunos; e, para encerrar a parte B, crítica de conferências feitas por alunos.

Na sequência, temos o Programa de Literatura e Filologia Greco-Latina, que continha as seguintes disciplinas: Língua e Literatura Grega e Língua e Literatura Latina. Esse programa era oferecido no primeiro, segundo e terceiro ano do curso. O professor que ministrava as aulas era Michel Berveiller; ele foi o organizador da distribuição da matéria, da organização dos programas e da escolha dos exercícios. Sobre o programa:

Pela assimilação dos germanos à língua e a Igreja de Roma, a Antiguidade tornou-se para a Idade Média um “patrimônio autoritário que a todos serve de orientação” (A. Weber). Ensina-se na enciclopédia de Isidoro de Sevilha só o latim proporciona a “verdadeira e natural designação das coisas” e possui também o primado metafísico ante todas as outras línguas; é a língua absoluta (Curtius, 1979, p. 27).

Assim, o ensino ficou dividido em três seções e correspondia a três períodos semanais de uma hora e meia cada. Na primeira seção: Gramática e Filologia; na segunda: Literatura Latina; na terceira: Literatura Grega. No primeiro ano, ensinava-se Gramática e Filologia; ofereciam-se noções gerais sobre a filologia greco-latina e sobre o método comparativo. Com tudo, ainda estudava-se o sistema nominal e verbal em grego e latim (com maior ênfase sobre a morfologia grega, pois era geralmente ignorada pelos estudantes).

Em Literatura Latina, mostrava-se a história do gênero histórico em Roma, desde suas origens até Tácito. As aulas incluíam: explicações de textos retirados de “De conjuratione Catilinae” de Salústio e dos “Anais de Tácito”, e explicação de textos tirados do segundo Canto de Eneida. Em Literatura Grega, estudou-se Homero e a questão homérica. Os tópicos incluíam: a “Odisseia” perante a crítica moderna; a poesia lírica desde suas origens até o século VI; as *Histórias*: Heródoto, Tucídides, Xenofonte; a eloquência ática.

Os estudantes praticavam exercícios de duas formas: a primeira incluía exposições orais, versando sobre assuntos pertinentes à Literatura Latina e à Literatura Grega; a segunda envolvia trabalhos escritos, consistindo esses últimos em grego com exercícios gramaticais; em latim, trabalha-se a tradução de textos latinos para o português. No segundo ano, via-se a Literatura Filológica: o teatro ático e a poesia alexandrina. Como no primeiro ano, havia no segundo trabalhos escritos, traduções, comentários filológicos, explicações e exposições orais.

Por continuidade, a disciplina de Literatura Luso-Brasileira era oferecida no 3º ano do Curso de Letras Clássicas e Português, tendo seu início no ano de 1936. A cadeira surge com a necessidade de mostrar aos estudantes a grandiosidade das obras literárias portuguesas e

brasileiras. O professor que ministrou inicialmente a disciplina foi Otoniel Mota, que, em um dos relatórios da cadeira, destacou que, desde o início, a cadeira contou com algumas fragilidades, como a escassez de obras luso-brasileiras, também o descaso com o passado, tornando-se impossível a realização de pesquisas. Outro problema observado pelo professor era o despreparo de alguns alunos, pois os programas do ensino secundário não exigiam conhecimento vasto desta literatura, o professor ainda apontou que a cadeira fosse talvez a que mais enfrentava maiores dificuldades. Nos pormenores, em meados de 1936, foi aprovado o proposto desdobramento da cadeira de Literatura Luso-Brasileira. Diante das dificuldades enfrentadas para trabalhar as literaturas de dois povos, ela precisou ser desdobrada em duas cadeiras, ficando da seguinte maneira: Literatura Portuguesa e Literatura Brasileira. Em Literatura Brasileira, via-se: as primeiras manifestações literárias no século XVI; a escola baiana no século XVII; as academias literárias do século XVIII; a escola mineira. Os árcades; o romantismo; o naturalismo; o parnasianismo; os decadentes; o simbolismo e a fase moderna. Em Literatura Portuguesa: período inicial; os Trovadores; a prosa ensaiante; século XII-XIV; a decadência da poesia e o surgimento da prosa nos cronistas e moralistas; século XV; a Renascença italiana e o esplendor da literatura portuguesa do século XVI; os Quinhentistas; século XVII; Decadência.; os Seiscentistas; influência espanhola; a influência francesa no século XVIII; Academias; do romantismo aos nossos dias. Em suma, após a reforma, a disciplina ganhou um novo olhar e se refez, trazendo detalhadamente o que ela iria oferecer aos alunos do curso.

Com base na leitura dos relatórios dos professores catedráticos, é observado que eles discutiam sobre a grade curricular do curso, sobre o nome que era oferecido para a disciplina, sobretudo o futuro que o ensino da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras trilharia.

Sobre o momento que o ensino das universidades estava passando, Roiz (2021) ressalta que a licenciatura no Brasil era uma novidade dentro do sistema escolar. Suas disciplinas eram, na sua grande maioria, ministradas por autodidatas provenientes dos cursos de Direito, Medicina e Engenharia (Roiz, 2021, p. 168).

No ano de 1936, quando se formava a primeira turma de licenciados do curso de Letras Clássicas e Português, o governador Dr. Armando de Sales de Oliveira (governador do estado de São Paulo) autorizou, sobretudo, que a Faculdade fosse reorganizada em moldes mais úteis ao ensino. Para isso, reuniram-se os professores e assistentes científicos de cada seção. A seção de Letras foi representada pelo professor doutor F. Rebêlo Gonçalves. Naquele momento, a Faculdade era uma instituição inteiramente nova na organização universitária brasileira, sendo a primeira criada no país.

Assim, o curso de Letras ficou dividido em: Letras Clássicas, Letras Modernas, Filosofia, disciplinas sociais, matérias históricas, geográficas e antropológicas. Já o curso de Línguas Estrangeiras oferecia no seu 1º, 2º, 3º ano de curso: Filologia Portuguesa, Gramática e Filologia Latina e Gramática e Filologia Grega, Latim e Grego. Essas disciplinas seguiam o programa respectivo da cadeira de Letras Clássicas e Português. Possuía também o programa de Língua e Literatura francesa no 1º, 2º, 3º ano e o programa de Língua e Literatura Italiana no 3º ano, como observamos a seguir:.

**Quadro 21:** Distribuição das disciplinas do curso de Letras Clássicas e Português em 1938, segundo os anos.

	<b>Primeiro ano</b>	<b>Segundo ano</b>	<b>Terceiro ano</b>
<b>1º semestre</b>	Filologia e Literatura Latina (2 horas)	Filologia e Literatura Latina (4 horas)	Filologia e Literatura Latina (4 horas)
<b>2º semestre</b>	Filologia e Literatura Latina (2 horas)	Filologia e Literatura Latina (4 horas)	Filologia e Literatura Latina (4 horas)
	Filologia Portuguesa	Filologia Portuguesa	Língua e Literatura Grega
	Língua e Literatura Grega	Língua e Literatura Grega	Literatura Luso-Brasileira

Fonte: Anuário da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, 1938.

Ao analisar o anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo de 1938, visualizamos a grade curricular e na qual se percebe a mudança que ela traz, dividindo as disciplinas em semestres e horas. Observando a cadeira de Filologia e Literatura Latina, está presente nos três anos de curso e divide-se no primeiro e segundo semestre, e em horas. No primeiro ano, em ambos os semestres, o curso é ofertado em duas horas; no segundo e terceiro ano, igualmente em relação aos semestres, temos a oferta de quatro horas.

No primeiro semestre do primeiro ano, via-se na primeira hora: explicações de textos de dificuldade média, escolhidos de maneira a permitir: a) uma revisão completa da gramática (morfologia e sintaxe); b) um estudo completo das instituições romanas. Na segunda hora: história da literatura: a época primitiva, a poesia, a prosa, a Escola Helênica, os poetas da cultura grega (Noevius, Ennis), a organização do teatro. Ainda, esse estudo da literatura era acompanhado de estudos de textos de dificuldade média referindo-se aos autores estudados.

Nos segundos e terceiros anos, quando a disciplina era oferecida com quatro horas, havia: duas horas de filologia e gramática histórica, e duas horas de literatura e ciências anexas. Filologia e gramática histórica: a) explicação, ao menos, dos dois primeiros cantos das Geórgicas de Virgílio – a língua e a gramática; métrica e versificação: técnica do verso de

Virgílio; o hexâmetro, b) explicação dos *Suppliciis* de Cícero; a gramática da língua clássica; as cláusulas métricas. Nas outras duas horas de literatura: a eloquência e Cícero.

Já no segundo semestre no primeiro ano (duas horas): a) mesmo estudo; b) literatura e o teatro. Referente ao segundo e terceiro anos (quatro horas), em Filologia e Gramática histórica (duas horas): a) poesia: as obras de Horácio e os metros de Horácio; b) Salústio: Catilina. Nas seguintes duas horas: literatura, na qual se estudava: a) a história de Salústio, Tito, Livio, Tácito (acompanhado de estudos de trechos escolhidos); a literatura cristã: Santo Agostinho, Tertuliano (o latim eclesiástico); b) evolução da prosa latina.

Na cadeira de Filologia Portuguesa, no primeiro e segundo ano, em Gramática Histórica, via-se: fonética histórica, morfologia histórica, sintaxe histórica, sematologia histórica. Em lexicologia: discriminação sistematizada dos “elementos” ou “origens” da língua; também eram estudados comentários de textos e conferências e dissertações escolares.

Na cadeira de Língua e Literatura Grega, no primeiro, segundo e terceiro ano, estudava-se gramática, e a literatura abordava a idade clássica: a poesia épica, lírica, dramática.

A cadeira de Literatura Luso-Brasileira, no terceiro ano, trazia a noção de literatura, história e evocação; algumas normas do método crítico; critério de nacionalidade literária; os primeiros monumentos da língua portuguesa; a divisão da história da língua portuguesa e critério adotado; características da língua portuguesa; contrastes essenciais entre a literatura portuguesa e a espanhola. Estudava-se também a era medieval, a era clássica, era romântica, a bibliografia crítica e textos para leitura.

Nos anos de 1934 e 1936, ao analisar a grade curricular, observa-se que permanece a mesma grade. Em 1938, a disciplina de Língua e Literatura Latina passou a ser Filologia e Literatura Latina, oferecida igualmente nos três anos de curso e dividida em semestres e horas.

Assim, como já mencionado em parágrafos anteriores, até o final da década 1930, era licenciado o estudante que terminasse o curso seriado de qualquer seção ou subseção e, para exercer o magistério, aquele que possuísse também formação pedagógica juntamente com o terceiro e último ano (Castro, 1974, p. 632-633)<sup>16</sup> de cada curso, no Instituto de

<sup>16</sup>Como já explicado no capítulo anterior, vale ressaltar mais uma vez. Conforme Castro (1974), licenciados são indivíduos que obtêm diplomas que assim os qualificam. Esses cursos e diplomas surgiram com a criação das primeiras Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, no início da década de 1930. A FFCL/USP, que começou a funcionar em 1934, com algumas seções, veio a ter seus primeiros licenciados em 1936, considerando que era consentido obter a formação pedagógica juntamente com o 3º e último ano daquele Instituto. Observa-se que em 1938, a FFCL/USP, cria a seção de Educação após o desligamento do Instituto de Educação daquela Universidade. Sendo assim, novo Decreto Lei que deu origem à Faculdade Nacional de Filosofia, onde encontra-se pela primeira vez, uma diferenciação do conceito “licenciado”. Onde este não abrange mais todos os

Educação-antigo Instituto Caetano de Campos – que foi incorporado à Universidade de São Paulo em 1934.

Com a aprovação do decreto 1.190, de 4 de abril do ano de 1939, deu-se uma organização concreta à Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil no Rio de Janeiro. Todas as outras Faculdades de Filosofia do país tiveram que se adaptar, inclusive a da Universidade de São Paulo. Diversas modificações foram feitas na organização da Faculdade, incluindo a primeira alteração no termo “licenciado”. Esse não abrange mais todos os formandos em seus cursos. Foram acrescentadas as seções de Ciências e Letras à de Pedagogia. Observa-se que, a partir do ano de 1939, o curso de Letras Clássicas e Português é intitulado apenas como Letras Clássicas, como apresentamos a seguir:

Denominado simplesmente Letras Clássicas a partir de 1939, para adequar-se a força da lei, aos padrões da Faculdade Nacional de Filosofia, o curso se manteve até o fim dos anos 60, quando o Conselho Federal de Educação reformulou o ensino das Letras no terceiro grau (Cardoso, 1994, p. 389).

A duração de três anos para os cursos manteve-se; no entanto, reservou-se um ano especialmente para a formação pedagógica, que incluía uma seção especial encarregada de ministrar o Curso de Didática, que era um curso composto por seis disciplinas (Didática Geral; Didática Especial; Psicologia Educacional; Administração Escolar e Educação Comparada; Fundamentos Biológicos da Educação; e Fundamentos Sociológicos da Educação). Esse curso veio para substituir a antiga formação pedagógica <sup>17</sup>que concedia o direito para o exercício do magistério.

O decreto 12.511 de 21 de janeiro de 1942 concedeu à Faculdade de Filosofia uma organização bem mais ampla que a estabelecida pelo antigo regulamento, trazendo uma nova estrutura curricular da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Estado de São Paulo, como evidenciamos abaixo:

---

formandos em seus cursos, e cada seção da Faculdade compreenderia um ou mais “cursos ordinários”, incluída uma seção especial, que era encarregada de ministrar o “Curso de Didática”. Estes cursos compostos por seis disciplinas, que substituíam a antiga formação pedagógica que conferia direito ao magistério.

<sup>17</sup>A antiga formação pedagógica do Instituto Caetano Campos, conhecida como Escola Normal da Praça da República, em São Paulo, foi fundamental para a história da educação brasileira. Fundado em 1846, o instituto desempenhou papel central na formação de professores. A formação pedagógica na Escola Normal era voltada para a preparação de professores com uma base sólida de conhecimentos pedagógicos, além de um domínio nas disciplinas que transmitiriam. Segundo Castro (1974), a Universidade de São Paulo teve a participação do antigo Instituto “Caetano de Campos”, com o título de Instituto de Educação. Onde era proporcionado ao candidato ao magistério secundário, a formação pedagógica, admitindo-se ainda que fosse feita simultaneamente ao 3º ano do curso.



**Quadro 22:** Distribuição das disciplinas do curso de Letras Clássicas, a partir da reforma curricular de 1942.<sup>18</sup>

<b>Ano</b>	<b>Nº</b>	<b>Primeiro</b>	<b>Segundo</b>	<b>Terceiro*</b>	<b>Quarto**</b>
<b>Disciplinas</b>	1	Língua Latina	Língua Latina	Língua Latina	Didática Geral
	2	Língua Grega	Língua Grega	Língua Grega	Didática Especial
	3	Filologia e Língua Portuguesa	Filologia e Língua Portuguesa	Filologia e Língua Portuguesa	Psicologia Educacional
	4	Literatura Portuguesa	Literatura Latina	Literatura Grega	Administração Escolar e Educação Comparada
	5	Literatura Brasileira	Literatura Grega	Literatura Latina	Fundamentos Biológicos da Educação
	6	História da Antiguidade Greco-Romana	-	Filologia Românica	Fundamentos Sociológicos da Educação

Fonte: Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, década de 40.

A reforma curricular padronizou nacionalmente a base das disciplinas que eram oferecidas pelas Faculdades de Filosofia. É importante ressaltar que, em geral, a disposição legal era adequada no ano de aprovação, mas implantada não no mesmo ano e sim para a seguinte turma de alunos (Roiz, 2021, p. 173).

A especialização dos programas das disciplinas de Letras Clássicas, com o intuito de atender às necessidades formativas dos estudantes para o magistério e para a carreira acadêmica, revela um esforço de adaptação à exigência de cada época. Porém, essa transformação pode também ser vista, conforme Pierre Bourdieu, como parte da dinâmica do campo científico, entendido como um espaço de competição. De acordo com Bourdieu (1983), o campo científico envolve práticas que não são desinteressadas e geram um tipo específico de interesse. Portanto, as reformas dos anos 1940, ao direcionarem o alcance dos objetivos educacionais, refletem a busca por relevância e reconhecimento no campo acadêmico, mostrando como as transformações curriculares também podem ser entendidas como movimentos dentro do jogo de forças de poder.

De acordo com Amélia Domingues de Castro (1974), a denominação dos diplomas se modifica; aos estudantes que concluírem os cursos das diversas seções eram conferidos

<sup>18</sup>\*De acordo com o decreto lei nº 12.511 de 21 de janeiro de 1942: aos alunos que concluírem os três primeiros anos dos cursos das seções de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo lhes era conferido o diploma de bacharel (Roiz, 2021, p. 173). \*\* Ainda, de acordo com o decreto lei 12.511 de 21 de janeiro de 1942: aos candidatos do curso de Didática era exigido o diploma de bacharel obtido nas três séries dos diversos cursos da faculdade; então, aos que concluírem o curso de Didática, era entregue o diploma de licenciado do curso em que o candidato se bacharelou (Roiz, 2021, p. 173).

diplomas de bacharel, e ao bacharel que concluísse o curso de Didática seria conferido o diploma de licenciado, embora o segundo supusesse o primeiro (Castro, 1974, p. 634). Castro (1974, p. 634) ainda enfatiza que: “que hoje [1974], trinta e cinco anos depois, não se conseguiu ainda a plena aplicação desse princípio. Sucessivas leis continuaram a admitir exceções à norma”. A autora ainda ressalta que o regime especial de Didática, o qual o conselheiro Valnir Chagas veio a chamar de regime “três mais um”, poderia terminar segundo a legislação em 1946, em que o Decreto-Lei nº 9092 de 26-03-1946 amplia o regime didático das Faculdades de Filosofia, pois ofereceria uma nova alternativa às instituições interessadas, embora sem torná-la obrigatória. Contudo, isso nos mostra que, mesmo com várias tentativas de padronização do sistema universitário e do formato em que se estabeleciam as estruturas curriculares dos cursos das Faculdades de Filosofia do país, em função dos problemas internos técnico-administrativos e pela carência de pessoal qualificado para o exercício das funções, os resultados eram diferentes da forma pela qual haviam sido inicialmente propostos pelas leis (Roiz, 2004; Rodrigues, 2002; 2003; Oliveira, 2008; Carvalho, 2010; Santos, 2013).

Dessa forma, criada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em 1934, foram todas as suas cadeiras como aliás não poderia deixar de ser providas por professores contratados. Em 1937, realiza-se o primeiro concurso para provimento efetivo da cátedra para Biologia Geral e, somente em 1939 a 1949, catorze cadeiras foram providas por concurso; entre elas estão as cadeiras de Filologia Portuguesa e Literatura Brasileira.

A partir desse breve cenário do funcionamento e do desdobramento das cadeiras do curso de Letras Clássicas, notam-se tentativas de especializar os programas das disciplinas oferecidas no curso para adequá-las às necessidades de formação dos alunos, tanto para o magistério em nível secundário quanto para a carreira de docentes pesquisadores em nível superior. O alcance desses objetivos, entretanto, foi mais bem direcionado com as reformas que se encaminharam na década de 1940.

Adiante, em 1942, observada a grade curricular das disciplinas, a cadeira de Língua e Literatura Latina se desdobra em: Língua Latina e Literatura Latina; e a Cadeira de Língua e Literatura Grega se desdobra em Língua Grega e Literatura Grega. Isso ocorre pois são muitas matérias para uma única disciplina. Nesse momento, percebe-se a mudança na grade curricular dos cursos de Letras Neolatinas e Letras Anglo-Germânicas, que, anteriormente, essas disciplinas estavam fundadas em uma só “Línguas Estrangeiras”. Com o desdobramento, a grade curricular que acompanhava a grade de Letras Clássicas e Português na década de 1930, passa a ter sua própria grade curricular tornando-se cursos independentes, possuindo a seguinte grade:

**Quadro 23:** Distribuição das disciplinas do curso de Letras Neolatinas, em 1942.

Ano	Nº	Primeiro	Segundo	Terceiro
<b>Disciplinas</b>	1	Língua Latina	Língua Latina	Filologia Românica
	2	Língua e Literatura Francesa	Filologia e Língua Portuguesa	Filologia e Língua Portuguesa
	3	Língua e Literatura Italiana	Filologia e Língua Francesa	Literatura Portuguesa e Brasileira
	4	Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-Americana	Língua e Literatura Italiana	Língua e Literatura Francesa
	5	Filologia e Língua Portuguesa	Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-Americana	Língua e Literatura Italiana
	6	-	-	Língua Espanhola e Literatura

Fonte: Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1939-1949, Vol. I.

**Quadro 24:** Distribuição das disciplinas do curso de Letras Anglo-Germânicas, em 1942.

Ano	Nº	Primeiro	Segundo	Terceiro
<b>Disciplinas</b>	1	Língua Latina	Língua Latina	Língua Portuguesa
	2	Filologia e Língua Portuguesa	Filologia e Língua Portuguesa	Língua Inglesa e Literatura Inglesa e Anglo-Americana
	3	Língua Inglesa e Literatura Inglesa e Anglo-germânica	Língua Inglesa e Literatura Inglesa e Anglo-Americana	Língua e Literatura Alemã
	4	Língua e Literatura Alemã	Língua e Literatura Alemã	-

Fonte: Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1939-1949, Vol. I.

No ano de 1946, pelo decreto federal nº 9.092, a Faculdade passou por nova modificação<sup>19</sup> em seus cursos (quadro 25 a seguir), que só foi implantada no próximo ano letivo em 1947, no sentido de adaptá-la mais convenientemente aos interesses do ensino e da pesquisa científica. Foram acrescentados em todos os seus cursos mais um ano de caráter obrigatório. Portanto, o estudante não recebia o título de bacharel no terceiro, e sim no quarto ano do curso, desde que fosse aprovado em três disciplinas oferecidas anualmente, e à sua

<sup>19</sup>Conforme o anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1939-1949, Vol. I, com a reforma de 1946, à Faculdade foi acrescentado em todos os seus cursos mais um ano obrigatório, e criados cursos de especialização, com cursos de natureza optativa, feitos após a conclusão dos cursos normais. Com tudo, a grade curricular ficou dividida em: A) os três primeiros anos do curso, que oferecia as disciplinas conforme dispostas nos quadros, B) o quarto ano, os alunos optaram, livremente, por duas ou três cadeiras ou Cursos, dentre os ministrados pela Faculdade, sendo aprovados, teriam direito ao diploma de bacharel. Poderiam cursar as Cadeiras de Psicologia Educacional, Didática Geral e Didática Especial; tendo neste caso, direito ao diploma de licenciado. No quarto ano de Letras Anglo-germânicas, era obrigatória a Cadeira de Filologia Germânica. E c) cursos de especialização: destinados aos alunos que concluírem os cursos ordinários.

escolha. O título de licenciado poderiam receber aqueles que, além de cumprirem estágio supervisionado, fossem aprovados em três disciplinas ministradas pelos professores das cadeiras de Psicologia Educacional, Didática Geral e Didática Especial. Também foram criados os cursos de especialização que vieram permitir aos bachareis e aos licenciados um contato maior com a Faculdade, em cursos de natureza optativa feitos após a conclusão dos cursos normais. Além do mais, diversas alterações do currículo escolar foram feitas, autorizadas pela Congregação e pelo Conselho Universitário, como veremos nos próximos quadros.

Dessa forma, o curso de Letras Clássicas passou a ser ministrado com a seguinte seriação que podemos observar no quadro abaixo:

**Quadro 25:** Distribuição das disciplinas do curso de Letras Clássicas a partir da reforma curricular de 1946.

Ano	Nº	Primeiro	Segundo	Terceiro	Quarto <sup>20</sup>
<b>Disciplinas</b>	1	Língua Latina	Língua Latina	Língua Latina	-
	2	Língua Grega	Língua Grega	Língua Grega	-
	3	Filologia e Língua Portuguesa	Filologia e Língua Portuguesa	Filologia e Língua Portuguesa	-
	4	Literatura Portuguesa	Literatura Grega	Literatura Grega	-
	5	História da Antiguidade Greco-Romana	Literatura Latina	Literatura Latina	-
	6	-	Literatura Portuguesa	Filologia Românica	-
	7	-	Literatura Brasileira	Literatura Brasileira	-
	8	-	-	Glottologia Clássica	-

Fonte: Anuário da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, 1939-1949, 1953.

Em algumas Faculdades de Filosofia, houve problemas similares para implantarem as mudanças solicitadas, demonstrando a flexibilidade com que as exigências legais eram postas em prática, seja por causa de deficiências financeiras da instituição e falta de estruturas físicas adequadas, ou pela falta de professores especialistas na área (Castro, 1974; Nadai, 1991; Fonseca, 1997; Rodrigues, 2002; Roiz, 2004).

<sup>20</sup>De acordo com o decreto nº 9.092 de 26 de março de 1946, na quarta série, os alunos optaram livremente por duas cadeiras ou três cadeiras ou Cursos dentre os ministrados pela Faculdade de Filosofia. Quando aprovados, teriam direito ao diploma de bacharel. Contudo, ainda poderiam cursar as cadeiras de Psicologia Educacional, Didática Geral e Didática Especial; neste caso, teriam direito ao diploma de Licenciado

Conforme a portaria ministerial nº 328, de 13 de maio de 1946, os alunos, depois de terem concluído os três anos de curso, poderiam obter o diploma de especialista, em uma das matérias constantes das Portarias Ministeriais nºs 328, de 13 de maio de 1946 e 497, de 15 de outubro de 1947 (Anuário da FFCL/USP, 1939-1949, Vol. I). No caso do curso de Letras, a portaria nº 328, parágrafo 14, ficou escrita da seguinte forma: o aluno ter sido aprovado nos três primeiros anos de um dos cursos de Letras (Clássicas, Neolatinas ou Anglo-Germânica) e mais em três cursos especiais das Disciplinas da seção cursada nos três anos anteriores, bem como em trabalhos práticos de bibliografia e crítica, determinados pelos professores desses vários Cursos, devendo a respeito deles elaborar uma dissertação ou monografia, que era arguida em exame oral. A respeito do diploma de especialista em Letras, era especificado as cadeiras em que o bacharel ou licenciado se especializou.

**Quadro 26:** Distribuição das disciplinas do curso de Letras Neolatinas, a partir da reforma de 1946.

Ano	Nº	Primeiro	Segundo	Terceiro	Quarto*
<b>Disciplinas</b>	1	Língua Latina	Língua Latina	Filologia Românica	-
	2	Língua e Literatura Francesa	Filologia e Língua Portuguesa	Filologia e Língua Portuguesa	-
	3	Língua e Literatura Italiana	Língua e Literatura francesa	Literatura Brasileira	-
	4	Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-Americana	Língua e Literatura Italiana	Língua e Literatura Francesa	-
	5	Filologia e Língua Portuguesa	Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-Americana	Língua e Literatura Italiana	-
	6	Literatura Portuguesa	Literatura Portuguesa	Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-Americana	-
	7	-	Literatura Brasileira	-	-

Fonte: Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1939-1949, Vol. I

**Quadro 27:** Distribuição das disciplinas do curso de Letras Anglo-Germânicas, a partir da reforma de 1946.

Ano	Nº	Primeiro	Segundo	Terceiro	Quarto *
<b>Disciplinas</b>	1	Língua Latina	Língua Latina	Filologia e Língua Portuguesa	-
	2	Filologia e Língua Portuguesa	Filologia e Língua Portuguesa	Língua Inglesa e Literatura Inglesa e Anglo-germânica	-
	3	Língua Inglesa e Literatura Inglesa e Anglo-Germânica	Língua Inglesa e Literatura Inglesa e Anglo-germânica	Língua e Literatura Alemã	-
	4	Língua e Literatura Alemã	Língua e Literatura Alemã	-	-
	5	História da Civilização Medieval	-	-	-

Fonte: Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1939-1949, Vol. I

Analisa-se agora, de forma sintetizada, a grade curricular dos cursos de Letras Neolatinas e Letras Anglo-Germânicas, pois nosso ponto central é o curso de Letras Clássicas. Observa-se que algumas disciplinas desses dois cursos fazem parte também das disciplinas do curso de Letras Clássicas como: Língua Latina, Filologia e Língua Portuguesa, Literatura Portuguesa e Literatura Brasileira. Por meio da observação dos quadros, nota-se que, após se tornarem cursos independentes, foram criadas disciplinas específicas para cada curso.

Adentrando no início da década de 1950, percebe-se que a congregação, cujas atribuições estão fixadas pelo Regulamento da Faculdade e pelos Estatutos da Universidade, que se compõe- dos professores catedráticos, contratados e interinos, de um representante dos livres-docentes e, a partir de 1950, de um dos assistentes também. No mesmo ano, eleitos pelos seus pares, representaram os livres-docentes o professor Antônio Candido de Mello e Souza até outubro, e, dando sequência, o professor Antônio Augusto Soares Amóra, a representação dos assistentes, que pela primeira vez se efetuou, estando sob a responsabilidade do professor Eduardo D'Oliveira França.

Durante todo o ano, realizaram-se treze sessões ordinárias e extraordinárias, além das sessões especiais de concurso para livre-docência e para cátedra, e de mais cinco sessões solenes. Também foram realizadas sessões especiais de concursos nos termos da lei nº 851, de 7 de outubro de 1949, e para elas contou a Faculdade com a colaboração de diversos

professores de outros institutos universitários e de figuras representativas do mundo cultural paulista, especialmente convidados.

Já o ano de 1950, além dos diversos atos e resoluções, traz a organização e regulamento dos cursos noturnos previstos na Constituição Estadual, cursos de férias para professores do ensino secundário e normal, organizados pela Faculdade em colaboração com a Reitoria e a Secretaria da Educação, como destacamos a seguir:

Em cumprimento à lei nº 622, de 4 de janeiro de 1950, que regulamenta o disposto no artigo 23 das Disposições Transitórias da Constituição Estadual, funcionaram, durante o ano de 1951, os Cursos Noturnos da Faculdade de Filosofia, cujo regulamento foi baixado com o Decreto nº 20.810, de 3 de outubro de 1951 [...]. Foram os seguintes os Cursos ministrados em 1951, no período noturno: Filosofia (1º ano), Matemática (1º ano), Geografia e História (1º e 2º ano), Ciências Sociais (1º ano), Letras Clássicas (1º ano), Letras Neolatinas (1º ano), Letras Anglo-Germânicas (1º ano) e Pedagogia (1º ano) (Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1951, 1952, p. 67).

Os decretos que regiam os cursos diurnos também regiam os noturnos. O corpo docente técnico e administrativo que exerciam funções nos cursos diurnos também exerciam funções nos noturnos. Além dos professores titulares das diversas cadeiras, poderiam ministrar aulas nos cursos noturnos os primeiros assistentes que fossem livres-docentes, os livre-docentes que não estivessem no exercício de funções didáticas e os primeiros assistentes. No período noturno, as aulas teriam início às 19 horas, sendo oferecido o mesmo regime didático que o dos alunos dos cursos diurnos.

Enquanto fossem lecionadas nos cursos noturnos, cada uma das cadeiras das seções e subseções contariam com mais um assistente “ou com maior número, na base de um para cada vinte alunos inscritos na Cadeira de laboratório ou que tenham aulas práticas”. Na proposta orçamentária da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, deveria constar uma verba especial para atender às despesas dos cursos noturnos. Os funcionários e professores que trabalhassem nos dois períodos (diurno e noturno) receberiam um acréscimo em seus rendimentos mensais e poderiam ser matriculados a cada ano até 30 alunos por período.

Contemplando todas essas alterações, pode-se dizer, preliminarmente, que, na FFCL/USP, nada ou pouco afetou as disciplinas oferecidas nos cursos das seções e subseções, entre o final da década de 1940 e o início da década de 1950.

No anuário da FFCL/USP do ano de 1950, na seção de Letras Clássicas, consta-se somente o nome das disciplinas, porém não estão divididas por anos, como traziam os exemplares de anuários anteriores. Como nosso estudo possui a periodização de 1934 até início de 1950, ao investigar-se o anuário de 1952, os cursos de Letras Clássicas, Letras

Neolatinas e Letras Anglo-Germânicas, encontram-se divididos por séries, como destacamos a seguir:

**Quadro 28:** Distribuição das disciplinas do curso de Letras Clássicas, em 1952 segundo as séries.

Séries	Nº	Primeira	Segunda	Terceira	Quarta
<b>Disciplinas</b>	1	Língua Latina	Língua Latina	Língua Latina	-
	2	Língua Grega	Língua Grega	Língua Grega	-
	3	Filologia e Língua Portuguesa	Filologia e Língua Portuguesa	Filologia e Língua Portuguesa	-
	4	Literatura Portuguesa	Literatura Grega	Literatura Grega	-
	5	História da Antiguidade Greco-romana	Literatura Latina	Literatura Latina	-
	6	-	Literatura Portuguesa	Filologia Românica	-
	7	-	Literatura Brasileira	Literatura Brasileira	-
	8	-	-	Glotologia Clássica	-

Fonte: Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1952.

**Quadro 29:** Distribuição das disciplinas do curso de Letras Neolatinas, em 1952 segundo as séries.

Série	Nº	Primeira	Segunda	Terceira	Quarta
<b>Disciplinas</b>	1	Língua Latina	Língua Latina	Filologia Românica	-
	2	Língua e Literatura Francesa	Filologia e Língua Portuguesa	Filologia e Língua Portuguesa	-
	3	Língua e Literatura Italiana	Língua e Literatura Francesa	Literatura Brasileira	-
	4	Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-americana	Língua e Literatura Italiana	Língua e Literatura Francesa	-
	5	Filologia e Língua Portuguesa	Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-americana	Língua e Literatura Italiana	-
	6	Literatura Portuguesa	Literatura Portuguesa	Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-americana	-



	7	-	Literatura Brasileira	-	-
--	---	---	-----------------------	---	---

Fonte: Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1952.

**Quadro 30:** Distribuição das disciplinas do curso de Letras Anglo-Germânicas, em 1952 segundo as séries.

Séries	Nº	Primeira	Segunda	Terceira	Quarta
<b>Disciplinas</b>	1	Língua Latina	Língua Latina	Filologia e Língua Portuguesa	-
	2	Filologia e Língua Portuguesa	Filologia e Língua Portuguesa	Língua Inglesa e Literatura Inglesa e Anglo-americana	-
	3	Língua Inglesa e Literatura Inglesa e Anglo-americana	Língua Inglesa e Literatura Inglesa e anglo-americana	Língua e Literatura Alemã	-
	4	Língua e Literatura Alemã	Língua e Literatura Alemã	-	-
	5	História da Civilização Medieval	-	-	-

Fonte: Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1952.

Ao analisarmos a grade curricular dos cursos de Letras Clássicas, Letras Neolatinas e Letras Anglo-Germânicas nos anos de 1946 e 1952, observa-se que a grade curricular é a mesma para os respectivos cursos, mas ao invés de estarem divididas por anos, percebe-se que essa é apresentada por séries. Quanto à quarta série, e os cursos de especialização, continuam da mesma forma desde a reforma de 1946.

A Faculdade contava com a coleção de boletins iniciada em 1938, dos quais foram publicados 115 volumes até 1950. Isso representa um dos mais importantes trabalhos realizados pela Faculdade, sendo distribuídos às mais importantes instituições científicas do país e também para o estrangeiro. Em 1950, foram publicados 13 volumes dos Boletins. Na cadeira de Letras, há o trabalho de Fidelino de Figueiredo, “A épica portuguesa no século XVI: subsídios documentares para uma teoria geral da epopeia”. No mesmo ano, em outubro, a Secretaria da Faculdade iniciou a publicação de um boletim mensal de informações, com o objetivo de divulgar as principais atividades da instituição em todos os departamentos, com o intuito de aproximar as diversas seções que em geral trabalhavam isoladas, sem reconhecimento recíproco, sendo assim criando e preservando o verdadeiro espírito universitário.

Dessarte, a trajetória que levou à institucionalização do ensino universitário do curso de Letras Clássicas na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo, no período de 1934 até início de 1950 inclui vários fatores, em que se pode citar entre eles: as mudanças que o curso passou tanto na grade curricular, como troca de professores, reformas de leis e decretos a fim de um melhor ensino, buscando oferecer um ensino superior de qualidade, como corpo docente qualificado, com infraestrutura por meio da qual alunos e professores tivessem acesso aos mais diversos materiais e às bibliotecas que oferecessem diversidades de literaturas. Contudo, vale ressaltar também o contexto social vivido nessas décadas, de constantes transformações mundiais, fazendo com que se repensasse suas diretrizes.

Diante do exposto, nota-se o valor de estudar a institucionalização do curso de Letras Clássicas no período de 1934 até início de 1950, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, por ser o primeiro a ser criado no período, juntamente com a fundação da FFCL/USP, e também foi a época de maior desenvolvimento da área.

Assim sendo, no próximo capítulo, procura-se analisar as cadeiras que faziam parte do curso de Letras Clássicas, nas décadas de 1930, 40 e início de 1950, quais os catedráticos que ministravam as aulas na época, e quais os assistentes e auxiliares que realizavam o trabalho juntamente com os catedráticos. Para isso, são apresentados quadros para melhor análise dos dados, e por meio dos quadros é desenvolvida a análise.

### 3 AS PALAVRAS QUE PREPARAM NOVOS DOCENTES-ESCRITORES: ENSINO E PESQUISA NAS CADEIRAS DO CURSO DE LETRAS CLÁSSICAS E PORTUGUÊS

Pretende-se, neste capítulo, analisar a distribuição das cadeiras de Filologia Portuguesa, Língua e Literatura Latina, Língua e Literatura Grega, Literatura Luso-Brasileira, Literatura Brasileira e Literatura Portuguesa, do curso de Letras Clássicas, destacando os catedráticos, assistentes e auxiliares, sobretudo, contemplando como era desenvolvido o processo de ensino e pesquisa. Visa-se mostrar as proximidades das cadeiras para constituírem um conjunto coerente de disciplinas, que procurassem preparar os alunos para serem professores secundários e professores pesquisadores. Para construir essa análise, elaboramos um quadro para melhor compreensão dos dados que são por meio dos anuários da FFCL/USP, entre os anos de 1934 e início de 1950. No capítulo anterior, analisamos como ocorreram as transformações na estrutura curricular do curso de Letras Clássicas, Letras Neolatinas e Letras Anglo-germânicas. Desse modo, vimos de que maneira foram tratados tanto os aspectos legais quanto administrativos. Nota-se que, neste período, embora cada uma das áreas estivessem em níveis de diferentes desenvolvimento, todas almejavam construir alicerces teóricos e metodológicos, que, respeitando as diferenças, viessem a elaborar certo padrão “científico” de análise de fontes e objetos na pesquisa acadêmica (Miceli; 1989; 1995; 2001). Seguem os dados:

**Quadro 31:** Referente às Cadeiras, catedráticos, assistentes e auxiliares e seus respectivos anos, do Curso de Letras Clássicas e Português da FFCL/USP entre os anos de 1930 até início de 1950.

<b>Título da Cadeira</b>	<b>Catedrático</b>	<b>Ano</b>	<b>Assistente</b>	<b>Ano</b>	<b>Auxiliar</b>	<b>Ano</b>
<b>Filologia Portuguesa</b>	Francisco Rebêlo Gonçalves	1934-1936	-	-	-	-
	Otoniel Mota	01/01/1938-31/12/1939	-	-	-	-
	Francisco da Silveira Bueno	22/02/1940-1950	Ênio Sandoval Peixoto	01/01/1944-julho de 1946	-	-
	-	-	Dinorah de Silveira Campos Pecoraro	16/07/1946	Alberto Piason	1950
	-	-	-	-	João Lellis	1950
<b>Língua e Literatura Grega e Língua e</b>	Michel Berveiller	1934-1935	-	-	-	-

<b>Literatura Latina</b>						
<b>Língua e Literatura Latina</b>	Georges Raeders	1938	-	-	-	-
<b>Língua e Literatura Grega</b>	Attilio Venturi	1938	Henrique Maurer Júnior	1940	-	-
<b>Língua e Literatura Latina</b>	Urbano Canuto	1940	Henrique Maurer Júnior	1940	Armando Tonioli	1944
	-	-	Armando Tonioli	1948	-	-
	-	-	Lélio Canervari	-	-	-
	-	-	D. Florianette de Oliveira	-	-	-
	-	-	Armando Tonioli	1950	-	-
<b>Língua e Literatura Grega</b>	Vittorio de Falco	1939	Theodoro Henrique Maurer Júnior	1940-1941	-	-
	Aluizio de Faria Coimbra	1942	Aluizio de Faria Coimbra	1942	D. Hilda Penteado de Barros	1946
	José Lazzarini D. Hilda Penteado de Barros	1947-1948	José Lazzarini Júnior	1947	D. Gilda Maria Reale	1949
	Aluizio Faria Coimbra	1949	-	-	-	-
<b>Literatura Luso-Brasileira</b>	Otoniel Mota	1936	-	-	-	-
	Fidelino de Figueiredo	1938	-	-	-	-
<b>Literatura Brasileira</b>	Mário Pereira de Souza Lima	01/01/1942-22/08/1945	Manuel Cerqueira Leite	Janeiro à dezembro de 1944	-	-
	Manuel Cerqueira Leite	08/1947-10/1949	-	-	-	-
	Mário Pereira Souza	-	-	-	-	-
<b>Literatura Portuguesa</b>	Fidelino de Figueiredo	1938	Antônio de Souza Amóra	1942	Segismundo Spina	1945
	Antônio Soares Amóra	1945-1946	Manuel Cerqueira Leite (assistente substituto)	1945-1946	-	-
	Fidelino de Figueiredo	-	Antônio Soares Amóra	-	-	-

Fonte: Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1934-1935, 1936, 1937-1938, 1939-1949 Vol. I, 1939-1949, Vol. II, 1950.

### 3.1 A cadeira de Filologia Portuguesa

A cadeira de Filologia Portuguesa foi criada em 1934, logo quando iniciou o primeiro ano letivo do curso de Letras Clássicas e Português.

O primeiro professor da cadeira foi o professor doutor Francisco Rebêlo Gonçalves (1907-1982)<sup>21</sup>, catedrático da Universidade de Lisboa. Ele foi contratado e convidado em 1935 para inaugurar, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, o curso de Filologia Portuguesa, e regê-lo até 1936. Esse docente procurou definir a estrutura básica do curso a ser oferecido, visando à formação de uma cultura luso-brasileira, em função das deficiências do ensino secundário de então, mas sem deixar de lado a preocupação com a formação de profissionais nesta área. O professor Rebêlo acreditava que o ensino superior do português em faculdades brasileiras teria de ser fundamentado numa série de trabalhos novos e métodos novos, cada um com seu valor peculiar, pois, afinal, estudar filologia era estudar cientificamente o desenvolvimento de uma língua, neste contexto, o da língua portuguesa.

No início do programa da cadeira, procurou organizá-la de modo a ser dividida em duas partes: a parte teórica e a parte prática. Na parte teórica, a disciplina começava com a lição inaugural, que se caracterizava por abrir o curso, trazendo a exposição e comentário do programa de trabalhos. Era dividida em: História da Filologia Portuguesa, que estudava os primeiros trabalhos de disciplina gramatical da língua: quais eram os gramáticos portugueses dos séculos XVII e XVIII; a introdução dos modernos métodos filológicos em Portugal; a filologia portuguesa contemporânea e os seus maiores cultores portugueses e brasileiros; História da Língua contava com vários tópicos, entre eles a formação do português; a vida literária do português; a influência do latim na língua literária; Camões, mestre da língua; a língua de Vieira e de Bernardes; o neoclassicismo dos árcades; as modernas influências francesa e inglesa; os caracteres locais do português da metrópole; estudo e aplicação da Geografia Linguística; a expansão da língua e o português do Brasil. Em gramática Histórica, estudava-se a fonética histórica; morfologia histórica; sintaxe histórica; sematologia histórica.

---

<sup>21</sup>Nascido em Santarém (Portugal) a 15 de novembro de 1907, tendo feito o curso de preparatórios liceais em Santarém, entrou aos 16 anos na Faculdade de Letras em Lisboa. Licenciou-se aos 20 anos, em julho de 1928. Foi nomeado assistente da Faculdade de Letras em novembro do mesmo ano. Doutorou-se em Filosofia Clássica em dezembro de 1930. Fez concurso para professor efetivo da Faculdade de Letras, sendo igualmente aprovado, e ingressando na Seção de Filologia Clássica (onde se faz o ensino especializado do Grego, do Latim e do Português). Regeu na referida Faculdade durante 7 anos, todas as cadeiras de Língua e Literatura Grega e de Língua e Literatura Latina. Foi membro da direção de revista da Faculdade de Letras de Lisboa. Foi convidado em 1934 para inaugurar na FFCL/USP o curso de Filologia Portuguesa. “Curriculum Vitae” do Prof. Francisco Rebêlo Gonçalves. In: Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1934-1935, p. 324 e 325.

Em Lexicologia), estudava-se a discriminação sistematizada dos elementos ou origens da língua; o elemento latino; o elemento grego; o elemento arábico e o elemento germânico e as origens.

A parte prática trabalhou com leituras especiais de filólogos portugueses, comentários de textos e exercícios.

Como comentamos, no ano de 1938, houve novas alterações no corpo docente da Faculdade, em virtude do término dos contratos dos professores. Foi quando a cadeira passou a ser ocupada pelo professor Otoniel Mota<sup>22</sup>, que já ocupava a cadeira de Literatura Luso-Brasileira. Foi professor contratado da cadeira de Filologia Portuguesa de 1 de janeiro de 1938 até 31 de dezembro de 1939, era conhecido filólogo brasileiro.

Com a chegada do novo professor, os estudos do idioma aproximaram-se mais do objetivo filológico, com maiores desenvolvimentos históricos e algum uso de textos arcaicos.

O anuário da FFCL/USP de 1939-1949, vol. II, traz um breve histórico da cadeira, em que foi descrito que a cadeira de Filologia Portuguesa foi objeto de reformas e de alterações em seus regentes. Na ocasião denominou-se a cadeira de Língua Portuguesa, que corria o risco, que de fato ocorreu, de ser pensada que fazia parte da continuação do ensino ginásial, devido ao título dado. Foi quando, na direção do Prof. Fernando de Azevedo, decidiu a Congregação que a cadeira passasse a ser denominada por Filologia e Língua Portuguesa, almejando-se, que com o acréscimo do termo “Filologia”, a cadeira ocupasse o nível que sempre deveria estar, o nível universitário. Como pode-se observar nos parágrafos anteriores, buscou-se o primeiro professor em Portugal, estabelecendo assim, uma conexão que nos liga ao país de origem do nosso idioma, sendo nomeado o Prof. Francisco Rebêlo Gonçalves, formado pelo curso de Letras em Lisboa, especializado em latim e grego clássicos. Em virtude da sua especialização, recebeu a cadeira um ensino com direção mais literária do que propriamente filológica. Quando vagou a cátedra de latim, o Prof. Rebêlo assumiu, substituindo-o na cadeira de Filologia Portuguesa, o Prof. Otoniel Mota. Na diretoria do Prof. Alexandre Correia, o curso de português, tão exíguo, foi inclusive subdividido, ficando o primeiro ano entregue ao Sr. José de Sá Nunes, simples professor ginásial, e o segundo aos comandos do Prof. Otoniel Mota. O anuário da FFCL/USP, 1939-1949, Vol. II, p. 307, ainda destaca que o ensino da cadeira de Filologia e Língua Portuguesa não tinha uma boa

---

<sup>22</sup>O Prof. Otoniel de Campos Mota, filho de José Rodrigues e d. Bernardina Deoclecia da Mota Pais, nasceu em Porto Feliz, São Paulo, em 16 de abril de 1878. Fez seus primeiros preparatórios no antigo Curso Anexo à Faculdade de Direito. Completou-os no Seminário Presbiteriano, onde fez seu curso teológico, em São Paulo. Foi lente de português em Ribeirão Preto, e depois em Campinas, e diretor da Biblioteca Pública de São Paulo. “Curriculum Vitae” do Prof. Otoniel Mota. In: Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1936, p. 306.

metodologia, princípios, nem programa previamente elaborado e dado a conhecer aos alunos. O ensino era feito ao acaso, com inspirações dos professores, sem planos metodicamente traçados. No primeiro ano, notou-se muito dessa fragmentação, perdendo-se qualquer estímulo, porque os estudos voltavam aos níveis ginasiais, sem pesquisas e nem trabalhos de valor.

Ao final do ano de 1939, foi requerido concurso para a cátedra de Língua Portuguesa, e o professor que foi classificado em primeiro lugar foi Francisco da Silveira Bueno<sup>23</sup> (1898-1989), que assumiu como professor catedrático em 22 de fevereiro de 1940, até a década de 1950.

A cadeira que antes não possuía, assim como citado em parágrafos anteriores, boa metodologia, e programa de ensino elaborado, após a constatação da posse do professor catedrático em 1940, a cadeira passou a ter unidade de ensino, de princípios, com rumos modernos sobre o que se ensina, nos meios universitários europeus, quer de filologia, quer de linguística.

Em sua aula inaugural no ano de 1940 (Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1939-1949, Vol. II), o professor catedrático fez alguns apontamentos sobre a relevância de estudar Filologia Portuguesa. Ele mostrava a proximidade da finalidade da cadeira, que esta deveria ser a disciplina coordenadora de todas as demais que, separadamente e de modo fragmentário, estudam a civilização de Portugal. Acreditava que os alunos ao ingressarem na Faculdade já tivessem estudado a língua e a literatura portuguesa, conheçam a matéria, a poesia, a oratória, a estilística, a história desse povo, pressupondo que todos esses conhecimentos estavam dispersos, e talvez sem finalidade clara, e a Filologia Portuguesa, viria para coordená-los. Chegou a citar o filólogo alemão August Boeckh, que definia Filologia como um “conhecimento científico da completa atividade e da vida inteira de um determinado povo, em um dado período da existência”. Caracterizava que a Filologia Portuguesa era, portanto, o estudo da civilização, do espírito, da inteira vida intelectual do povo lusitano por meio dos monumentos que nos legaram as suas gerações passadas. Um conhecimento inteiro e perfeito da civilização de um povo.

Se o texto é a condição essencial dos estudos filológicos, de tal modo que se não houver textos, não haverá também Filologia, entende-se que só possuíram tal disciplina aqueles povos que puderem apresentar, em seu passado, obras e monumentos escritos. (Francisco da Silveira Bueno, *in* Anuário da FFCL/USP 1939-1949, Vol. I).

---

<sup>23</sup>Doutor em Filosofia e Bacharel em Direito Canônico e Teologia – Prof. Catedrático da cadeira de Filologia Portuguesa de 22 de janeiro de 1940.

O número sempre crescente de alunos sobrecarregava extremamente os trabalhos das cátedras ainda sem assistente; foi quando Ênio Sandoval Peixoto assumiu o cargo de 1º assistente, do dia 1 de janeiro de 1944 até julho de 1946, substituindo-o a partir de 16 de julho de 1946 Dinorah da Silveira Campos Pecoraro.

Com todo esse movimento, os trabalhos da cadeira melhoraram, sendo possível dar mais atenção às pesquisas filológicas.

Na década de 1950, juntamente com o professor catedrático Francisco da Silveira Bueno, permanecia Dinorah da Silveira Campos Pecoraro como assistente, e agora contavam com dois auxiliares de ensino, sendo eles Albertino Piason e João Lellis Cardoso. O trabalho de ensino e pesquisa estava tomando novos rumos, novos olhares, em crescente progresso. Pois com o acréscimo de assistentes e auxiliares, os professores das cadeiras, tinham certo tempo para se dedicarem às pesquisas e aperfeiçoamento de trabalhos para melhoria do curso. Muitas vezes, esses assistentes e auxiliares se tornavam catedráticos. Podia-se notar tal desenvolvimento da cadeira, com a biblioteca em crescente organização, que possuía revistas assinadas, como “România e Revista Portuguesa de Filologia”; o laboratório de Fonética Experimental estava em desenvolvimento e contava com o assistente técnico João Lellis Cardoso. Por meio de toda essa organização em geral, nesse ano, o professor catedrático pode desenvolver várias pesquisas e trabalhos importantes para o curso.

Destarte, a cadeira de Filologia e Língua Portuguesa, como pode-se observar, com o passar dos anos e o ingresso e a contribuição de novos professores, assistentes e auxiliares, foi se desenvolvendo sobretudo quanto ao ensino e pesquisa. Se em anos anteriores o ensino de Filologia Portuguesa foi comparado ao ensino ginasial, pois em pouco ou nada se desenvolvia quanto a pesquisas e trabalhos; foi no final da década de 1940 e início de 1950 que a cadeira mais se desenvolveu. Nessa época, foram contratados assistentes e auxiliares, que tiveram papéis importantes, sendo até mesmo direcionados ao Laboratório de Fonética Experimental, não deixando o professor sobrecarregado, tendo maior disponibilidade para desenvolver a disciplina.

### 3.2 A Cadeira de Língua e Literatura Grega e Língua e Literatura Latina

As cadeiras de Língua e Literatura Grega e Língua e Literatura Latina foram criadas em 1934, logo quando iniciou o primeiro ano letivo do curso de Letras Clássicas e Português.



Foi o professor Michel Berveiller<sup>24</sup> que assumiu as cadeiras, sendo o responsável pela organização do ensino das Literaturas e Filologias Greco-Latinas. Em seu relatório acerca do ensino das literaturas e filologias greco-latinas que consta no *Anuário da FFCL/USP 1934-1935*, o professor mostrou a importância de estudar a língua e a literatura greco-latina.

Conforme Berveiller, nos velhos países da Europa, uma tradição secular nos habituou a ver nos estudos das humanidades greco-latinas um complemento indispensável, senão o mais importante de toda e verdadeira cultura. Pois, nessa época havia discussões sobre o porquê da necessidade de estudos clássicos, em relação a outras disciplinas, com seus valores devendo ser criticados, avaliados, postos em paralelo como os de quaisquer outros ramos de cultura.

Desde a fundação da Universidade Paulista, este assunto (o porquê da necessidade de estudos clássicos) foi discutido e solucionado pelos fundadores da instituição, sendo consagrado valor a tal ensino. Instituíram uma experiência, das quais foram extraídas conclusões práticas, no que concerne à orientação conveniente a esse ensino, e os métodos que seriam usados para assegurar o máximo de eficácia. Até então, os cursos especializados de nível superior nesta área constituíam uma novidade (Miceli, 1989;1995).

No tocante à organização, após reconhecida a legitimidade e observada a necessidade dos estudos greco-latinos, era hora de dar um título à cadeira.

Pode-se observar como foi escolhido pelo Prof. Berveiller o título da cadeira:

Quando se tratou de dar um título à cadeira de Letras Clássicas, da qual estou presentemente encarregado, hesitou-se longamente. “Letras Clássicas” era um pouco vago; “Linguas Clássicas” seria dizer demais... Finalmente, chegou-se à acordo sobre designação, mais compreensiva, de “Literatura e Filologia Greco-Latina”, que apresentava a vantagem de mostrar nitidamente os dois objetivos, literário e estético de um lado, linguístico e gramatical de outro, nitidamente distintos, ainda que necessariamente ligados um ao outro (*Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo, 1934-1935, p. 186*).

A rigor, o ensino poderia ser puramente dogmático da história literária como um capítulo particular da História da Civilização, fundado não sobre o conhecimento direto dos

---

<sup>24</sup>Nascido em Sommedieue (Meuse-França), em 16 de julho de 1910. Bacharel em Letras, 1ª Parte (Latim-Grego), em 1925. 2ª Parte (Filosofia), em 1926. Aluno da Escola Normal Superior – 1928-1931. Licenciado em Letras em 1929. Diplomado em estudos superiores de Letras, em 1930, com uma dissertação inédita sobre: “Les influences italiennes dans les comédies de Ben Jonson”. “Boursie” do Instituto Francês em Londres. Viagens de estudos pela Inglaterra, Itália, Grécia e Turquia. Agregé da Universidade, em 1931. Foi professor de Letras em Dijon, em 1932-1934. Foi professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo- 1934. “Curriculum Vitae do Prof. Michel Berveiller”. In: *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1936, p. 326*.

textos, mas sobre as traduções em línguas modernas que deles tenham sido feitas e os comentários literários que tenham sido consagrados.

Sendo esse processo de ensino por alguns recomendado ao menos no que concerne ao Grego, em relação à carência do ensino dessa língua no Brasil, felizmente esse ponto de vista não triunfou, afinal, fazer desaparecer toda a base filológica no ensino das velhas letras seria privar de um maravilhoso instrumento de conjunto de conhecimentos fecundos e úteis para a formação de estudantes, como também recusar ao ensino conexo da filologia luso-brasileira um complemento indispensável e um auxiliar permanente.

Em relação ao ensino, o Prof. Michel Berveiller ficou encarregado, quanto à organização da distribuição das matérias, orientação dos programas, escolha de exercícios. Assim como o próprio professor cita em seu relatório, dedicou-se, pois se tratava primeiro e sobretudo da formação de professores para o ensino secundário. Relatou também que foi um trabalho árduo em virtude da multiplicidade das matérias reunidas em um único curso, enfatizou que, diante das diferenças e dificuldades encontradas no caminho, de maneira geral, encontrou bastante inteligência e zelo para que não fosse perdido seu labor. Ressaltou ainda, que:

... o ensino superior destina-se a dois fins principais: o ensino e a pesquisa. Um e outro se entrelaçam e se fecundam mutuamente. Mas ainda aí se impõem distinções, do ponto de vista da orientação prática...Assim a Antropologia e a Etnografia por exemplo, ciências relativamente recentes, e mesmo a Geografia, ... não poderiam separar na origem o ensino da pesquisa, porque nesses domínios, a pesquisa não forçosamente a assimilação completa dos conhecimentos acumulados e, sobretudo, porque nelas se encontram os materiais à mão, ... e não há negar que, ... a tarefa do pesquisador se torna aqui singularmente difícil, no domínio que nos interessa. Segue-se daí que, por muitos anos ainda, o nosso esforço se deve orientar para a formação de um pessoal docente, puramente docente, mais que para a formação de sábios gabinetes, cujos louváveis esforços estariam votados ao insucesso (Anuário da FFCL/USP, 1934-1935, p. 187).

De acordo com Prof. Berveiller, no que toca às Letras Clássicas, a pesquisa parecia prematura e dificilmente exequível, pela falta de materiais de trabalho, por ser um curso recente, e em uma Faculdade nova. Como pretendia-se reformar o ensino secundário, a condição que era imposta, visava estabelecer um ensino superior fecundo, sendo necessário dotá-lo de instrumentos de trabalhos que lhe faltavam.

Quanto ao público dos alunos que frequentavam o curso nos anos de 1934 e 1935, permite-se observar que era pequeno o número de homens que pareciam atraídos por esses estudos clássicos, comparado ao número de mulheres.

Conforme citado em parágrafos anteriores, eram muitas matérias para um curso único, foi nesta época que já se pensava em distinguir o Grego do Latim, e a Literatura da Filologia propriamente dita, de modo que o ensino dessas matérias fossem repartido entre um professor de Literatura e Filologias Latinas de um lado, e um professor de Literatura e Filologias Gregas de outro. Por fim, pretendia-se confiar o ensino da Filologia Greco-Latina a um terceiro professor, que ficaria com a parte propriamente filológica e extraliterária de seu ensino. Aqui se nota a preocupação com o ensino, pois estava sendo idealizada a divisão do trabalho entre três professores especializados, sendo o modo final que se deveria chegar. Assim, de acordo com os avanços do estudo da cadeira, percebe-se que tais divisões vão acontecendo.

### 3.2.1 Desdobramentos do ensino das cadeiras das Literaturas e Filologias Greco-Latinas

O professor Michel Berveiller ficou à frente da Cadeira de Língua e Literatura Grega e Língua e Literatura Latina nos anos de 1934 e 1935, logo quando iniciou o curso. O professor ficou trabalhando nas cadeiras nos três anos de curso, e o professor Rebêlo Gonçalves assumiu as disciplinas de gramática e Filologia Grega e Gramática e Filologia Latina.

Em 1935, Berveiller contribuiu com a Conferência Pública que era desenvolvida pela FFCL/USP, com temas relevantes como “O latim, língua universal” e “O helenismo de Paul Valéry”.

Em 1938, no primeiro relatório do semestre apresentado pelo professor Dr. Ernesto de Souza Campos ao Exmo. Sr. Reitor da Universidade de São Paulo, ele relatou dificuldades nos cursos, pois um só professor ministrava várias cadeiras em um curso, sendo interessante o desdobramento dessas cadeiras.

Com base na análise da grade curricular do Curso de Letras Clássicas e Português no ano de 1938, observa-se que a disciplina aparece com o nome de Filologia e Literatura Latina. Era ofertada nos três anos de curso, o ensino da disciplina era dividido em semestres e horas; no primeiro ano, duas horas; no segundo e terceiro, em quatro horas. O professor que ministrava as aulas era Georges Raeders.

Neste exato ano, houve alterações no corpo docente da Faculdade, em virtude da terminação dos contratos de alguns professores, entre eles, Francisco Rebêlo Gonçalves, e para substituí-lo, foram designados o professor George Raeders para dar continuidade aos

trabalhos da Cadeira de Língua e Literatura Latina, e Attilio Venturi<sup>25</sup> para a Cadeira de Língua e Literatura Grega.

Já no programa da disciplina de Língua e Literatura Grega, ministrada por Attilio Venturi, era ofertada nos três anos de curso sem ser dividida em semestres e horas.

Conforme o avanço aos estudos dos *Anuários da FFCL/USP*, percebe-se a trajetória das disciplinas, que, visando um melhor ensino, e vistas algumas insuficiências, elas vão passando por transformações, dentre tais: mudanças de professores, desdobramentos, tudo isso visando a adaptá-las aos moldes mais úteis ao ensino. Portanto conclui-se que, no início das Cadeiras de Língua e Literatura Grega e Língua e Literatura Latina, o ensino foi trabalhado de forma concisa, sendo ministrada por um único professor, na ocasião, pelo Prof. Michel Berveiller que regeu as Cadeiras, sendo responsável pela sistematização e implantação do ensino das Literaturas e Filologias Greco-Latinas. O professor responsável pelas Cadeiras, observava que eram muitas matérias para um único professor, e que se deveria dividir as matérias entre vários professores. Foi quando, em 1938, a cadeira teve alterado seu nome por: Filologia e Literatura Latina e Língua e Literatura Grega e dividida entre dois professores, Georges Raeders e Attilio Venturi. Foi no início da década de 1940 que houve uma melhor divisão das disciplinas, sobretudo o título das Cadeiras.

### 3.2.2 A Cadeira de Língua e Literatura Latina

Na década de 1940, quem regeu a Cadeira de Língua e Literatura Latina foi o Prof. Urbano Canuto Soares. Desde o princípio, o professor preocupou-se para que o ensino superior da cadeira tivesse uma orientação moderna, seguindo sempre o critério histórico-comparativo no estudo dos fatos da língua e fundamentando o conhecimento das questões da História da Literatura nos textos literários.

O ensino da Cadeira era ministrado com aulas de exposição teórica da matéria dos programas, e alternavam com seminários e colóquios baseados na leitura, interpretação e

---

<sup>25</sup>Natural de Marradi (Florença-Itália), nascido no dia 13 de setembro de 1889. Diploma de Laurea em Letras (Universidade de Milão). Diploma de magistério em Línguas Clássicas (Universidade de Milão). De 1919 a 1922- Catedrático no Ginásio de Monza (Itália). De 1922 a 1924- Catedrático de Latim e Grego no Liceu de Monza. Em 1924 vencedor do concurso do Ministério para as cadeiras de Italiano, Latim e Grego nos Reais Ginásios do Reino. De 1924 a 1926- Catedrático de Italiano, Latim e Grego no Real Liceu de Sôndrio. Em 1926 vencedor no concurso do Ministério para as cadeiras de Italiano, Latim e Grego, nas sedes especiais, isto é, nas cidades sedes de Universidade. De 1926 a 1931- Catedrático de Italiano, Latim e Grego no Real Ginásio Liceu “Minghetti” de Bolonha. Em 1931- Nomeado Diretor das Escolas Italianas no Estrangeiro. De 1931 a 1935- Diretor do Colégio “Vila Igea” de Tunis. Desde 1935- Diretor do Instituto Médio Ítalo-Brasileiro Dante Alighieri de São Paulo. “Curriculum Vitae do Prof. Attilio Venturi”. In: *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo 1937-1938*, p. 97, 98.

comentário filológico de autores latinos. Quanto à orientação didática, as diretrizes do ensino procuravam acentuar a parte teórica, seguindo os grandes mestres da Linguística e da Filologia. As aulas de seminário contavam com comentários de textos, inspirados no pensamento de Boeck, para quem a Filologia Clássica era o conhecimento do conhecido, sendo sempre orientados relativamente ao estudo linguístico.

No decorrer do ano de 1940, a cadeira teve como assistente o licenciado Theodoro Henrique Maurer Júnior (foi assistente adjunto das cadeiras de Filologia e Literatura Latina e Filologia e Literatura Grega), que, com o tempo e desempenho, conquistou a láurea doutoral e, em 1946, foi contratado como professor de Filologia Românica.

Com a saída de Theodoro Henrique Maurer Júnior, foi contratado, em 1944 como auxiliar de ensino, o licenciado Armando Tonioli, que em junho de 1948, foi promovido como assistente da cadeira. Ainda prestavam serviço junto à cadeira, em caráter temporário, os licenciados Lélío Canevari e D. Florianette de Oliveira.

Pode-se perceber de acordo com os anuários da FFCL/USP 1939-1949, Vol. II, que o Prof. Canuto Soares, foi um professor atuante, contribuía com suas ideias e pontos de vista pessoais. No tocante às pesquisas da cadeira, ele orientava vários alunos para serem assistentes e auxiliares, que desenvolviam pesquisas, trabalhos, e suas teses de doutorado, sendo preparados para assumirem o cargo de professores da cadeira. No ano de 1942, regeu o ensino de Filologia Românica, regendo durante o ano letivo a respectiva cadeira. No mesmo ano, começou a lecionar também no curso de Glotologia Clássica, que era um curso complementar da cadeira de Língua e Literatura Latina. Regeu o curso de Especialização desde que foi criado. Integrou a Banca de Concurso da Cadeira de Filologia e Língua Portuguesa, que se realizou em fins de 1939. Em meados de 1943, examinou os concursos de Latim, para o provimento de lugares vagos nos ginásios e escolas normais do estado de São Paulo. No mesmo ano, fez conferências para esses candidatos sobre Sintaxe do Latim Arcaico. No final de 1945 e princípios de 1946, integrou a Banca de Concurso para o provimento da Cadeira de Língua e Literatura Latina da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. Também em 1945, participou de uma Conferência do Instituto de Estudos Portugueses do Rio de Janeiro; na ocasião, falou sobre o “Lirismo Catulino e as traduções portuguesas de Catulo”. No ano de 1947, realizou três conferências sobre: “O acento nas línguas indo-europeias, em especial no grego e no latim”. Ainda nesse ano, realizou curso gratuito de extensão universitária para professores de ginásio e escolas normais do Estado. O professor, também foi representante do Instituto para a Alta Cultura-Ministério da Educação Nacional de Portugal, contribuindo para aproximação dos dois grandes países no

domínio da cultura. No decorrer de 1950, ainda assumia a Cadeira, tendo como assistente Armando Tonioli. Ainda, orientou os trabalhos desta Cadeira de acordo com os programas dos vários cursos que ela abrange.

O ensino da Cadeira na década de 1950 contava com o programa da disciplina que incluía seminários, que tinham como principal escopo a interpretação, o comentário filológico de textos e a análise rítmica, quando se estudava poetas latinos. Faziam parte colóquios que debatiam problemas de várias ordens relativos à: Gramática Histórica, à Métrica e à História da Língua Latina. Quando os assistentes ministravam as aulas, seguiam o mesmo modelo, com aulas práticas cuja finalidade era consolidar e desenvolver os conhecimentos dos alunos. Os alunos, sob a orientação do professor, elaboravam dissertações sobre temas de Filologia e Literatura Latina, que eram discutidos em seminários especiais.

Em vista do que aqui foi pontuado, verifica-se que a Cadeira de Língua e Literatura Latina, obteve progressivo avanço, diversificando várias vezes durante o período analisado. Todavia contribuindo para um ensino e pesquisa crescente, o que se pode perceber nos parágrafos já analisados.

### 3.2.3 A Cadeira de Língua e Literatura Grega

Como já destacamos anteriormente, logo quando se iniciou o Curso de Letras Clássicas e Português na FFCL/USP em 1934, as Cadeiras de Língua e Literatura Latina e Língua e Literatura Grega, eram ministradas por um único professor, e após o desdobramento das Cadeiras, elas separam-se, e se tornam independentes, e cada Cadeira possuía seu professor.

Após a alteração do corpo docente, em virtude do término de contratos de alguns professores, como Francisco Rebêlo Gonçalves, para substituí-lo na Cadeira de Língua e Literatura Grega, foi designado Attilio Venturi, que ingressou no ano de 1938.

Quanto ao programa de ensino da cadeira o Prof. Attilio Venturi, trabalhou a parte da gramática no primeiro, segundo e terceiro ano do curso; no primeiro ano via-se Xenofonte, no segundo ano: Luciano - *Diálogo dos mortos*; Platão - A apologia de Sócrates, Homero - *Iliada* - VI; no terceiro ano: Homero - *Odisseia* - IX; Demóstenes - *A Primeira oração contra Filipe*. Quanto à parte literária, no primeiro, segundo e terceiro ano do curso foi trabalhado: Idade Clássica: poesia épica, lírica e dramática.

Em 1939, o professor Attilio Venturi foi substituído pelo Sr. Vittorio de Falco, professor catedrático da Universidade de Nápoles, figura de grande projeção nos meios helenísticos e autor de obras de inestimável valor. Neste ano, o professor trabalhou sem assistente.

Com a chegada do novo professor, um novo plano de ensino foi organizado, no qual figuravam, além da parte de morfologia nominal e verbal, aulas de sintaxe, monografias e um interessante curso sobre poetas líricos.

Durante os anos 1940 e 1941, o assistente da cadeira de Língua e Literatura Latina foi o professor Theodoro Henrique Maurer Júnior. Ele foi igualmente contratado para trabalhar junto à cadeira de Língua e Literatura Grega. Esteve encarregado da parte morfológica e sintática, ficando sob a responsabilidade do professor Falco os cursos de Literatura e de Filologia Clássica. No total, eram ministrados semanalmente doze horas de aula. Na semana de Estudos Clássicos, o professor apresentou duas conferências; uma sobre “Safo” e outra sobre “Aquiles”. Figurava no programa desse ano o Canto I da *Ilíada* e um curso sobre os trágicos gregos, no qual foram traduzidas e comentadas as peças de Sófocles: “*Antígona*” e “*Édipo Rei*”. Em 1941, o professor Falco publicou, em coautoria com o professor Aluízio de Faria Coimbra, a obra “*Os Elegíacos Gregos de Calino e Crates*”, com texto crítico, tradução em versos portugueses e notas.

O professor Maurer Júnior, em 1942, optou pela cadeira de Língua e Literatura Latina, quando foi contratado como assistente o professor Aluízio de Faria Coimbra, que se encarregou da parte anteriormente atribuída ao seu predecessor.

Em meados do ano de 1942, a grade curricular sofreu mudanças, de modo que a cadeira se dividiu em: Língua Grega e Literatura Grega. Sendo ministradas pelo mesmo professor. Nesse mesmo ano, o professor Vittorio de Falco partiu para a Europa, por designação da Diretoria e do Conselho Técnico-Administrativo, assumindo os encargos da respectiva cadeira o então assistente professor Aluízio de Faria Coimbra. Com a partida citada, nenhuma alteração sofreu o plano de ensino traçado.

Em 1943, com poucas variantes, foi mantido o programa de ensino de 1942, tendo sido em número de catorze horas semanais consagradas ao ensino do grego. Nesse ano, o professor Aluízio publicou o opúsculo *Três Estudos*, compreendendo: *O Grupo GN na Fonética Clássica; Da Vernaculização de algumas formas gregas; e Um Sistema de Acentuação Gráfica*.

No seguinte ano, em 1944, o Prof. Coimbra procurou detalhar melhor o programa de ensino, trazendo inovação ao novo plano de trabalho, o qual apresentou sensível progresso em

relação ao anterior, não só por efeito de caráter científico que se passou a atribuir ao estudo da língua, senão também pela maior riqueza e variedade conferidas ao estudo da literatura. Observa-se que o novo trabalho do professor trouxe inovação para a cadeira, pois, pela primeira vez na Faculdade, foram ministrados cursos sobre a teoria da acentuação grega, sobre a métrica grega, sobre as características dos dialetos e sobre os caracteres do estilo na prosa ática. Também pela primeira vez, em uma extensão tão ampla quanto permitiu o tempo, o estudo da morfologia nominal e verbal, sob ângulos predominantemente linguísticos. Além disso, o estudo da literatura foi dividido em monografias, tratadas em quatro aulas semanais, uma para cada curso.

Ainda no exercício de suas funções em que servia a Faculdade, teve o professor Coimbra a oportunidade de enviar ao Sr. Ministro da Educação alguns reparos sobre o ensino superior do grego no Brasil, ao destacar questões, alvitando que se incluísse a seguinte exigência entre as que vigoravam no respectivo vestibular: que o aluno não portador de diploma de Curso Clássico com grego tivesse conhecimentos dessa língua no nível da terceira série do mesmo Curso.

Em uma das últimas aulas do mesmo ano, achou-se honrado o curso de Homero com a visita do Sr. Cônsul da Grécia.

Percebe-se que foi um biênio de progresso para a cadeira, que induziu o professor Coimbra a traçar, para 1945-1947, um plano de ensino com conteúdo e ordenação análogos. Em literatura, adotaram-se os mesmos autores, substituídos somente os líricos eólicos pelos poetas corais. A parte morfológica e sintática foi ampliada em seus aspectos comparativos, e o ensino da teoria da acentuação foi substituído pelo da métrica. O professor publicou trabalhos e por intermédio da Faculdade, enviou treze fichas de bibliografia clássica brasileira, como contribuição à Clássica Americana, então em elaboração nos Estados Unidos.

Em 1946 e 1947, o mesmo programa foi mantido com pequenas alterações. No início de 1946, por sugestão do professor Alúzio de Faria Coimbra, a Diretoria e o Conselho Técnico-Administrativo deram a mais ampla aprovação, contratando como auxiliar de ensino da cadeira D. Hilda Penteado de Barros, que se encarregou do ensino das aulas de morfologia nominal e verbal da tradução e comentário dos elegíacos gregos e das Fábulas de Esopo, ministrando semanalmente seis aulas aos alunos do primeiro e segundo ano.

Além disso, o Prof. Coimbra remeteu ao Ministro da Educação amplas sugestões relativas à reforma do ensino do Grego, Latim e Português nas aulas secundárias do 2º Ciclo. Para o ano de 1947, foi contratado como assistente da cadeira o licenciado José Lazzarini Júnior. Nesse ano o professor também publicou trabalhos, organizou o primeiro boletim da cadeira, aos



quais adicionou algumas pesquisas sobre vocábulos da mesma procedência. No decorrer do respectivo ano, o professor Coimbra, acometido por uma perigosa e lenta enfermidade, afastou-se de todo o gênero de trabalho, ficando sem que houvesse solução de continuidade, as aulas e os exames de fim de ano ficaram sob a responsabilidade dos auxiliares da cadeira, professor José Lazzarini Júnior e Hilda Penteado de Barros.

Em 1948, reiniciado o ano letivo dos cursos universitários, o professor Lazzarini Júnior e D. Hilda Penteado de Barros deram continuidade ao plano de ensino precedente elaborado pelo professor Aluizio de Faria Coimbra. Com a ausência do Prof. Coimbra, D. Hilda Penteado de Barros traduziu e comentou várias obras como: *Epigramas Homéricos*, *Fábulas de Esopo*, *os Elegíacos Gregos* e *o Críton de Platão*. O professor Lazzarini Júnior ficou encarregado das aulas do quarto ano, traduziu e comentou a *Antígona* de Sófocles, ministrou também as aulas de morfologia e de sintaxe, assim como o curso de Métrica, e um curso de Língua e Literatura Grega para os professores do curso secundário.

Em 1949, o professor Aluizio Azevedo Coimbra reassumiu a cadeira novamente; nenhuma alteração sobreveio ao programa antes traçado ou à respectiva execução. Ainda, iniciou-se a organização de uma biblioteca especializada com doações feitas pelo professor Aluizio de Faria Coimbra e por D. Hilda Penteado de Barros. Com o estabelecimento do 2º ano de especialização, atingiu-se o número de dezoito as aulas semanais consagradas ao estudo da Língua e Literatura Grega. No final deste ano, foi ampliado o número de auxiliares da Cadeira com a admissão da licenciada D. Gilda Maria Reale.

Em 1950, a cadeira era ainda ministrada pelo professor Coimbra, tendo como assistente José Lazzarini Júnior e as auxiliares de ensino D. Hilda Penteado de Barros e D. Gilda Maria Reale. Em relação ao ensino, ficou estruturado da seguinte maneira: no 1º ano com cinco aulas semanais de morfologia nominal e verbal; no 2º ano, uma aula semanal de verbos; no 3º ano, aulas de literatura e uma aula semanal de sintaxe; no 4º ano, curso sobre *Antígona*, de Sófocles; e no 5º ano curso sobre *Agamenon*, de Sófocles.

Nesse ano, foram publicados vários trabalhos pelo professor Coimbra, Hilda Penteado de Barros e Gilda Maria Reale. Ainda referente ao respectivo ano, houve títulos e prêmios; a auxiliar de ensino D. Hilda foi contemplada com uma bolsa de estudos pelo Governo francês, na França, para frequentar os cursos de Língua e Literatura Grega e de Filologia Grega da *Sorbonne*, do *Institut Catholique* e os cursos de Paleografia Grega e de Filologia Grega de *École des Hautes Études*.

Ressalta-se ainda que o professor Coimbra fez parte como membro no I Congresso Internacional de Letras Clássicas em 1950.

Assim, como pode-se analisar, essa foi a trajetória da cadeira de Língua e Literatura Grega, que, com o passar dos anos e com os vários e ilustres professores que atuaram nela, a cadeira foi transformando seu ensino. Vale destacar que tais foram, em linhas sumárias, o trabalho de ensino e as atividades da cadeira de Língua e Literatura Grega nos anos de 1939-1949, sendo o período em que a cadeira mais se desenvolveu no aspecto de plano de trabalho, ensino e publicações.

### 3.3 A Cadeira de Literatura Luso-Brasileira

O curso de Letras Clássicas e Português têm sua criação em 1934 na FFCL/USP, mas a cadeira de Literatura Luso-Brasileira aparece na grade curricular do curso somente em 1936. Conforme o *Anuário da FFCL/USP-1936*, o curso já estava no seu terceiro ano de atuação, quando é observado no ensino a necessidade de mostrar aos estudantes a grandiosidade das obras literárias portuguesas.

Portugal, mesmo sendo pouco notável quanto a território e população, nunca deixou de produzir obras de valor tanto na poesia quanto na prosa. Foi ela a nação que primeiro se utilizou da descoberta de Gutenberg, antes mesmo da Alemanha; foi ela criadora da história na pessoa de Fernão Lopes; do teatro, na prosa de Gil Vicente. No século XVI, iluminou o mundo com o gênio multiforme de Camões. A respeito da importância da cultura literária portuguesa:

É preciso que o digamos, em alto e bom som, à nossa gente moça, que, deslumbrada pelo brilho incontestável de outras literaturas, bem pode vir a esquecer ou menoscar os valores nossos, os valores luso-brasileiros. Nenhuma literatura moderna possui uma linha ancestral mais fidalga do que a nossa. Cumpre-nos honrá-la, fixá-la, ampliá-la com a segurança do futuro (Otoniel Mota, *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo*, 1936).

O professor Otoniel Mota, em seu relatório ainda ressaltou que a cadeira passava por várias fragilidades, talvez era a que mais lutava com grandes dificuldades naquele momento, por algumas razões como pode-se destacar: as bibliotecas públicas possuíam deficiências em obras luso-brasileiras; observava-se um descaso com o passado, tornando difícil, e muitas vezes impossível, realizar pesquisas. Era observado também o despreparo dos alunos, porque muitos nunca haviam lido nada sobre Camões, nem do lírico, nem do épico, pois os programas secundários não exigiam. Relatou também que teve um árduo trabalho para lutar contra essa deficiência que os alunos traziam, ensinando-os a gênese da literatura lusitana, o

lirismo dos trovadores registrado nos Cancioneiros. Com todas essas dificuldades, vem juntar-se a vastidão da matéria, brigando com a escassez de tempo, quando era pensado já o desdobramento da Cadeira. O Prof. Otoniel ainda relatou nas suas considerações enfatizando que era de se lamentar que foram americanos, e não portugueses e brasileiros, que publicaram os documentos inéditos do reinado de D. Manuel.

### 3.3.1 Desdobramento na Cadeira de Literatura Luso-Brasileira

Finalmente, em meados de 1936, foi aprovado o proposto desdobramento da cadeira de Literatura Luso-Brasileira. Diante das dificuldades enfrentadas para trabalhar as literaturas de dois povos, ela precisou ser desdobrada em duas cadeiras, ficando da seguinte maneira: Literatura Portuguesa e Literatura Brasileira. Nota-se que o professor assim poderia trabalhar de maneira organizada, trazendo aos alunos um ensino e didática eficaz, podendo trabalhar a literatura de cada povo com sua devida relevância.

No mesmo ano, o professor Otoniel Mota, participou de uma conferência; na oportunidade que lhe foi concedida, discorreu sobre “O Lirismo nos Lusíadas”, levando o público universitário a refletir sobre a boa literatura portuguesa. No ano de 1938, o Prof. Otoniel, passou a ocupar a cadeira de Filologia Portuguesa, isso ocorreu por ser um conhecido filólogo brasileiro, passando a cadeira de Literatura Luso-Brasileira a ser ocupada pelo professor contratado Fidelino de Figueiredo<sup>26</sup>.

---

<sup>26</sup>Nasceu em Lisboa, em junho de 1888. Educou-se no Liceu Central de Lisboa, formando-se pelo Curso Superior de Letras (1910); fundador e editor da “Revista de História” (1912-1928); técnico do Departamento da Educação Pública (1914, 1917-1919, e 1927); deputado nacional, por Sives (1918-1919); exilado (1927-1929); professor de Literatura na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade da Califórnia (1931); professor da Universidade Nacional do México (1931); professor da Universidade da Columbia, Nova York (1931); professor do Instituto de Altos Estudos da Academia de Ciências de Lisboa (1932); vice-presidente da academia Internacional de História das Ciências (1932-1934); professor da Universidade da Califórnia (1937); realizou vários cursos na Sociedade de Geografia de Lisboa, faculdade de Filosofia e Letras, Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, Universidade do Porto, Sociedade Martins Sarmento de Guimarães, *Real College* de Londres, Centro de Estudos Históricos de Madri, Centro de Intercâmbio Intelectual Germano Espanhol de Madri, Sociedade Econômica Matritense, Universidade de Salamanca, Círculo de Belas Artes de Bilbáio, *Sociedade Menendez y Pelayo*, de Santander, Centro Iber-Americano de Praba, na Universidade de *Stanford*, na Universidade da Califórnia em Los Angeles, Instituto das Espanhas, nos Estados Unidos, na Universidade de Santiago de Compostele, Centro dos Artesãos de Corunã e na Casa de Espanha em Lisboa. Colaborador de vários jornais do Brasil e de outros países sul-americanos. Foi membro do “Instituto de Coimbra”, do “Instituto Histórico de Sergipe”, “Academia das Ciências de Lisboa”, “Instituto Arqueológico Pernambuco”, “Academia Espanhola de História”, “Instituto de Ciências e Letras de Pernambuco”, “Sociedade Científica-Artística Literária “Luís de Camões”, de Nápoles, “Instituto Varnhagen” do Rio de Janeiro, “Academia de Belas Artes”, de Barcelona, “Academia de História de Cuba”, Havana, “Centro de Estudos Arqueológicos do Rio de Janeiro”, “Junta de História e Numismática Americana”, de Buenos Aires”, “Associação de Escolas Móveis e Jardins-Escolas João de Deus”, de Lisboa; professor honorário da Faculdade de Filosofia e Letras do Rio de Janeiro; membro honorário do “Gabinete Português de Leitura”, do Rio de Janeiro, membro de P. E. N. Clube de Londres; membro honorário da Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães; membro honorário do *Sigma Deatl*

O novo professor trouxe organização ao ensino do curso. Refletia sobre um programa de ensino ideal, com um elenco dos conhecimentos fundamentais sobre a história das duas literaturas. No primeiro semestre, havia exposição da matéria com críticas de ideias gerais sobre a literatura medieval e quinhentista, e temas de literatura comparada hispano-portuguesa, diante do método praticado. Ao final de cada mês, no último dia útil, era promovida uma recapitulação geral por escrito. No segundo semestre, era adotado um método diverso: depois da demonstração crítica de ideias para iniciar os estudantes na filosofia da literatura crítica, os alunos faziam leituras de textos, e em volta da obra era analisada profundamente a vida e o conjunto da obra do autor, e a sua época literária. As obras eram escolhidas de acordo com a curiosidade dos estudantes, para mais lhe cativar a atenção. Ainda, o professor escolhia uma obra romântica portuguesa como centro de estudo do romantismo em Portugal e das características gerais do romantismo europeu, um poema romântico brasileiro, para estudar romantismo brasileiro, e uma obra de autor realista português e outra de autor brasileiro da mesma época, com propósito análogo.

Por meio da análise do *Anuário da FFCL/USP* no ano de 1938, pode-se observar que o professor trabalhou detalhadamente a disciplina, destacando cada momento que a literatura tanto brasileira como portuguesa passou, destacando: a Era Medieval (1189-1502); I Época (1189-1434); o lirismo – teorias sobre suas origens; vestígios de poesia épica – historiografia; vestígios de teatro; Novelística; outras formas de prosa.

I Época (1434-1502) tratava de: Fernão Lopes e os cronistas régios; poesia palaciana; novos vestígios de teatro; gêneros vários em prosa: o ciclo joanino; panorama geral do medievalismo português; influências nele dominantes.

A Era Clássica (1502-1825) era abordada com Gil Vicente e o teatro peninsular; Sá de Miranda e a Reforma Literária Renascentista; teatro clássico; lirismo; novelística; Camões; Escola Camoniana, lírica e épica; narrativas de naufrágios; contribuição brasileira; o Brasil na literatura portuguesa quinhentista.

A II Época (1580-1756) expunha as principais correntes determinantes da fisionomia da época: o movimento academicista em Portugal e no Brasil; lirismo; teatro; outros historiadores; D. Francisco Manoel de Melo; Padre Antônio Vieira; poesia satírica; poesia épica e narrativa; místicos e moralistas; novelística; epistolografia; Gregório de Matos; autores brasileiros e matéria brasileira desta época.

A III Época (1756-1825) incluía: a Arcádia Lusitana e a reforma literária; o grupo mineiro e as origens da literatura brasileira; Academias Brasileiras, suas principais figuras e obras; a Academia Real das Ciências de Lisboa; constituição dos estudos de história literária; autores independentes; panorama geral do classicismo português.

A Era Romântica (1825) tratava de: Pré-Romantismo na Europa e na América; Formação das literaturas ibero-americanas; critérios para a divisão da história da literatura brasileira: de Fernand Denis a Artur Mota.

O Romantismo em Portugal (1825-1865) versava sobre: o que sobrevive de classicismo; Garret; Herculano; Castilho; lirismo; romance histórico; Camilo e romance passional; Júlio Diniz e o romance campesino; outras formas de romance; teatro; historiografia; eloquência; gêneros vários.

O Romantismo no Brasil (1836-1875) incluía: Gonçalves de Magalhães; Araújo Porto Alegre; Gonçalves Dias; José de Alencar; segunda geração romântica: Junqueira Freire, Alvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Laurindo Rabelo, Varela; Castro Alves e a literatura do abolicionismo; Martins Pena e o teatro de crítica social; o romance da vida burguesa e o romance indianista (Macedo Almeida, Taunay, Alencar, etc.); Varnhagem e a historiografia; o Instituto Histórico e o Geográfico Brasileiro; constituição da História literária.

O Realismo em Portugal (1865-1900) tratava de: preliminares – a herança romântica; a luta pelo novo credo estético; as conferências do casino; João de Deus; Antero de Quental; Teófilo Braga; Guilherme Braga; Guilherme de Azevedo; João Penha; Junqueiro; Gomes Leal; Cesário Verde; Eça de Queirós e o romance realista; outras formas de romance; teatro; Oliveira Martins; progressos da historiografia social: Gama Barros, Costa Lobo, Sampaio, etc.; a eloquência parlamentar e acadêmica; Fialho de Almeida e o conto; outros contistas; livros de viagens; a crítica social; conclusão sobre o realismo português e sua influência; a sobrevivência do romantismo na época realista.

O Realismo no Brasil (1875-1908) abordava: principais poetas parnasianos como Raimundo Corrêa, Olavo Bilac e Alberto de Oliveira; os romancistas naturalistas: Júlio Ribeiro, Aluísio de Azevedo, Raul Pompeia; o sertanismo: Coelho Neto, Afonso Arinos, Afrânio Peixoto; Machado de Assis, sua singularidade e sua evolução literária; a literatura do abolicionismo: Nabuco, Patrocínio, Silveira Martins, Tobias Barreto; historiografia política e social; a Academia Brasileira; pensadores e publicistas; Rui Barbosa; a crítica literária: Sílvio Romero, José Veríssimo, Araripe Junior.

A literatura novecentista em Portugal (1900-atualidade) tratava de: simbolismo e nacionalismo; modernismo; desenvolvimento de estudos críticos e históricos; principais tendências contemporâneas.

A literatura novecentista no Brasil (1900-atualidade): americanofilia e americanofobia: Eduardo Prado; o decadentismo: Cruz e Souza; brasilidade; principais tendências contemporâneas; diferenciações e contrastes regionais; a literatura e a consciência de nacionalidade.

Quando foi aprovado o proposto desdobramento da Cadeira de Literatura Luso-Brasileira em 1936; após aprovado, a grade curricular ainda continuou com o nome Literatura Luso-Brasileira, mas, no plano de ensino do Prof. Fidelino Figueiredo, era dividida assim como estudamos acima. Em 1938, o *Anuário da FFCL/USP*, em que aparece o nome da cadeira, não continha a subdivisão em: Literatura Brasileira e Literatura Portuguesa; quem ministrava a disciplina era um único professor.

### 3.4 A Cadeira de Literatura Brasileira

Somente em 1942, ano em que houve outra reforma curricular que padronizou nacionalmente a base das disciplinas oferecidas pelas Faculdades de Filosofia, foi que, na grade curricular, apareceu o nome da disciplina Literatura Brasileira.

Nesse ano, a disciplina era oferecida no primeiro ano do curso, e o professor designado para a cadeira foi Mário Pereira de Souza Lima. Ele permaneceu nela de 1º de janeiro de 1942 até 22 de agosto de 1945. Em 1945, posta a cadeira em concurso, o professor Souza Lima se inscreveu e foi nomeado catedrático (decreto de 14 de agosto de 1945), no dia 23 de agosto de 1945.

Quanto aos assistentes da cadeira no ano de 1944, de janeiro a dezembro, o licenciado Manuel Cerqueira Leite (licenciado em Letras Clássicas; doutor em Letras; livre-docente de Literatura Brasileira), exerceu as funções de 1º assistente da cadeira; do dia 13 de outubro de 1945 em diante estas funções passaram a ser exercidas pelo licenciado José Aderaldo Castelo (licenciado em Letras Clássicas; doutor em Letras).

De agosto de 1947 a janeiro de 1949, período em que o professor Mário Pereira de Souza Lima esteve afastado da cadeira, foi indicado para substituí-lo como de direito um livre-docente, tendo recaído a escolha sobre o professor Manuel Cerqueira Leite, que havia sido assistente da cadeira em 1944.

O professor Mário Pereira de Souza Lima afastou-se da Cadeira e esteve nos Estados Unidos a convite do departamento de Estado. Exerceu as funções de professor visitante na Universidade de São Francisco e na Universidade de *Stanford*, Palo Alto, Califórnia. Realizou durante um ano cursos de História do Brasil, Literatura e Instituições Brasileiras nas universidades indicadas. Além desses cursos, realizou na Universidade de *Stanford*, por pedido do seu departamento de Línguas Românicas, uma revisão da parte portuguesa e brasileira da Biblioteca Geral. Todo esse trabalho resultou na organização de uma bibliografia de mil livros. A ele, foi conferido o título de representante das Bibliotecas da Universidade de Stanford no Brasil. O professor ainda participou de conferências na Universidade de Columbia e em Nova York.

Vale destacar a participação do assistente José Aderaldo Castelo, na conferência em setembro de 1949, na cidade de Marília, cujo tema era “Panorama da Literatura Brasileira”.

Em relação ao ensino da cadeira de Literatura Brasileira, a orientação didática manteve-se sempre a mesma, além da introdução metodológica que acompanha os cursos, procurou-se estudar e discutir os problemas básicos e gerais da história literária do Brasil. A disciplina era ministrada aos alunos do 2º e 3º ano de Letras Clássicas, e de Letras Neolatinas, além do 4º ano e Curso de Especialização, em que a Cadeira de Literatura Brasileira, como as demais, era optativa. O programa foi elaborado levando-se em consideração a seriação ano indicada; de modo geral, estudava-se no 2º ano questões de metodologia e os principais aspectos da Literatura Colonial; no 3º ano também os principais aspectos da Literatura Brasileira do século XIX, reservando para o 4º ano e Especialização, o estudo do modernismo (século XX). Para os alunos, foi exigida a leitura de obras fundamentais, além da elaboração de trabalhos escritos sobre temas indicados, para serem apresentados um no primeiro e outro no segundo semestre letivo.

O Prof. Mário Pereira Souza Lima, teve um cuidado especial com a bibliografia geral indicada e comentada, com a relação de obras cuja leitura era recomendada em caráter obrigatório aos alunos, pois era exigido dos mesmos “trabalhos de aproveitamento”.

No decorrente período, foram desenvolvidas várias atividades pela Cadeira, entre elas, trabalhos escritos e publicados pelo professor Mário Pereira Souza Lima e pelo assistente da Cadeira José Aderaldo Castelo. No ano de 1950, a Cadeira ainda era ocupada por eles.

O professor, além da orientação dos cursos regulares, exerceu outras atividades: foi membro por designação do Conselho Nacional de Educação, da Comissão Examinadora do Concurso de Português, realizado em junho e julho de 1950, no Colégio Pedro II, para escolha de professor catedrático, membro das Comissões Examinadoras do doutoramento em

Literatura Portuguesa do licenciado Segismundo Spina e do doutoramento em Literatura Brasileira do licenciado José Aderaldo Castello, sendo também orientador da tese deste último, que doutorou-se no dia 7 de outubro de 1950, com defesa de tese realizada na Faculdade.

A Cadeira possuía biblioteca que contava com 347 volumes, que foram adquiridos em 1947, com verba especial; posteriormente, até 1950, não foi feita nenhuma aquisição em virtude da falta de verba. Destaca-se na biblioteca da Cadeira, uma coleção do volume I ao LX da Revista da Academia Brasileira. O atendimento da biblioteca era oferecido no período da manhã para os consulentes, sendo também circulante e privativa dos alunos.

Em vista disso, percebe-se que até aqui em nosso período de estudo, a Cadeira passou por mudanças e transformações ao longo dos anos, onde todas essas transformações contribuíram para um ensino melhor oferecido pela FFCL/USP.

### 3.5 A Cadeira de Literatura Portuguesa

Como já pontuamos anteriormente, na fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo em 1934, o ensino da Literatura Portuguesa, assim como a Literatura Brasileira, em seu início, não constituiu uma cadeira para ambas as disciplinas separadamente, sendo apenas disciplina da Cátedra de Literatura Luso-Brasileira (seção de Letras, 3º ano), instalada em 1936 e provida inicialmente pelo Prof. Otoniel Mota.

Em 1935, o Prof. A. de Almeida Prado, na ocasião diretor da Faculdade, propôs a o Conselho Universitário o desdobramento da Cadeira de Literatura Luso-Brasileira (Anuário da FFCL/USP de 1936, p. 55). A proposta foi aprovada em 12 de janeiro de 1936, mas executada apenas em 1939, quando então se instalou sob a regência do professor Fidelino de Figueiredo, a Cadeira de Literatura Portuguesa (3º ano do Curso de Letras Clássicas).

Em relação ao corpo docente, desde 1938, o professor Fidelino de Figueiredo esteve na direção do ensino da Cadeira de Literatura Portuguesa. Durante os anos que esteve à frente, o renomado mestre da crítica, a par de seu excepcional labor de investigador e escritor, dedicou-se cuidadosamente à preparação de alunos e, principalmente, à formação de um grupo de auxiliares especializados na matéria.

Em 1942, convidou para 1º assistente o licenciado Antônio Soares Amóra, pois estava preparando-o para o doutoramento em 1946, e para o concurso de docência livre em 1947. Em 1945, foi convidado para auxiliar de ensino o licenciado Segismundo Spina, que rapidamente



iniciou a preparação de sua tese de doutoramento. Nos anos de 1945 e 1946, associou-se à Cadeira como assistente substituto o licenciado Manuel Cerqueira Leite. Nos anos de 1945 e 1946, o professor Fidelino de Figueiredo precisou se ausentar, sendo substituído pelo licenciado Antônio Soares Amóra.

Em relação ao ensino, desde os princípios de 1938, a preocupação do professor Fidelino era em dar aos alunos uma orientação histórica e bibliográfica completa e uma real experiência crítica. Com tais objetivos determinados, deu aos seus cursos uma orientação geral: de um lado, havia cursos expositivos; de outro, cursos práticos. Os cursos expositivos tinham como objetivo evoluírem sempre do ensino dos problemas gerais da história da cultura e literatura portuguesa para o estudo monográfico de grandes individualidades literárias, cujas principais obras são lidas em profundidade. Já os cursos práticos levavam cada aluno a preparar semestralmente um relatório de leitura de obras dos autores inclusos no programa vigente.

Havia o exame oral, por meio do qual se verificava o aproveitamento no curso expositivo; nos exames escritos, o aproveitamento no curso prático.

No curso de Especialização instituído em 1946, o professor associou os alunos a seus trabalhos de investigação. Assim, em 1946, o curso sobre “Prolegômenos para uma Filosofia da Literatura” complementou a obra “A luta pela expressão, Coimbra, Nobel, 1944”; o curso de 1947 foi ministrado pelo assistente Antônio Soares Amóra, sobre a poesia de Antônio Nobre e o pré-modernismo português; o curso de 1948, sobre “A gênese da epopeia”, acompanhou a elaboração final da *Épica portuguesa no século XVI* (Boletim da Faculdade, Letras nº 6, 1950); curso de 1949, “Influências de Shakespeare” sobre o romantismo português: Garret, acompanhou a elaboração da monografia “Shakespeare e Garret” (Boletim de la Academia Argentina de Letras, 1949).

Quanto às pesquisas e atividades desenvolvidas pela cadeira, o professor Fidelino de Figueiredo as desenvolvia juntamente com seu assistente seu auxiliar de ensino. Todos os trabalhos de investigação realizados pelo professor e seus auxiliares, no âmbito da Faculdade, estão documentados nos Boletins de Letras, e, fora do âmbito da Faculdade, estão documentados pela bibliografia particular de cada um. No ano de 1950, a Cadeira de Literatura Portuguesa ainda contava com o professor Fidelino de Figueiredo, com o assistente Antônio Soares Amóra e o auxiliar de ensino Segismundo Spina. tendo o ensino seguido o mesmo programa anterior.

Aqui destaca-se que a biblioteca da cadeira era ainda muito pequena, com cerca de 300 volumes de obras de consulta mais frequente e não havia empenho em aumentá-la, porque a

Biblioteca Central da Faculdade e várias bibliotecas públicas locais supriam as necessidades do curso do bacharelado e em partes as do curso de especialização. E, para trabalhos de pesquisas e para estudos especiais, o acervo dessas bibliotecas era completado com o das bibliotecas particulares do pessoal da cadeira e com microfilmes.

Foram efetuados no ano de 1950, vários trabalhos e pesquisas. Além do curso normal, o professor da Cadeira realizou seminários de pesquisa sobre pontos escolhidos entre uma lista de temas referentes à poesia épica, pequenos escritos na imprensa portuguesa, brasileira e estrangeira, sobre temas circunstanciais, e resenhas de livros em revistas especializadas. Dos trabalhos realizados pelo assistente e auxiliar de ensino merecem especial referência os seguintes: Antônio Augusto Soares Amóra (livre-docente e assistente da Cadeira) fez estágio de quatro meses em Portugal. No decorrer do ano de 1950, além dos trabalhos docentes, em colaboração com o professor da Cadeira, estudou a documentação histórica e literária trazida de Portugal, particularmente os manuscritos do Manuel Pires de Almeida (crítico seiscentista da obra de Camões) e os inéditos de nossas academias setecentistas. A propósito, é importante destacar que Manuel Pires de Almeida iniciou sua tese de concurso, além de ter proferido alguns cursos e várias conferências.

O auxiliar de ensino Segismundo Spina doutorou-se em Letras no final de 1950; fora a docência na orientação dos trabalhos práticos da disciplina, também preparou sua tese de livre-docência.

Conclui-se que a Cadeira antes mesmo de sua criação passou por várias mudanças até o período de nosso estudo, tudo em busca de um melhor ensino e formação de professores qualificados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendeu-se com este estudo identificar como ocorreu a institucionalização do curso de Letras Clássicas e Português na FFCL/USP entre os anos 1934 e 1950, e mais especificamente: a) rastrear a distribuição geográfica do curso de Letras no país, mostrar a especificidade do curso de Letras Clássicas e Português na FFCL/USP, e o público de alunos que frequentaram o curso de acordo com o sexo; b) estudar a distribuição curricular do curso de Letras Clássicas e Português entre os anos 1934 e início dos anos 50; c) analisar a distribuição das cadeiras do curso, como era desenvolvido o ensino e pesquisa na época pelos catedráticos, assistentes e auxiliares. Ressaltamos que o estudo consiste fundamentalmente na institucionalização do curso de Letras Clássicas e Português na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, entre 1934 e 1950.

Como mencionamos anteriormente, trata-se de uma pesquisa histórica documental, do tipo qualitativa, as principais fontes foram os anuários da FFCL/USP e os anuários estatísticos do Brasil, e, para embasar a análise, foi utilizado como principal autor Pierre Bourdieu, que contribuiu para este estudo com seus conceitos de campo, *habitus*, bens e capital. A aplicação desses conceitos revelou como agentes, estruturas e disputas, moldaram o desenvolvimento do curso, consolidando como um campo acadêmico independente. A pesquisa foi realizada mediante análise do curso de Letras Clássicas e Português na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade São Paulo, e para que fosse possível o estudo, contamos com as fontes (anuário da FFCL/USP e anuários estatísticos do Brasil) e mapeamento de produções acadêmicas da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), com recorte temporal de 1934 a 1950, e obras de autores que estudaram a história de cursos universitários.

No primeiro capítulo, exploramos o peso dos números em relação ao curso de Letras. Rastreamos a distribuição geográfica do curso e as respectivas Universidades e Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras que estavam inseridos, os números de matrículas de alunos, números do corpo docente, números de cursos por unidade federativa e a estrutura das diferentes seções que compunham o curso de Letras, abrangendo o período das décadas de 1930 até princípios de 1950. Nesse contexto, apresentamos quadros para melhor compreensão dos leitores dos dados analisados. Exibimos uma breve observação sobre as transformações pelas quais a sociedade brasileira estava passando. Com isso, foi-nos permitido compreender o lugar que o curso de Letras ocupou na FFCL/USP, e um comentário sintético das licenciaturas que faziam parte da Faculdade no período, e mais especificamente sobre o curso de Letras, o que era atribuído ao curso, sobre a ótica de atas, discussões legislativas,

discursos, boletins e aulas inaugurais, publicadas nos anuários da FFCL/USP entre os anos propostos pelo nosso estudo. Também exibimos a movimentação dos estudantes dos cursos da seção de Letras, com base no número de alunos matriculados e formados, evidenciando-se os cursos mais escolhidos por homens e mulheres. Com base em tais apontamentos, ao examinar o perfil dos alunos dos cursos de Letras, verificamos que a procura de mulheres é superior a de homens, de acordo com as listas de matrículas e listas de formandos do curso. Segundo Tupy 2002; Blay & Lang 2004, a escolha dos cursos pelos alunos esteve relacionada às características do mercado de trabalho da época e as oportunidades de inserção de mulheres nas áreas da FFCL/USP, impulsionados também pelo crescimento demográfico da população brasileira.

No segundo capítulo, investigamos de que maneira começou a se construir o campo disciplinar do curso de Letras Clássicas e Português na FFCL/USP, observando a especificidade de estudar o campo disciplinar do curso, pois foi o primeiro a ser criado no período, juntamente com a fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo em 1934. Conforme Roiz (2021), um campo disciplinar define-se pela delimitação de normas e condições específicas que orientam a pesquisa e a análise de determinado domínio do saber. A sua função abrange tanto a produção de conhecimento quanto a formação de novos profissionais para o exercício prático dessa área. Enquanto produto da trajetória histórica, o campo disciplinar também atua como agente na criação de novas normas para o estudo da história e de outras esferas. O desenvolvimento de um campo disciplinar pode ainda gerar subdivisões internas, resultando em áreas de especialização mais específicas. Conseqüentemente, o crescimento de um campo está intimamente relacionado com o dinamismo de determinadas teorias, metodologias e práticas discursivas que o sustentam e conferem-lhe um grau de autonomia em relação a outros campos de estudo. Nesse capítulo também nos foi permitido observar e analisar quais as mudanças que ocorreram na grade curricular do curso de Letras Clássicas e Português, e nos cursos que faziam parte da subseção de Letras, como Línguas Estrangeiras até o final da década de 1930, e após esse período, mais precisamente no início da década de 1940 o curso de Línguas Estrangeiras se desdobra em Letras Neolatinas e Letras Anglo-germânicas. Segundo Bourdieu (1988, 1999, 2009), estava em formação um “campo intelectual” na área, com suas regras ainda sendo definidas, disputa de poder e mecanismos de ação em desenvolvimento. Nesse sentido, o ambiente não apresentava um *habitus* já consolidado para os agentes sociais, mas sim um cenário em que praticamente todos os elementos estavam sendo moldados para estruturar esse “campo”.

No terceiro capítulo analisamos a distribuição das cadeiras que faziam parte do curso de Letras Clássicas e Português, são elas as cadeiras de Filologia Portuguesa, Língua e Literatura Latina, Língua e Literatura Grega, Literatura Luso-Brasileira, Literatura Brasileira e Literatura Portuguesa, destacando as contribuições que os catedráticos, assistentes e auxiliares tiveram sobre as respectivas cadeiras que faziam parte, sobretudo contemplando como era desenvolvido o processo de ensino e pesquisa na época. Mostramos as proximidades das cadeiras para constituírem um conjunto coerente de disciplinas, com o intuito de preparar alunos para serem professores secundários e professores pesquisadores. Foi observado o desdobramento de algumas cadeiras, que, devido a uma combinação de fatores pedagógicos, culturais e institucionais, refletiu em mudanças na organização da FFCL/USP. Tais desdobramentos trouxeram a valorização de estudos linguísticos e literários, pois, como observamos no período, houve um esforço para profissionalizar e aprofundar os estudos das línguas, literatura e cultura clássica, o que exigia maior especialização nas cadeiras.

Portanto, nosso estudo teve como principal objetivo, preencher as lacunas deixadas nas produções anteriores, sobre o estudo do processo formativo do curso de Letras, sobretudo a institucionalização do curso de Letras Clássicas na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo entre 1934-1950. Acompanhamos como ocorreram as primeiras experiências de ensino e pesquisa entre as cadeiras do curso de Letras Clássicas e Português da FFCL/USP. Algumas predominaram mais a exposição do ensino e as disciplinas que eram oferecidas. Quanto à pesquisa, pode-se observar que as cadeiras desenvolveram vários trabalhos entre seminários, conferências, colóquios, viagens de professores que iam até o exterior para realizar trabalhos acadêmicos, e para substituí-los ficavam a cargo seus assistentes e auxiliares das cadeiras, que assumiam e desenvolviam o ensino durante o período que estavam à frente.

As cadeiras compartilharam uma preocupação em comum, que era definir o campo disciplinar das áreas que ocupavam. As cadeiras de literatura tanto portuguesa como brasileira encontraram campo fértil para se desenvolverem, fazendo ser reconhecido por parte dos alunos, livros e até mesmo autores, que esperavam que quando chegassem à faculdade já fossem conhecidos. Nesse contexto, o estudo greco-latino atravessou um terreno de mudanças, mas com tudo se tornaram independentes, desenvolvendo nos alunos um conhecimento desses povos greco-latinos de estimável valor, para que chegassemos até os nossos dias.

Muitos professores no início da criação do curso de Letras Clássicas, assim como de outros cursos da Faculdade, eram trazidos da França, Portugal, Itália; fator que favoreceu o desenvolvimento do campo disciplinar, pois tiveram olhar sensível e o profissionalismo de

apresentar aos iniciantes do ofício como fazer pesquisas, sem negligenciar a relevância do ensino para suas carreiras.

A preocupação em fortalecer o campo das Letras era notório, em que professores, assistentes e auxiliares realizaram um trabalho que envolveu os alunos, que preparou novos docentes para serem professores secundários que viessem a fazer um trabalho de valor.

Por fim, este trabalho não só resgata aspectos históricos, mas também incentiva novos estudos sobre a evolução dos cursos universitários no Brasil, abrindo espaço para uma reflexão sobre o impacto de fatores sociais e culturais na formação acadêmica e na valorização do docente.

## REFERÊNCIAS

Anuário da Universidade de São Paulo 1934-1935, São Paulo, 1936.

Anuário da Universidade de São Paulo, 1936-1937, São Paulo, 1938.

Anuário da Universidade de São Paulo, 1938-1939, São Paulo, 1940.

Anuário da Universidade de São Paulo, 1940-141, São Paulo, 1942.

Anuário da Universidade de São Paulo, 1942, São Paulo, 1942.

Anuário da Universidade de São Paulo, 1943, São Paulo, 1943.

Anuário da Universidade de São Paulo, 1944, São Paulo, 1944.

Anuário da Universidade de São Paulo, 1945, São Paulo, 1945.

Anuário da Universidade de São Paulo, 1946, São Paulo, 1946.

Anuário da Universidade de São Paulo, 1948, São Paulo, 1948.

Anuário da Universidade de São Paulo, 1949, São Paulo, 1949.

Anuário da Universidade de São Paulo, 1950, São Paulo, 1950.

Anuário da Universidade de São Paulo, 1951, São Paulo, 1951.

Anuário da Universidade de São Paulo, 1952, São Paulo, 1952.

Anuário Estatístico do Brasil de 1937. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1938, ano III.

Anuário Estatístico do Brasil de 1939-1949. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1941, ano V.

Anuário Estatístico do Brasil de 1946. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1947, ano VII.

Anuário Estatístico do Brasil de 1951. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1952, ano XII.

Anuário Estatístico do Brasil de 1952. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1953, ano XIII.

Anuário Estatístico do Brasil de 1953. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1953, ano XIV.

Anuário Estatístico do Brasil de 1954. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1954, ano XV.

BLAY, Eva; LANG, Alice Beatriz (org). **Mulheres na USP: horizontes que se abrem**. São Paulo: Humanitas, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kuhner. 6ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Tradução e introdução de Sérgio Miceli. 2ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1999.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, R. (org). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. (Grandes Cientistas Sociais, n. 39).

BOURDIEU, Pierre **O poder simbólico**. 7ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Ninguém escapa da educação**. São Paulo: Ática, 1985.

CACETE, Núbia Hanglei. Breve história do ensino superior brasileiro e da formação de professores para a escola secundária. **Educação e Pesquisa**, vol. 40, n. 4, dez. 2014.

CARDOSO, Zelia de Almeida. Letras clássicas. **Estudos Avançados**, v. 8, p. 389-394, 1994.



CARVALHO, Silvana Maura Batista. **A formação do professor de história na Faculdade de Filosofia da Universidade Estadual de Ponta Grossa de 1950 a 1970:** propostas curriculares e memórias docentes. Tese de doutorado em Educação. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

CASTRO, Amélia D. A Licenciatura no Brasil. **Revista de História**, São Paulo, nº 100, 1974, p. 627-34.

CERDEIRA, C. M. **O ensino superior e a mulher:** aspectos da presença feminina na Universidade de São Paulo nas décadas de 1930 a 1950. 2001. Tese (doutorado em História), Faculdade de Filosofia, Ciências e Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

COELHO, Edmundo Campos. **As profissões imperiais:** medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro, 1822-1930. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.

COSTA, C. C. da; GONÇALVES, H. M. Formação pedagógica no curso de pedagogia: indefinições e desafios. *Revista on line de Política e Gestão Educacional*, Araraquara, v. 24, n. 2, p. 631–649, 2020. DOI: 10.22633/rpge.v24i2.13772. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/13772>. Acesso em: 9 jan. 2025.

CURTIUS, Ernest. **Literatura europeia e Idade Média Latina**. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1979.

FÁVERO, Maria de Lourdes. **Universidade do Brasil:** das origens à construção. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Notas sobre a institucionalização de cursos universitários de História no Rio de Janeiro. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado (org.). **Estudos sobre a escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora 7 letras, 2006.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **A história como ofício:** a constituição de um campo disciplinar. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2013.

FIALHO, Denise; FIDELES, Lara. As primeiras faculdades de letras no Brasil. **Helb**, v. 2, n. 2, 2008.

FIORIN, José Luiz. A criação dos cursos de Letras no Brasil e as primeiras orientações da pesquisa linguística universitária. **Línguas e Letras**, v. 7, n. 12, p. 11-25, 2006.

FONSECA, Selva G. **Ser professor no Brasil: história oral de vida**. Campinas: Papyrus, 1997.

FREITAS, Marcos C. (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998.

GAY, Peter. **O estilo na história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GEHRING, Fernanda; CASTELA Greice. O papel da universidade na formação inicial de professores: um olhar para os projetos políticos pedagógicos do curso de letras de uma universidade pública. **Travessias**, v. 9, n. 2, p. 26-44, 2015.

GUIMARÃES, Vinicius Oliveira Seabra. Análise do método em Pierre Bourdieu. **Revista Científica de Educação (RCE - Fac Mais)**, v. 3, p. 60-77, 2018.

LIMONGI, Fernando. **Educadores e empresários culturais na construção da USP**. Dissertação de mestrado em História, IFCH/UNICAMP, Campinas, 1988.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Tecendo nexos: história das instituições educativas**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

MESQUITA, Nyuara Araújo da Silva; SOARES, Márlon Herbert Flora Barbosa. Aspectos históricos dos cursos de licenciatura em química no Brasil nas décadas de 1930 a 1980. **Química nova**, v. 34, n. 1, p. 165-174, 2011.

MICELI, Sérgio (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**. São Paulo: Vértice; Editora Revista dos Tribunais: IDESP, 1989.

MICELI, Sérgio (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**. São Paulo: Sumaré; FAPESP, 1995.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NADAI, Elza. **A educação como apostolado: história e reminiscências** (São Paulo, 1930-1970). Tese de livre docência em Educação, FE/USP, São Paulo, 1991.

OLIVEIRA, Antonio José Barbosa. (org.). **Universidade e lugares de memória**. Rio de Janeiro: UFRJ, Fórum de Ciência e Cultura, 2008.

PASSERON, Jean-Claude. **Los herederos: los estudiantes y la cultura**. Buenos Aires: Sigilo XXI, 2009.

RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. **A institucionalização da formação em História: o curso de Geografia e História da UPA/URGS (1943-1950)**. Dissertação de Mestrado em História. UFGRS, Porto Alegre, 2002.

RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. O papel da universidade no “campo da história”: o curso de Geografia e História da UPA/URGS na década de 40. **Métis: história e cultura**, UCS, v. 1, n. 2, p. 75-101, 2003.

ROIZ, Diogo da Silva. **A institucionalização do ensino universitária de História na Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras da Universidade de São Paulo, 1934-1956**. Dissertação (Mestrado em História). UNESP, Franca, 2004

ROIZ, Diogo da Silva. **Para ser historiador no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2020.

ROIZ, Diogo da Silva. **O curso de Geografia e História da FFCL/USP e a constituição de um campo disciplinar em São Paulo (1934-1968)**. São Paulo: Alameda, 2021.

ROIZ, Diogo da Silva; GONTIJO, Rebeca, ZIMMERMANN, Tânia (eds.). **As historiadoras e o(s) gênero(s) na escrita da História: uma geração de pesquisadoras que consolidou os estudos históricos no Brasil**. Volume 1. Campinas: Mercado de Letras, 2020a.

ROIZ, Diogo da Silva; GONTIJO, Rebeca, ZIMMERMANN, Tânia (eds.). **As historiadoras e o(s) gênero(s) na escrita da História: uma geração de pesquisadoras que consolidou os estudos históricos no Brasil**. Volume 2. Campinas: Mercado de Letras, 2020b.

SAMPAIO, Helena. **Evolução do ensino superior brasileiro, 1808-1990**. Publicado pelo Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior da Universidade de São Paulo, documento de trabalho 8/91. [s.d.].

SANTOS, Alessandra Soares. Francisco Iglésias e o curso de Geografia e História da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais (década de 1940). **História da historiografia**, v. 6., n. 11, p. 104-121, 2013.

SAVIANI, Dermeval. **A pedagogia no Brasil: história e teoria**. Campinas: Autores Associados, 2008.

SCARTEZINI, Natalia. Introdução ao método de Pierre Bourdieu. **Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais**, Unesp, n. 14/15, 2011.

SCHWARTZMAN, Simon. **Formação da comunidade científica no Brasil**. São Paulo: Ed. Nacional; Rio de Janeiro Financiadora de Estudos e Projetos, 1979.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. **Tempos de Campanema**. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas e Editora Paz e Terra, 2000.

SOUZA, Roberto Acízelo. de.. Os cursos de Letras no Brasil: passado, presente e perspectivas. **Opiniões**, vol. 3, n. 4-5, p. 13-26, 2014.

TAVARES, Maria da Conceição. **Da substituição das importações ao capitalismo financeiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

TUFFANI, Eduardo. Para a história dos cursos de letras no Brasil com atenção ao de letras clássicas no seu estabelecimento. **Em Tese**, v. 27, n. 2, p.13-37, 2021.

TUFFANI, Eduardo. Nota pelos cem anos do ensino superior de Filosofia no Brasil (1908-2008). **Discurso**, vol. 39, n. 39, p. 321-340, 2009.

TUPY, Ismênia. Gênero e demografia histórica: a presença feminina nos recenseamentos gerais da população brasileira (1920-1940). **Revista População e Família**, FFCL/USP, n. 4, 2002.